



Bruna Bechlin Queiroz Lopes

*El país de las mujeres* de Gioconda Belli:  
Um romance feminista?

Dissertação de Mestrado em Estudos Literários e Culturais, orientada pela Doutora Catarina Isabel Caldeira Martins, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

*El país de las mujeres* de Gioconda  
Belli: Um romance feminista?

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>EL PAÍS DE LAS MUJERES, DE GIOCONDA BELLI: UM ROMANCE FEMINISTA?</b>
<b>Autora</b>	<b>Bruna Bechlin</b>
<b>Orientadora</b>	<b>Catarina Martins</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Apolinário Lourenço</b> <b>1. Doutora Isabel Caldeira</b> <b>2. Doutora Catarina Martins</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Mestrado em Estudos Literários e Culturais</b>
<b>Área científica</b>	<b>Letras</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Estudos Literários e Culturais</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>05-07-2016</b>
<b>Classificação</b>	<b>14 valores</b>



*We cannot all succeed when half of us are held back.*

Malala Yousafzai

*I am not free while any woman is unfree, even when her shackles are very different from my own.*

Audre Lorde

*If you are neutral in situations of injustice, you have chosen the side of the oppressor.*

Desmond Tutu

*We shall not cease from exploration, and the end of all our exploring will be to arrive where we started and know the place for the first time.*

T. S. Elliot

## Agradecimentos

Dividir a vida entre Portugal e Brasil foi muito difícil, aqui sentimos saudade da família, dos amigos, dos bichinhos de estimação e das festinhas que fazemos sempre que chegamos a casa, mas lá também sentimos saudade das companheiras de aula, dos sotaques variados, das diversas possibilidades que temos quando moramos sozinha em uma nova cidade. E, ah... O Mondego!

Como consegui terminar esse desafio, quero agradecer a todas que dividiram alguma parte do caminho comigo.

Obrigada mãe, por apoiar essa escolha, me ajudar com tudo o que eu precisei para conseguir alcançar esse objetivo, por ser um exemplo de luta e até pelas discussões um pouco menos amistosas. Te amo muito, Nilza. Também aproveito para agradecer a melhor irmã que alguém poderia ter, que me defende quando ninguém mais me entende, compartilha tudo comigo e que também se alegra com as minhas conquistas... Obrigada Helo, pela amizade, carinho e por ter cuidado das coisas enquanto estive fora! Agradeço a toda a minha família, primas e primos, tias e tios, todas vocês que muitas vezes se fizeram presentes, graças a internet. Sem vocês eu não teria conseguido!

Obrigada Cissa, Carlinha, Poly, Ellenzildes, Jessy, Priscila e Brisa. Vocês são maravilhosas e sempre – ou na maioria das vezes – estiveram no Facebook e em outros meios virtuais para me darem força quando eu tinha vontade de desistir e abandonar o mestrado, obrigada pelas ideias, por lerem o que eu escrevia, pelas conversas sobre o feminismo e a luta das mulheres, pela amizade que permanece mesmo com uma grande distância e longo tempo sem contato. Obrigada Lau, por ser meu melhor amigo, compartilhar as alegrias e os desesperos, pelas melhores viagens e recordações, obrigada pela confiança que transmite de que tudo vai dar certo e por ser um amor.

Quero agradecer aos professores da UC, pela oportunidade de aprender com vocês. Professor Apolinário que me atendeu de maneira super afetuosa durante minha inscrição ao curso, fazendo com que eu me sentisse muito bem-vinda mesmo antes de sair da minha cidade, e pelas conversas e início de orientação, foi mesmo importante. Professora Catarina, obrigada pela dedicação, pela confiança que me passa e que me ajuda a sentir em mim mesma. Sua orientação foi fundamental nesse caminho, porque foi como se me reensinasse a escrever. Obrigada pelas discussões sobre feminismo, por entender o que eu queria dizer, por me ajudar desde a escolha do tema, até a entrega dessa dissertação, por me ajudar a entender os caminhos e, então, fazer melhores escolhas. Obrigada, finalmente, por lutar por um mundo mais justo, por influenciar mulheres a buscarem seus objetivos de vida e por alinhar seu discurso a sua prática de vida. Obrigada professora Bebiano pelas postagens e fotografias compartilhadas no Facebook, que nos fazem perceber que ficar um pouco online até faz bem, e, claro,

pelas aulas superinteressantes, que nos ajudam a questionar ainda mais o mundo e a sociedade. A professora Maria de Fátima Gil agradeço pelas aulas espontâneas, divertidas e brilhantes, por Calvin e por me ajudar a perceber que o cânone deve ser questionado, enfim, foram lindos convívios. Aproveito para agradecer aos meus colegas de curso, Drica, Dani, Bru, Euclides e Manuela, pelos almoços, pelas conversas e pelos cafés! Vou levar vocês comigo sempre!

Agradeço também às minhas colegas de casa e de repúblicas. Lê, Álvaro, Marco, Javi, Oriane, Maria, Ana, Raquel, Bia, Thy, Vera, Carol, Alexandra, Laura, Elaine, Pri, Ernest e Saskya; Tatá, Bora, Mini, Si e Mari Carmen... passamos diversas coisas juntas, aprendemos muito e vou levar as lembranças dos passeios, dos almoços e jantares, das conversas, discussões, festas e noite de meninas, implicâncias da dona senhoria, brincadeiras engraçadas ou nem tanto, idas ao cinema, ao mercado, a outras repúblicas, a baixa, ao Mondego, todas as lembranças ficarão sempre no meu coração.

Também agradeço por ter encontrado pessoas especiais que conheci, Cristina! As brasileiras do café feminista, Agnes! E as outras para quem qualquer razão era motivo de festa, Sângela! Agradeço a todas as pessoas que trabalhavam na faculdade de letras, na biblioteca e no CES, obrigada pelo apoio indispensável para a realização de nossas pesquisas e pelo sentimento de amizade que sentia em todas as trocas de conversa; ao pessoal das cantinas, principalmente, do colégio São Gerônimo, melhor cantina, melhores pessoas! Isso tudo me fez me sentir em casa, mesmo em Portugal. Obrigada por serem pessoas maravilhosas.

Dei atenção somente às pessoas que estiveram por perto nesses últimos quase três anos, apesar da importância que têm todas as professoras e todas as mulheres com quem já dividi caminho e que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui. Os agradecimentos não devem ter limites, porque é difícil resumir o número de pessoas para quem a gente sente vontade de agradecer pelo apoio, pela amizade, pelos momentos divertidos e até mesmo as crises.... Por essa oportunidade, sou muito grata!

## Resumo

Esta dissertação se propõe a analisar o romance *El país de las mujeres* (2010), de Gioconda Belli, com objetivo de encontrar traços que possibilitem caracterizá-lo como um romance de tese feminista. Para realizar essa análise com base nos estudos literários e culturais, buscamos em primeiro lugar, ilustrar alguns conceitos chave, como o romance de tese, a literatura feminista e a própria ideologia feminista, sobretudo da vertente ginocêntrica, desde um ponto de vista funcional para a formulação da possível tese do romance. Como pesquisa de literatura e cultura, acreditamos na importância de se entender o contexto de escrita de Belli, por isso fazemos uma breve apresentação da história do feminismo na Nicarágua e onde a autora está incluída nesse processo, além de apresentar o caminho literário da autora, desde sua primeira poesia exaltadora das mulheres e do feminino, até a publicação desse romance que afronta os poderes patriarcais desde várias fontes. A partir dessas informações, analisamos o romance sob uma perspectiva literária e cultural, a fim de descobrir se a tese encontrada no início do romance é suficiente para defini-lo como romance de tese feminista. Entendemos que a tese em questão afirma que: a valorização da feminilidade socialmente construída e sua reprodução são importantes para que existam relações sociais equitativas. Achamos importante enfatizar desde o início o caráter resistente da literatura produzida por mulheres, que permite a criação de realidades diferentes das produzidas pelo universo literário machista e que oferece às leitoras maneiras novas de perceber o mundo e de interagir em sociedade, influenciando a ruptura com as bases opressoras sustentadas pelo patriarcado.

**Palavras-chave:** Feminismo, Ginocentrismo, Literatura feminista, Romance de tese, Gioconda Belli.

## Abstract

This dissertation proposes to analyze the novel *El País de las mujeres* (2010) by Gioconda Belli, in order to find traits that make it possible to characterize it as a feminist *roman à thèse*. To conduct this literary and cultural analysis, we seek first to illustrate some key concepts such as *roman à thèse*, feminist literature and the very feminist ideology, particularly, the gynocentric aspect, from a functional point of view to formulate the possible thesis of the novel. As a research in literary and cultural studies, we believe in the importance of understanding the writing context of Belli. Therefore, we make a brief presentation of the history of feminism in Nicaragua to situate the writer in this process. We also present the literary path of the author, since her first poem exalting women and femininity, until the publication of this novel that affronts patriarchal power from several imaginable points of view. Thus, we analyze the novel under a literary and cultural perspective, in order to find out whether the thesis that we found at the beginning of the novel is enough to define it as a feminist *roman à these*. We understand that this thesis is stating that “the valuation of socially constructed femininity and its reproduction are important to the existence of equal social relations”. We think it's important to emphasize right from the start the resistant nature of the literature produced by women, which enables the creation of different realities from those produced by the male-dominated literary universe and offers female readers new ways of perceiving the world and to interact in society, influencing the break with the oppressing bases sustained by patriarchy.

**Key words:** Feminism, Feminist Literature, Gynocentrism, *Roman à Thèse*, Gioconda Belli.

## Sumário

Introdução .....	8
1. Romance de tese, feminista e ginocêntrico .....	10
1.1. Breves considerações sobre o romance de tese .....	10
1.2. Os caminhos da crítica literária feminista .....	13
1.3. A tese do romance feminista: O ginocentrismo como proposta para uma sociedade equitativa .....	17
2. A escritora e o contexto .....	21
2.1 Feminismo(s) nicaraguense(s): panorama histórico dos movimentos feministas da Nicarágua entre os séculos XIX – XXI.....	21
2.2 Amor e guerra sobre a pele da Gioconda Belli .....	30
3. Apresentação e análise do romance feminista .....	46
3.1 Resumo .....	46
3.2 Análise do romance .....	47
3.2.1 <i>El Partido de la Izquierda Erótica</i> : criação, ideologias e ações concretas .....	50
3.2.2 As personagens do romance – contra e a favor do partido .....	72
3.2.3 Elemento Perturbador: O Vulcão Mitre .....	90
Considerações finais.....	92
Referências Bibliográficas.....	96



## Introdução

Escrever é um ato de resistência. Para resistir, como feminista escolho trabalhar com literatura escrita por mulheres. Entretanto, a escolha por esta pesquisa não serve apenas para justificar minha militância, nem somente para dar espaço, numa universidade europeia, a uma escritora latino-americana – Gioconda Belli. Com esta pesquisa, de certa maneira, também gostaríamos de difundir o romance *El país de las mujeres* (2010) que propõe que o feminismo pode ser um caminho para alcançarmos mais justiça nas relações sociais, sobretudo nas relações de poder entre os sexos<sup>1</sup>. Acreditamos que este romance expõe didaticamente como o feminismo pode trabalhar para o desenvolvimento de uma sociedade mais equitativa. Ou seja, numa perspectiva política, pertinente aos Estudos Culturais, interessa-me perceber como a literatura age no domínio social, de uma forma que, no caso em apreço, vai para além da análise das representações identitárias. Uma leitura, mesmo que superficial, de *El país de las mujeres* revela uma intencionalidade política, em sentido amplo e restrito, plenamente assumida pela autora, cuja biografia se desenrola sempre no duplo papel da criação literária e do militantismo partidário. O empenhamento deste romance está patente, creio, no facto de se apresentar como a concretização ficcional, em forma de experimentação, de um programa político feminista, desenvolvido ao detalhe, enquanto conjunto de princípios e de estratégias de implementação, no sentido da transformação de uma sociedade específica – a Nicarágua, país de origem da escritora. Para além disso, integra uma dimensão de auto-reflexão sobre as dinâmicas sociais e políticas em jogo, bem como sobre as posições identitárias das intervenientes, que se serve do estético e do pacto ficcional que faz com que a leitora aceite o universo do romance como uma projecção possível do real. Tendo em conta esta dupla dimensão, buscamos apresentar os motivos pelos quais este romance merece nossa atenção tanto em relação à sua dimensão literária quanto às transformações políticas que propõem a (re)criação de uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente em relação ao sexo.

Uma vez que, como cremos, a motivação de *El país de las mujeres* é a defesa de um programa político, aparecendo a ficção como forma de o pôr à prova, acreditamos que este possa ser um romance de tese: em primeiro lugar porque apresenta uma tese: a valorização da feminilidade socialmente construída e sua reprodução são importantes para a existência de relações sociais equitativas. Em segundo lugar porque propõe que as leitoras se posicionem em relação ao feminismo e à vida política. Podemos perceber que esta é a tese sugerida pelo romance tanto porque a autora a apresenta de várias formas, ao decorrer do romance e a retoma, no final do livro, num capítulo que pode funcionar como

---

<sup>1</sup> Utilizamos o conceito de sexo como construção social e materialidade corporal. As discussões sobre essa escolha estarão no último subcapítulo do primeiro capítulo.

epílogo. No início deste capítulo, intitulado “Viviana”, a personagem fala sobre o retorno vitorioso a vida e os resquícios do atentado que a deixaram mais cautelosa. Ao finalizar, ela oferece um veredito sobre o resultado de suas ações: *Somos más ricos, sobre todo, porque hemos eliminado la más antigua forma de explotación: la de nuestras mujeres, y así nadie la aprende desde la infancia. Hay brotes, claro; [...] siempre habrá nuevas luchas y retos, pero bueno, avanzamos Un pie delante del otro* (Belli, 2010: 276).

No primeiro capítulo interrogaremos brevemente o conceito de romance de tese e apresentaremos as razões pelas quais pensamos que o romance analisado se insere neste (sub)gênero literário. Porque a tese deste romance se nos afigura feminista, pretendemos abordar, de seguida, o conceito de literatura feminista, de modo a refletir sobre se e como a noção é ou não aplicável ao romance. Esta será a segunda parte do primeiro capítulo. De seguida, buscamos por um conceito heurístico de feminismo, que atenda à análise do romance. O conteúdo deste subcapítulo responde, sobretudo, ao objetivo de compreender as opções feministas de Belli, que constituem as teses do romance, tendo em conta as múltiplas correntes e tendências dentro dos feminismos. Por esta razão, e porque se trata de uma tese de Estudos Culturais, e não especificamente de Estudos Feministas, e dado o escopo de uma dissertação de Mestrado, a abrangência desta discussão será necessariamente limitada, muito mais do que gostaríamos. Assim, focar-nos-emos sobre a corrente feminista entendida por ginocentrismo, a qual, apesar de não ser especificamente sul-americana e de, do nosso ponto de vista, apresentar problemas, nos parece corresponder ao conjunto de ideias feministas defendido por Belli em configuração romanesca.

Como romance feminista, *El país de las mujeres* mostra que a partir da supervalorização das mulheres, da família e da vida em comunidade seria possível alcançar melhores condições de vida para toda a sociedade, especialmente, para as mulheres. O romance mostra que o feminismo é importante para salvar o mundo de uma catástrofe social, ambiental e econômica; mas também é importante ressaltar que o feminismo defendido pelo romance não é único e inquestionável, mas plural e trata ainda que superficialmente, de classes sociais e de lutas do movimento LGBT.

De seguida, durante o segundo capítulo buscamos apresentar a escritora dentro de seu contexto de escrita. Para isso, percorremos a história da luta das mulheres na Nicarágua, desde a primeira grande conquista de uma mulher até as lutas do movimento feminista atual. Nesta história de luta das mulheres, encontramos a primeira presidenta eleita na América Latina, Violeta Chamorro, responsável por estabilizar e pacificar o país, assim como o contexto das lutas das mulheres por mais direitos. Neste segundo capítulo também apresentamos uma curta biografia da escritora. Nas poucas páginas podemos perceber a coragem que Gioconda Belli teve para lutar contra uma ditadura e, principalmente, contra o sistema machista e patriarcal que a queria calada ao lado de um homem, somente cuidando do lar e de suas filhas e filho. No último capítulo apresentamos um resumo e, principalmente, a análise do romance.

A análise do romance está centralizada nos principais eventos que exemplificam a tese do romance, baseada na vertente ginocêntrica da ideologia feminista, que afirma que a valorização da feminilidade pode ser a melhor maneira de alcançar mais justiça para a sociedade, sobretudo para as mulheres. O primeiro subcapítulo se concentra na criação do *Partido de la Izquierda Erótica*, nas razões de sua criação e nos motivos de ser voltado às mulheres. O segundo subcapítulo reúne as personagens protagonistas e antagonistas à tese, que agrupamos desta maneira, por nos parecer corresponder a uma eventual estrutura “argumentativa”, própria do romance de tese. Finalmente, o terceiro subcapítulo é dedicado ao vulcão Miltre, responsável por enfraquecer os homens, o qual nos merece uma atenção particular por surgir como um elemento fantástico, dissonante quer num romance que assume como explicitamente político, quer no quadro da ideologia feminista que defende.

Com esta pesquisa esperamos entender de que maneira o feminismo ginocêntrico pode promover uma sociedade mais acolhedora das mulheres e quais problemas poderiam ser criados a partir desse posicionamento; queremos perceber se existem obstáculos ideológicos que resultam da valorização da “feminilidade”, própria desta tendência, e como o romance consegue resolvê-los. Como resultado de um mestrado em estudos literários e culturais, esperamos também perceber como deve ser entendida a literatura e, especificamente, a ficção romanesca numa perspectiva política, a qual é, afinal, a perspectiva dos estudos culturais. Por isso, não descuidamos os aspetos estéticos específicos dos estudos da narrativa literária, como a análise de personagens e enredo, elementos formais e a sua possível classificação como romance de tese e feminista.

## 1. Romance de tese, feminista e ginocêntrico

### 1.1. Breves considerações sobre o romance de tese

Para abordar o romance de tese, iremos nos basear nas opiniões da crítica literária Susan Rubin Suleiman, publicadas no livro *Authoritarian Fictions: the ideological novel as a literary genre* (1993). Enfatizamos que nosso objetivo ao apresentar tais considerações sobre o romance de tese é apenas introdutório, uma vez que acreditamos que o romance *El país de las mujeres*, que será analisado no terceiro capítulo, pode ser lido como um romance de tese.

Susan Rubin Suleiman definiu esta categoria da seguinte forma:

...a roman à thèse is a novel written in the realist mode (that is, based on an aesthetic of verisimilitude and representation), which signals itself to the reader as primarily didactic in intent, seeking to demonstrate the validity of a political, philosophical or religious doctrine (Suleiman, 1993: 7).

Para a crítica literária essa é uma boa definição por duas razões: primeiro, porque é bastante específica ao promover uma base teórica de investigação e, ao mesmo tempo, o suficientemente genérica a ponto de possibilitar a inclusão de uma vasta quantidade de obras que possuam narrativas e conteúdos ideológicos divergentes. Simplificando, é possível encontrar semelhanças entre romances que pareciam incompatíveis, a primeira vista. Essa definição também é boa porque não implica qualquer julgamento de valor à qualidade dos romances que pertencem a esta categoria, e faz com que o termo *roman à thèse* seja descritivo e não qualitativo (Suleiman, 1993: 7).

Susan Rubin Suleiman defende que a caracterização da obra literária como um romance de tese depende, em primeiro lugar, da percepção do leitor (Suleiman, 1993: 8), porque é possível alegar que todo romance, ou ainda, toda obra de ficção pode ser lida como uma exposição de uma tese, na medida em que é possível extrair uma máxima geral de algum tipo, de qualquer obra ficcional que trabalhe uma representação (Suleiman, 1993:9). O crítico literário Massaud Moisés também afirma que o romance de tese é um gênero que apresenta uma tese moral, política ou científica, mas que é importante lembrar que toda obra de arte apresenta um ponto de vista, uma atitude subjetiva e pessoal em relação ao mundo (Moisés, 1999:460).

Então, para diferenciar um *roman à thèse* de outras obras literárias, Susan Rubin Suleiman afirma que esse gênero possui alguns traços que o distinguem de outros gêneros e romances, dos quais o mais importante é que o romance de tese formula uma tese de maneira inequívoca, insistente e consistente, a qual busca ilustrar (Suleiman, 1993: 10). Para Suleiman, o *roman à thèse* é um gênero essencialmente autoritário, porque apela pela necessidade de certeza, de estabilidade e unidade de interpretação, assim, não suporta leituras variadas (Suleiman, 1993: 10).

No livro *Authoritarian fictions*, a crítica literária afirma que num romance de tese o autor procura fazer com que alguém “faça algo”, utilizando uma demonstração. Ao demonstrar algo, o autor busca persuadir a leitora sobre a validade de sua proposição. Tal demonstração é mais efetiva quando os leitores são convencidos a modificar suas ações (Suleiman, 1993: 53).

Susan Rubin Suleiman alega que o romance de tese é um gênero retórico. Entretanto, diferente de um sermão, que apresenta uma série de argumentos logicamente ordenados, um romance de tese narra uma história inventada que, mesmo assim, demonstra acontecimentos pertinentes à vida real da audiência (Suleiman, 1993: 53). A história contada em um romance de tese pede por uma interpretação inequívoca, que implica em uma “regra de ação” aplicável à vida real – mesmo que apenas virtualmente (Suleiman, 1993: 53). É necessário, ainda, que a interpretação e a regra de ação sejam declaradas

explicitamente por uma narradora, e que sejam inequívocas ao apresentarem o menor número de interpretações possíveis (Suleiman, 1993: 54). Tais “regras de ação” são possíveis somente a partir da existência de um sistema de valores dualísticos, ou seja, apenas num contexto onde a diferença entre o certo e o errado é explícita e é possível afirmar categoricamente a necessidade de seguir uma escolha (Suleiman, 1993: 56).

Finalmente, Suleiman define que a retórica do *roman à thèse* é fundada na redundância, que reduz a quantidade de informação transmitida, ao mesmo tempo que aumenta a probabilidade de uma correta recepção da mensagem (Suleiman, 1993: 55). Para a crítica, essa multiplicação da redundância tem como objetivo reduzir as “aberturas” que uma leitura plural deve criar (Suleiman, 1993: 55). Uma vez que, no romance de tese, a “interpretação correta” não aparece subitamente, mas de maneira gradual, ela tampouco desaparece. Pelo contrário, quanto maiores os avanços na narrativa, mais a redundância irá limitar os significados até transformá-los em um único (Suleiman, 1993: 56). Para que um romance seja classificado como *roman à thèse* também é indispensável que a determinação dos valores e das “regras de ação” apresentados façam referência a doutrinas existentes no mundo real. Tal doutrina sempre existe e aparece explícita ou pressuposta na leitura; e é ela que, por fim, determina a tese do romance (Suleiman, 1993: 56).

O *Roman à thèse*, como afirma Suleiman, pode ser considerado uma categoria contida em outra mais ampla, o romance realista. Entretanto, essa relação é apenas uma escolha, uma preferência a partir de determinadas preocupações teóricas. A caracterização do romance de tese como subcategoria do romance realista possibilita diferenciá-lo de outras obras igualmente políticas ou religiosas, mas que escapam da verosimilhança característica do Romance Realista (Suleiman, 1993: 11). Mesmo que essa relação seja um posicionamento teórico, é incontestável a necessidade de compreender o romance realista, que surgiu no séc. XIX, para entender melhor o romance de tese. Para isso, repetimos as palavras de Susan Rubin Suleiman:

Founded on an aesthetic of verisimilitude and representation, the realist novel places in the foreground, and follows the destinies of fictional characters, who are presented as “real”, and whose life unfolds in a context (a physical and historical setting) that corresponds, at least virtually, to the everyday experiences of readers who are contemporaries of the author (Suleiman, 1993: 12).

É importante reiterar o caráter opcional da relação entre o romance de tese e o romance realista, porque as críticas ao romance de tese são formuladas a partir de critérios tradicionais do realismo, como a exatidão e a imparcialidade na observação do “real” (Suleiman, 1993: 11). A censura ao romance de tese surge quando, ao buscar provar uma tese, o autor rejeita a realidade e apresenta imagens distorcidas do mundo, construídas a partir do pensamento em uma demonstração (Suleiman, 1993: 4).

Outra crítica ao romance de tese é que as obras classificadas desta maneira estão muito próximas da propaganda, por isso, não são válidas artisticamente. Susan Rubin Suleiman alega que um escritor (não identificado) declarou à revista “Gil Blas” que o *roman à thèse* está à margem da arte (Suleiman, 1993: 3). É possível, ainda, que tal afastamento da arte tenha sido favorecido por Emile Zola pela criação do *Romance Experimental* (1880). Naquelas conjunções, o autor buscava provar uma tese pela realização e apresentação de uma experiência; assim, favorecia a experimentação e observação acima da imaginação e da criação (Zola, 1880). Para Zola o romance experimental possuía uma função social, mas ainda era considerado arte, por isso, fazemos essa relação com o romance de tese, que também pode ser classificado como uma classe menor de literatura, por estar próximo a propaganda e a demonstração, como afirma Suleiman (Suleiman, 1993: 3). Assim, entendemos que *El país de las mujeres* não está “à margem da arte” – como se poderia afirmar, por se tratar de um romance de tese. Entretanto, ainda existem motivos para que este romance esteja “à margem”: sua tese feminista e sua autora mulher, latino-americana<sup>2</sup>.

Acreditamos, então, que *El país de las mujeres* possa ser um romance de tese por duas razões principais: primeiro, por ser escrito no modo realista, com personagens e acontecimentos verosímeis – apesar do acontecimento “quase fantástico” ocasionado pela explosão do vulcão Mitre – e por sua narrativa redundante encerrar interpretações numa única e inequívoca tese, como veremos na análise do romance, onde consolidaremos estas ideias; e a segunda razão é que a autora tem a intenção didática de defender a validade da ideologia feminista ginocêntrica, que explanaremos abaixo.

## 1.2. Os caminhos da crítica literária feminista

Não é inédita a questão que relaciona mulheres e literatura. Muito se tem pesquisado sobre a inclusão das mulheres em todas as esferas literárias: como leitoras, personagens ou escritoras. Nos próximos parágrafos apresentamos um conjunto de informações sobre a literatura feminista, recolhido na introdução ao livro das críticas literárias feministas Sara Mills e Lynne Pearce *Feminist readings/Feminists reading* (1996). Nesta seção da segunda edição da obra, Mills e Pearce apresentam uma revisão histórica da crítica literária feminista, separada em três fases que auxiliam novas críticas a trabalharem os conceitos das relações entre mulheres e literatura.

A primeira fase corresponde ao princípio da crítica literária feminista. De acordo com estas críticas, apenas a partir da publicação de *Sexual politics*, de Kate Millett, em 1969, a crítica literária

---

<sup>2</sup> Não temos como objetivo nos aprofundarmos nesses assuntos, mas a relação entre literatura e mulheres e centro e margem são temas que oferecem um horizonte mais amplo para pesquisadoras que se interessam por questionar o cânone.

feminista se tornou uma questão teórica. Millett se concentra no pressuposto de que textos escritos por homens são sexistas, uma vez que o patriarcado é a fonte da opressão tanto material, quanto textual, das mulheres (Mills e Pearce, 1996: 2-3). Junto de *Thinking about women* (1968) de Mary Ellmann, as obras se destacam como condutores de um novo debate público que relaciona a luta das mulheres por equidade com o sexismo intrínseco tanto na literatura quanto na crítica literária (Mills e Pearce, 1996: 3). As críticas da primeira fase percebem, então, a necessidade de realizar uma análise minuciosa do grande cânone para entender a expressiva lacuna de escritoras nesse conjunto (Mills e Pearce, 1996: 2). Maggie Humm, no artigo "Into the millennium: feminist literary criticism" (2004), afirma que essa revisão da escrita fática é um rompimento com os progenitores, ou seja, com a tradição literária masculina (Humm, 2004: 47). E, referente a ausência de mulheres no cânone, as críticas Mills e Pearce expõem a obra *Silences* (1978), de Tillie Olsen, que aborda tanto as limitações criativas cometidas a homens e mulheres, quanto, sobretudo, as dificuldades que as mulheres têm para encontrar espaço e tempo para suas obras e lutas para serem escritoras, resultantes do sexismo mantido pela sociedade patriarcal (Mills e Pearce, 1996: 2).

Outra questão debatida nessa primeira fase é a representação feminina em personagens criadas por autores homens. Mary Ellmann e outras críticas como Arlyn Diamond e Lee Edward, em *The authority of experience* (1977), criticam as imagens das personagens mulheres em textos de autoria masculina (Mills e Pearce, 1996: 3). Além dessas, também Kate Millett e Germaine Greer enfatizam o vocabulário sexista e os estereótipos de gênero nas obras escritas por homens e, sobretudo, como eles atribuem características particulares como "histeria" ou "passividade" apenas para personagens femininas (Humm, 2004: 47).

A escassez de mulheres no cânone, a dificuldade de escrever como mulher, a imagem das personagens e a escrita sexista nas obras produzidas por homens foram os principais objetos da crítica literária feminista durante essa primeira fase. Também foi defendido que, como leitoras, era importante as mulheres resistirem aos posicionamentos em que os escritores as colocaram. Judith Fetterley aborda esse assunto em *The resisting reader* (1978) e defende que ao não se posicionar, nem ler como homens, as mulheres resistem ao modelo reservado a elas, pelos homens (Mills e Pearce, 1996: 3).

Entretanto, a partir dos anos 70 a crítica literária feminista avançou para uma nova fase, que se preocupava com o estudo de escritoras mulheres e de temas relacionados ao feminino. Amaral e Macedo, no *Dicionário de crítica feminista* (2005), afirmam que nessa fase as críticas literárias feministas buscaram reescrever a história literária e construir um cânone feminino, por isso essa segunda fase foi reconhecida como ginocrítica. De acordo com Amaral e Macedo, Elaine Showalter afirma que a ginocrítica demanda a concentração em uma realidade visível da cultura feminina, que significará o

afastamento completo da história literária masculina e o rompimento com todas as adaptações que as mulheres sofrem ao buscarem aceitação na tradição masculina (Amaral e Macedo, 2005: 26-27).

As críticas literárias feministas naquele momento deram esse passo importante porque, apesar de estarem fazendo um trabalho competente criticando a autoria masculina, muitas começaram a acreditar que ao invés de desafiar o status destes textos, estariam, possivelmente, perpetuando os problemas que buscavam destacar (Mills e Pearce, 1996: 3).

Tal como realizar releituras de escritoras “clássicas”, as críticas literárias feministas dessa segunda fase também se concentraram em recuperar outras escritoras pouco conhecidas até o momento, afim de estender o cânone. Elas conseguiram mostrar que havia uma tradição feminina no passado que era completamente ignorada pela história literária tradicional e, ainda conseguiam contestar as afirmações sobre as mulheres escritoras serem exceções. A partir desses trabalhos, foi possível argumentar que há muito tempo as mulheres formam comunidades significantes de escritoras e que em seus trabalhos se incluíam correspondências, trocas de manuscritos e críticas às obras produzidas entre elas (Mills e Pearce, 1996: 3-4).

Além da busca por escritoras ignoradas pela história literária tradicional e do estudo de temas relacionados as mulheres, a ginocrítica também se preocupava em encontrar uma forma de escrever feminina. Elaine Showalter também questiona se as mulheres escrevem de maneira diferente dos homens e se isso é verdadeiro, quais seriam os motivos – um questionamento que, em Portugal, surge de forma determinante em *O Sexo dos Textos* de Isabel Allegro de Magalhães. Respondendo a esse questionamento, as críticas literárias Mills e Pearce afirmam que além de Showalter, Gilbert e Gulbar também se interessaram pela maneira que a escrita das mulheres se diferencia da masculina. No livro *The madwoman in the attic* (1979) Gilbert e Gulbar sugerem que os temas comuns encontrados nas obras analisadas resultam de relacionamentos ambíguos com os escritores antecessores. Como as mulheres do séc. XIX não podiam seguir uma tradição literária própria, deviam reutilizar estratégias de escritas masculinas adaptadas a necessidades distintamente femininas (Mills e Pearce, 1996: 3-4). Ainda sobre a questão de como é a escrita feminina, Maaïke Meijer em “A manual for self defense: feminist literary theory” (1993) afirma que a literatura produzida por mulheres gerou uma grande expectativa, nutrida tanto pela ideia da igualdade, pois mulheres devem escrever tão bem quanto homens, quanto pela diferença, especialmente, de experiências e sentimentos (Meijer, 1993: 32).

Gilbert e Gulbar também foram responsáveis pela criação de uma estética feminista dentro da tradição literária feminina e seus livros concentravam críticas às exclusões mais sérias “promovidas” pela crítica tradicional, que incluíam o controle psicológico e material sobre as mulheres; a vida e a cultura secreta das mulheres e os anseios da masculinidade e feminilidade representadas por metáforas, sobretudo, de fronteira (Humm, 2004: 49). De acordo com Maggie Humm, a principal conquista durante



a segunda fase foi provar, primeiramente, que a literatura não é simplesmente uma coleção de grandes textos, mas que está profundamente estruturada por ideologias sociais e sexuais e, em segundo lugar, que certas preocupações e técnicas que predominam na escrita das mulheres estão submetidas a estruturas sociais (Humm, 2004: 49).

Para Maaïke Meijer e Maggie Humm, faz parte da escrita feminina o reconhecimento de uma estética feminina, isto é, o estilo feminino que estava igualmente disponível para homens ou mulheres. Na França, essa tendência foi definida como *écriture féminine* (Humm, 2004: 50; Meijer, 1993: 32). Como Kristeva se refere à escritura feminina durante a terceira fase, na qual se preocupa em questionar as diferenças de gênero nas obras escritas por homens e mulheres, falaremos sobre *écriture féminine* nos próximos parágrafos. Entretanto, precisamos elucidar que, embora essas fases apresentem um princípio cronológico, a partir do final da década de 70, foi possível que os trabalhos sobre a crítica literária feminista passassem a ser conduzidos nos três campos simultaneamente (Meijer, 1993: 28; Mills e Pearce, 1996: 5).

De acordo com Mills e Pearce, Kristeva afirma que, em seus trabalhos, escritoras francesas, como Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva, constroem críticas centradas na natureza da subjetividade feminina e na linguagem pela qual essa subjetividade é construída e simbolizada e deixam em segundo plano a representação de experiências femininas na literatura (Mills e Pearce, 1996: 4).

Para Meijer, a *écriture féminine* se refere tanto a um novo estilo de escrita desde o corpo, quanto a uma teoria pós-estruturalista da escrita e estética feminina, isto é, para Meijer, esta estética feminina não era determinada apenas social e culturalmente, mas também estava relacionada a materialidade do corpo feminino, para Cixous, e com o “feminino” metafórico, como uma força subversiva na linguagem, sobretudo para Kristeva (Meijer, 1993: 32-33). Mills e Pearce, de acordo com Kristeva, afirmam que ao privilegiar o falo, a linguagem reprime o que é feminino, então, esta estética é a busca utópica de trazer à existência o que não está escrito, é uma tentativa de liberar no texto o “Outro” feminino, por isso, Cixous e Irigaray buscam explorar o feminino como um nicho que privilegia tudo o que é reprimido pela cultura falocêntrica, enquanto trabalham para desfazer oposições binárias, usando o simbolismo da fluidez e sexualidade feminina (Humm, 2004: 50; Meijer, 1993: 33; Mills e Pearce, 1996: 5).

Essa terceira “etapa” da crítica literária feminista possui alguns conceitos diferentes para Meijer: ela afirma que é possível encontrar um gênero (masculino) em teorias que se assumem neutras (masculinas), que a identificação com alguma personagem depende da leitora, que mulheres podem ler como homens, mas o poder da estrutura retórica apenas poderá ser quebrado por uma leitora que resistirá a opressão marcada pelo texto (Meijer, 1993: 37). Para Kristeva, de acordo com Mills e Pearce, durante a terceira fase as críticas literárias buscam encontrar elementos masculinos ou femininos em textos escritos por homens ou mulheres, retomam o trabalho das fases um e dois, enquanto mantêm o

compromisso de questionar o gênero em todos os textos e indicam o princípio das preocupações com as diferenças entre mulheres (Mills e Pearce, 1996: 4).

O conceito de “literatura feminista” que se revela instrumental para a abordagem que pretendemos fazer do romance de Gioconda Belli refere-se aos textos literários que apresentem pautas que, a partir de um ponto de vista extenso, possam ser consideradas feministas. É evidente que a definição que propomos suscita, de imediato, a definição de um conceito que só é concebível num plural em constante alargamento e complexificação: feminismos. Dificilmente poderíamos, no âmbito de um trabalho como este, descrever as intrincadas ramificações deste conceito e as problemáticas múltiplas que suscita (ver subcapítulo seguinte). Por essa razão, optamos conscientemente por uma abordagem tão ampla quanto pragmática e por uma definição nossa: ou seja, assumimos, neste caso, “literatura feminista” como aquela que, de algum modo, interfere intencionalmente nas relações de poder entre os sexos no sentido do combate ao discurso patriarcal dominante.

Na perspectiva que assumimos aqui, em função dos objetivos deste trabalho, para ser caracterizado literatura feminista, um romance deve desafiar o entendimento que a/o leitor/a possui sobre a sociedade, no que diz respeito às representações e relações dos sexos, tal como faz o pensamento feminista. Por outro lado, com base nos apontamentos de Mills e Pearce, também podemos afirmar que é possível realizar uma leitura feminista de qualquer texto, embora irá requerer da leitora/crítica um posicionamento radical e subversivo comprometido politicamente afim de confrontar a opressão contra as mulheres (Mills e Pearce, 1996: 2).

Então, relacionando os dois conceitos (romance de tese e literatura feminista) apresentados até o momento, podemos afirmar que um romance de tese feminista irá expor questões que induzirão a leitora a uma interpretação inequívoca e, ainda mais que isso, irão instigá-la a adotar um posicionamento, ou seja, uma “regra de ação”, que afronte a cultura machista e patriarcal.

### 1.3. A tese do romance feminista: O ginocentrismo como proposta para uma sociedade equitativa

Tal como os feminismos são múltiplos, as pautas das discussões variam entre as diversas vertentes feministas, nos seus diferentes momentos históricos, bem como dependendo dos locais de enunciação das protagonistas (geográficos, culturais, de classe, raça, religião, orientação sexual, e tantos outros). Porém, podemos delimitar algumas lutas pelas quais muitas tendências do pensamento feminista se identificam: o domínio do próprio corpo (autonomia para decidir sobre reprodução e luta contra a violência sexual machista); a independência financeira (maiores e melhores oportunidades de emprego,

luta contra as discriminações); questões sobre a maternidade e a vida cotidiana (discussão sobre a maternidade e heterossexualidade compulsórias, questionamento do público e privado), entre outras.

Como se disse acima, sabemos que o conceito de feminismo engloba inúmeras definições. Uma vez que o nosso objetivo não é definir o conceito feminismo (em primeiro lugar, porque é impossível e, segundo, porque não cabe nesta dissertação), nesta última parte do capítulo apresentamos nossa busca por um conjunto de noções operativas de feminismo, que servirá como base para a análise do romance *El país de las mujeres*. A hipótese que colocamos é que o romance de Gioconda Belli é um romance feminista, cuja tendência manifesta nos parece ser a perspectiva conhecida por “ginocêntrica”, que enfatiza as diferenças entre os sexos, sem que haja, entretanto, uma hierarquia entre eles. Através de questionamentos a respeito do feminismo – que, mais que um movimento, é um pensamento teórico transversal que critica a sociedade e/enquanto relaciona esses estudos às diversas esferas do saber – discutiremos como essa(s) teoria(s) pode(m) ser compreendida(s) na análise do romance.

Em *Un diccionario ideológico feminista* o termo feminismo pode ser definido resumidamente como:

[...] un movimiento social y político que se inicia formalmente a finales del siglo XVIII – aunque sin adoptar todavía esta denominación – y que supone la toma de conciencia de las mujeres como grupo o colectivo humano, de la opresión, dominación, subordinación y explotación de que han sido y son objeto por parte del colectivo de varones en el seno del patriarcado bajo sus distintas fases históricas de modelo de producción, lo cual las mueve a la acción para la liberación de su sexo con todas las transformaciones de la sociedad que aquella requiera (Sau, 1981: 106-107).

As definições que encontramos sobre feminismo nos dicionários ou, ainda, que são reproduzidas por algumas pessoas que militam em movimentos, sugerem que a ideologia feminista é uma luta para que os direitos sociais das mulheres sejam igualados aos dos homens. Mas a teoria feminista, principalmente desde a vertente que julgamos encontrar no romance de Belli – ginocêntrica –, não defende que as mulheres tenham, simplesmente, os mesmos direitos que os homens, porque isso poderia resultar no apagamento das diferenças sexuais e num maior silenciamento dos direitos das mulheres (Young, 2006; Gilligan, 2006). Outra feminista que, de alguma forma, critica a anulação das diferenças sexuais é Tania Modleski, que antecipou os riscos, para o feminismo, da simples rejeição do termo “mulher”. Em *Feminism without women* (1991) Modleski afirma que sem esse “conceito” o feminismo não teria mais um eixo em torno do qual pudesse ser organizado (Mills e Pearse, 1996: 6).

O ginocentrismo – cujo as principais defensoras são Iris M Young, Audre Lorde, Jane Addams, Carol Gilligan, Carol P. Christ e Paula Gunn Allen (Hackett e Haslanger, 2006: 174-219) – é uma vertente que se apoia nas diferenças entre os sexos e defende que somente valorizando as características

socialmente definidas como femininas é que as mulheres alcançarão o fim das opressões. Tais “características femininas” devem ser reproduzidas por todas as pessoas, independente do sexo. Iris M. Young afirma que nos anos 80, essa nova maneira de perceber a opressão ganhou força, a partir da crítica à vertente humanista, privilegiada desde os séculos XIX e XX. (Young, 2006: 178). É possível perceber que até mesmo o termo “ginocentrismo” vem dessa valorização do corpo feminino, como Iris M. Young afirma no artigo “Humanism, gynocentrism, and feminist politics”: *Gynocentric feminism finds in women’s bodies and traditionally feminine activity the source of more positive values* (Young, 2006: 178).

A vertente ginocêntrica do feminismo confronta duas afirmações de Simone de Beauvoir: uma é a de que as mulheres não se identificam e não se reconhecem como Sujeitas, a segunda é de que a feminilidade é um instrumento repressor das mulheres. Esta vertente mostra, principalmente, que as mulheres se identificam como um grupo – apesar de ainda não se estender a todos os países, esferas ou regiões – afinal, as mulheres têm mostrado que não aceitam os abusos que sofrem e que não irão mais se calar, nem retornar às posições que nunca deveriam ter aceitado terem sido colocadas. Iris Young afirma que, apesar da negação cultural, as mulheres são sujeitas, cheias de energia criativa, inteligência e desejo de deixar sua marca no mundo (Young, 2006: 176). O feminismo ginocêntrico defende que, a despeito de suas lutas e agências, as mulheres não são respeitadas como sujeitas, porque as características femininas não são devidamente valorizadas dentro dos sistemas opressores: patriarcal, machista e falocêntrico.

A feminilidade é desvalorizada tanto pelo patriarcado quanto, de acordo com Iris Young, pelo feminismo humanista (que poderia incluir Simone de Beauvoir), para o qual este conjunto de atributos, que define a classe “mulheres” é entendido como uma essência que restringe as mulheres à imanência, a serem definidas como o Outro (Young, 2006: 175). Portanto, as feministas humanistas apelam pela participação das mulheres nas instituições dominadas pelos homens, para que alcancem o transcendente masculino. Também para o feminismo humanista, humano é aquilo que está relacionado ao homem; apenas o que se considera masculino é valorizado; o que se relaciona às vidas das mulheres é inferiorizado, da mesma forma como o faz o sistema patriarcal (Young, 2006: 177).

Diferente do feminismo humanista, a vertente ginocêntrica acredita que a feminilidade é um aspecto positivo, uma vez que, na sua perspectiva, a opressão das mulheres não é motivada por uma restrição ao acesso às instituições dominadas pelos homens, mas pela desvalorização de atividades consideradas femininas pelo sistema patriarcal. Para o feminismo ginocêntrico, dentro da feminilidade tradicional residem os valores que deveríamos promover para alcançarmos uma sociedade melhor (Young, 2006: 179). Outra observação feita a partir da vertente ginocêntrica é de que a feminilidade como fraqueza e dependência está relacionada a classe e a raça das mulheres. Para o feminismo ginocêntrico a feminilidade não impede as mulheres de alcançarem uma transcendência: *to survive black women*

*typically learned to be tough, physically strong, clever, but usually also warm, sexy and nurturant* (Young, 2006: 180).

O feminismo ginocêntrico defende o fim da dicotomia entre natureza e cultura, o fim do binarismo proposto pelo falocentrismo, que impede que a conexão entre a mulher e a natureza seja percebida positivamente. Para esta vertente feminista, um mundo melhor será resultado de uma reestruturação das relações sociais que vincule os valores masculinos (pensamento abstrato, individualismo, entre outros) aos valores orientados à comunidade, derivados da ética de cuidado das mulheres e outros valores “femininos” (Young, 2006: 181).

O ginocentrismo também sugere que as mulheres, por serem historicamente responsáveis pelo cuidado das comunidades e pessoas, devem ser solicitadas a respeito da administração das cidades. Jane Addams afirma que cidades funcionam como casas “em larga escala” e que os homens, ignorantes à manutenção das casas, não poderiam gerenciar uma cidade com a mesma astúcia que as mulheres. Os homens precisam perceber que cidades e casas carecem dos mesmos cuidados, deste modo, as mulheres teriam possibilidade de desenvolver suas experiências. Para Addams, uma vez que os homens se mostram incapazes de garantir qualidade de vida às cidadãs (principalmente, por serem indiferentes aos detalhes que essa condição requer), é dever das mulheres se apresentarem como uma alternativa melhor, ao invés de permitir aos homens o desempenho ineficiente de tais responsabilidades. (Addams, 2006: 187-188).

Outra posição defendida pelo ginocentrismo é a apropriação do erotismo como um poder feminino. Audre Lorde afirma em seu artigo *Uses of the erotic: The erotic as power* (2000) que, para se perpetuar, o patriarcado se esforça para corromper o erotismo, fonte de poder fundamental para as mulheres. Entretanto, como o patriarcado também se beneficia do erotismo, o valoriza apenas o suficiente para manter as mulheres próximas, para que utilizem o erotismo a serviço dos homens (Lorde, 2006: 189).

Lorde afirma que o patriarcado ainda nos ensina a suspeitar do erotismo e não o valorizar como deveríamos, ou seja, como fonte de poder e conhecimento interior de cada mulher. Além disso, o patriarcado consegue fazer com que as mulheres que se utilizem desse poder se sintam desprezíveis, por recorrerem a esta fonte “deslegitimada” por esse sistema (Lorde, 2006: 189). Para Lorde, as mulheres ignoram e não acreditam nesse poder que acende de seus conhecimentos mais profundos e irracionais, porque continuam a ser advertidas contra ele durante todas as suas vidas, através dos séculos. (Lorde, 2006: 189). Essa negatividade ao redor do erotismo resulta na falsa crença de que apenas suprimindo essa força é que as mulheres alcançarão poder. Entretanto, essa “força” conseguida a partir do apagamento do erótico é uma ilusão, uma vez que se configura dentro dos padrões de poder masculino (Lorde, 2006: 189).

Então, de acordo com Audre Lorde, é pela valorização do erotismo (e não pela sua supressão) que as mulheres unem energia suficiente para uma transformação que visa o fim das opressões de gênero, é o erótico que recompõe e oferece uma força provocativa às mulheres que não temem sua revelação (Lorde, 2006: 189). O que é mais importante sobre o poder erótico, sublinhado por Lorde, é que essa força possibilita que as mulheres reconheçam do quanto certas e completas se sentem ao realizar uma ação, ou seja, ao experimentarem a força do erotismo e se sentirem completas, as mulheres conseguem descobrir o que as aproxima desse sentimento (Lorde, 2006: 189).

Muito embora elementos de outras correntes e tendências feministas possam confluir nas teses do feminismo presentes no romance de Belli, o ginocentrismo, com a ideia de valorização da feminilidade, a ética do cuidado e o erotismo, entre outras, parece-nos corresponder ao conceito global da escritora, como demonstraremos ao longo da análise do romance, apontando ainda para os possíveis problemas que este posicionamento coloca. Ver-se-á no capítulo seguinte como a evolução dos feminismos na Nicarágua e o percurso biográfico da autora importam na apropriação desta tendência europeia e norte-americana por parte de uma política e escritora sul-americana.

## 2. A escritora e o contexto

É importante localizar o feminismo e a escrita de Gioconda Belli dentro do contexto da Nicarágua. Para isso neste segundo capítulo iremos apresentar o desenvolvimento do feminismo nicaraguense desde o início das lutas das mulheres até como é percebido na atualidade. Na segunda parte desse capítulo será apresentada uma curta biografia da escritora. Ao apresentar a escritora buscaremos relacionar sua escrita aos acontecimentos que marcaram sua revolução tanto como feminista e sandinista.

### 2.1 Feminismo(s) nicaraguense(s): panorama histórico dos movimentos feministas da Nicarágua entre os séculos XIX – XXI

Vamos apresentar um contexto geral do movimento feminista nicaraguense, que existe como “luta das mulheres pelos seus direitos” desde muito antes de 1956, quando, finalmente, as nicaraguenses conquistaram o direito ao voto. O movimento, apesar de ter sido silenciado durante a ditadura de Somoza, continua sendo fortalecido pelas mulheres que acreditam que a luta feminista é a única forma de acabar com as desigualdades entre os sexos.

A historiadora Victoria González-Rivera realizou uma extensa pesquisa sobre o “feminismo” nicaraguense desde o seu princípio até a ditadura de Somoza, para seu doutorado em filosofia. O manuscrito com o título *From Feminism to somocism*, publicado em 2002, resultou no livro *Before the Revolution: Women’s Right and Right-Wing Politics in Nicaragua, 1821-1979*, e foi publicado em 2011. Estamos nos baseando principalmente nestes dois trabalhos para fazer uma apresentação cronológica do feminismo nicaraguense, até o final do século XX, e para a pesquisa sobre o movimento feminista atual, lançamos mão do livro *Los Cuerpos del Feminismo Nicaraguense* publicado por um coletivo feminista (*La Corriente*) em 2011.

Em meados do século XIX, a luta de mulheres contra as desigualdades de gênero não era reconhecida como feminismo – o termo surgiu na Nicarágua no final do mesmo século, mas somente a partir do início do séc. XX as mulheres começaram a se reconhecer como feministas, como afirma González-Rivera (2011: 24). Desde a metade do séc. XIX as mulheres nicaraguenses começaram a ter consciência de que deveriam ter tantos direitos quanto os homens. González-Rivera (2011: 26) afirma que a primeira “pequena” batalha vencida pelas mulheres foi o direito conquistado por Josefa Vega (e, logo, foi garantido a todas as mulheres), após apelar ao governo nacional, de frequentar a universidade de Granada<sup>3</sup> (González-Rivera, 2011: 26). O fato de Vega ter nascido em uma família de classe alta e seu pai ter sido político foi indispensável para sua conquista. Mas sua luta repercutiu nas outras classes sociais, e, após essa conquista, houve uma grande mobilização para que aumentassem as oportunidades educacionais para mulheres e meninas. Esse “clamor pela educação”, como afirma González-Rivera (2011: 27), pode caracterizar o feminismo nicaraguense da metade ao fim do século XIX.

Victória González-Rivera afirma que o partido liberal teve uma função importante para as lutas feministas, pois era o único que tinha um setor que defendia os direitos civis das mulheres que lutavam pelo direito ao voto (González, 2002: 48-50). De alguma forma essa união favorecia as lutas feministas porque se alinhava a algumas reivindicações como o direito ao voto, ao divórcio e ao ensino laico e ainda desafiava os conservadores, que defendiam que as mulheres deveriam seguir uma educação religiosa, voltada à devoção ao marido e à família (González-Rivera, 2011: 27-29). Por essas possibilidades de defesa dos direitos das mulheres, o apoio feminino ao partido cresceu, principalmente, a partir de 1890, com a revolução liberal de Zelaya.

De acordo com González (2002: 55-56), durante esta revolução (que durou até 1910), as mulheres conquistaram direitos importantes, entre eles, a possibilidade de as mulheres com mais de 21

---

<sup>3</sup> She appealed [...] and was eventually granted permission to conduct “minor” studies [...]. Although women were by no means granted full or equal access to a university education, they had won at least a small victory (González-Rivera, 2011: 26).

anos se afiliarem ao partido liberal, o apoio dos liberais ao sufrágio feminino, o direito ao casamento civil e ao divórcio, as mulheres casadas conseguiram o direito de administrarem finanças e heranças, e a possibilidade de ingressar na universidade sem uma petição ao governo. A historiadora afirma que uma vez que os liberais “pavimentaram” o caminho do feminismo nicaraguense, a “relação” entre o feminismo e o liberalismo, no início do séc. XX estava apenas começando a ser explorada (González, 2002: 51-57).

Victória González aponta uma mulher que ficou conhecida como responsável pela consolidação do movimento feminista na Nicarágua, que teve como primeiro objetivo conquistar o direito ao voto para as mulheres: *the feminist movement became consolidated under the leadership of [...] Josefa Toledo de Aguerri. [...] one issue, that of female suffrage, was the one which gained prominence within feminism in the first decades of the twentieth century* (2002: 38).

Para Victória González-Rivera entender como Josefa Toledo de Aguerri atuou em relação às lutas das mulheres é muito importante para entender o feminismo na Nicarágua. No artigo “Nicaraguan Feminist Josefa Toledo de Aguerri (1866-1962): Her life and legacy”, González-Rivera (2005) afirma que, se por um lado, a professora foi uma pessoa privilegiada, por outro, ela também possuía características em comum com a maioria das pessoas do país: veio de uma família com dificuldades financeiras; nasceu em um lugar longe dos grandes centros urbanos e, também como a maior parte das mulheres do país, era mãe. Por ser mãe, sua maior preocupação em relação às mulheres era que todas tivessem direito a tudo, principalmente o direito de escolha em relação à maternidade (Whisnant, 1995: 89 apud González-Rivera, 2005: 19).

Por suas ações, principalmente pela defesa da educação e do sufrágio feminino, Josefa Toledo de Aguerri teve imensa importância para as lutas das mulheres da Nicarágua. Como professora, Josefa Toledo de Aguerri foi responsável pela criação das primeiras escolas secundárias para meninas. Seu reconhecimento como “madre de la educación pinolera” é maior que seu reconhecimento como feminista. Entretanto, ela deve ser considerada uma das primeiras feministas do país uma vez que se reconhecia como feminista. Ela criou os primeiros jornais feministas do país (*Revista Feminista Ilustrada* em 1918 e *Mujeres Nicaraguenses* em 1929), participou em campanhas sufragistas e teve participação ativa em movimentos feministas nacionais e internacionais, e ainda foi presidente, diretora e/ou fundadora de alguns deles (González, 1995; González-Rivera, 2011: 34).

Entre as preocupações de Toledo de Aguerri estava a instrução das mulheres trabalhadoras. Doña Josefa era consciente das diferentes necessidades entre mulheres rurais e urbanas, uma vez que também ela nasceu numa área rural e sua família não possuía poder financeiro. Em sua biografia sobre a professora, López afirma que Niña Chepita só pode assistir às aulas no Colégio de senhoritas de Granada porque conseguiu uma vaga como aluna bolsista. Além de criar escolas na cidade, Toledo de



Aguerri fundou uma escola rural e noturna, para que as trabalhadoras também tivessem acesso ao ensino (López, 1988; 11-14).

Para Toledo de Aguerri o feminismo deveria ajudar as mulheres a alcançarem mais direitos e resolverem os problemas que enfrentavam diariamente, e que se manifestavam em três aspectos (dos quais dois ainda permanecem): *El primer se refiere al voto. El segundo se refiere al orden jurídico respecto a la desigualdad en que el código coloca a los dos sexos. El tercero abarca principalmente lo relativo al jornal y al libre acceso de la mujer a las carreras* (López, 1988: 174).

Por isso, em suas ações feministas, Toledo de Aguerri lutava para que as mulheres tivessem direito ao voto; que houvesse mudanças nas relações entre os sexos (mudanças que acreditava serem promovidas com inclusão de educação sexual nas escolas) que permitiriam às mulheres ter consciência de quando e como iniciar a maternidade, se desejassem ter filhas; e, principalmente, que as mulheres tivessem as mesmas condições de trabalho que os homens, recebendo os mesmos salários por trabalhos iguais. Como afirma González (1995), em seu artigo sobre a história do feminismo na Nicarágua, em 1938, Doña Josefa afirmou que: *Una de las características del feminismo es considerar a la mujer idónea para encontrar en sí misma su medio y su fin. Poder vivir con independencia del hombre si así lo quiere, y ganarse la vida* (Toledo de Aguerri, 1938 *apud* González, 1995).

Para Toledo de Aguerri (1940: 9 *apud* González-Rivera, 2005: 14) existiam dois tipos de feminismo: um “radical-teórico-social” e outro “moderado-prático-conservador”. Curiosamente, o segundo era aquele com o qual ela se identificava, porque diferente do primeiro (sectário e que defendia a igualdade entre mulheres e homens em relação a tudo), ela acreditava que um feminismo conservador “oportunista” seria mais eficaz para alcançar os objetivos das mulheres sem que elas abandonassem a sua feminilidade “inerente”. González-Rivera afirma que Josefa Toledo de Aguerri salientava a importância da “feminilidade” (ou seja, as características biológicas e sociais que diferenciam as mulheres dos homens) para o feminismo, e que a definição de feminilidade para Doña Chepita tratava-se de duas questões inter-relacionadas: a moral e o comportamento das mulheres. Significa que Toledo de Aguerri desejava que as mulheres percebessem a importância de primar pelas atividades que eram “honestas e dignas” (moral) e se abstivessem dos “vícios e liberdades” masculinas (comportamento). Entretanto o mais importante dentro da feminilidade, para Josefa Toledo de Aguerri, era a heterossexualidade e a complementaridade entre os sexos, como afirma González-Rivera (2005: 14). Além de sua visível homofobia, a feminista também defendeu outras três posições: apoiou o partido liberal que, como afirma González, apesar de “transformar o voto feminino em realidade” apenas garantiu às mulheres o direito a votar por uma ditadura (González, 1995); teve interesse por políticas eugenistas, com a intenção de erradicar as deficiências físicas e outras doenças (González-Rivera, 2005: 11) e, por

último, sua vontade de integrar os indígenas à economia rural que contribuiu com a destruição das comunidades indígenas do norte da Nicarágua (González-Rivera, 2005:11).

Apesar da afinidade com o partido Liberal, o apoio de muitas mulheres ao partido não era incondicional, uma vez que as feministas valorizavam muito a natureza independente de suas mobilizações. Durante os anos anteriores a ditadura de Somoza, as feministas nicaraguenses se reuniam em conferências nacionais e internacionais, como a “Mesa Redonda Pan-americana” que acontecia nos Estados Unidos e tinha como objetivo proporcionar conhecimento e entendimento mútuo e amizade entre os povos do hemisfério ocidental. Muitas organizações foram lideradas por Josefa Toledo de Aguerri, que após se encontrar com feministas de outros países (incluindo Cuba e Espanha) criou um setor nicaraguense da *LIMDI* (sigla para “Liga Internacional de Mulheres Ibéricas e Latino-americanas”) e *Cruzada* onde eram feitas leituras sobre a história das mulheres, e planejados eventos culturais e projetos sociais (González, 2002: 60). Outros movimentos de mulheres foram a União de Mulheres Pan-americanas pela qual Toledo de Aguerri fez um discurso eloquente sobre a alta taxa de mortalidade infantil do país, e União de Mulheres Americanas (UMA), grupo que ainda existe durante o séc. XXI e que promoveu expressões culturais das mulheres da classe média, com patrocínio de concursos literários, entre outras atividades, algumas das quais ainda estão em funcionamento (González-Rivera, 2011: 35).

Em seu artigo “La historia del feminismo en Nicaragua: 1837-1956”, González afirma que, apesar de as feministas terem se juntado aos liberais desde o final do séc. XIX e o início do século XX, apenas em 1956, quando a ditadura se consolidou no poder, foi aceito o sufrágio feminino. Entretanto, além de o partido ter tomado o mérito das mulheres que lutaram pelo direito ao voto, os liberais criaram uma “ala femenina”, que não era um movimento feminista (González, 1995).

A “ala femenina” substituiu as organizações de mulheres feministas liberais, pois enquanto estas faziam demandas ao presidente Somoza, as primeiras apenas atendiam ordens do partido. É possível, então, percebermos que a aliança das mulheres com o partido liberal trouxe mais benefícios ao partido do que às mulheres, que mesmo dentro da “ala femenina”, tinham suas reivindicações em segundo plano. Com o sucesso da “ala femenina”, logo, outros partidos perceberam como era interessante ter o apoio das mulheres e também criaram seus próprios “grupos femininos”.

Mesmo que tenha sido Anastasio Somoza García quem aprovou o voto feminino em 1956, só o fez a partir do momento em que teve certeza de que os votos das mulheres seriam favoráveis ao seu partido. No início das lutas pelo voto feminista, Somoza “apoiou” o voto feminino somente em seus discursos, mas foi contra sua aprovação em várias ocasiões, alegando que as mulheres eram inaptas a exercer esse direito cívico (Montenegro, 2012: 108). Rosário Montenegro afirma que não há um reconhecimento da luta das mulheres pela conquista do voto, porque a informação de que essa “dádiva”

foi concedida pelo ditador Somoza foi repetida exaustivamente, enquanto a luta das mulheres pelo sufrágio foi esquecida (Montenegro, 2012: 112).

A ditadura Somocista foi uma época de conquistas para as mulheres que apoiaram o partido liberal e a ditadura. Como elas não representavam nenhuma ameaça a Somoza, algumas conquistaram até mesmo cargos políticos. Para muitas mulheres, principalmente as que trabalhavam para o estado, o apoio a Somoza era obrigatório, mas o partido liberal permitiu que as mulheres da elite pudessem estudar e ter acesso a política, por isso, o apoio ao partido, e até à ditadura, muitas vezes foi uma escolha.

Uma vez que as mulheres nicaraguenses, desde o início das lutas pelos seus direitos, simpatizavam com ideologias progressistas, como afirma Victoria Gonzalez (1995), foi grande o número de mulheres que se uniram à Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN). Até o final do século XX a FSLN era o partido mais revolucionário desde a ditadura. Durante a revolução Sandinista (entre 1979 e 1989) as mulheres perceberam que o gênero e a classe se unem e condicionam a vida das mulheres, pois são parte de dois sistemas de dominação que se articulam: o capitalismo e o patriarcado (Gadea, 2011: 15).

Durante os anos 80, com um estado que se declarou anticapitalista e representante das minorias, muitas mulheres acreditaram na possibilidade de articular a luta anticapitalista e a feminista – duas dimensões de transformação revolucionária. Na prática, a política da FSLN fez uma dura oposição às demandas relacionadas a liberdade e autonomia dos corpos das mulheres que, envolvidas com a revolução, não puderam criticar o autoritarismo e o machismo do partido e do estado (Gadea, 2011: 15). Em sua biografia, Gioconda Belli lembra que depois de tanto lutarem pela revolução, as mulheres foram impedidas de fazerem parte do exército, sendo designadas a cargos administrativos com a explicação de que era um gasto muito alto para a revolução manter espaços separados para homens e mulheres (Belli, 2001: 166).

No livro produzido pelo coletivo feminista *La Corriente*, podemos perceber que em 1989, com um país extenuado pelas guerras, o partido sandinista perdeu as eleições para Victoria Chamorro, presidenta do partido contrarrevolucionário: o país elege a primeira mulher como representante e volta ao capitalismo. Para amenizar o impacto das políticas restritivas que deixavam a vida das mulheres cada vez mais precárias, as mulheres criaram serviços alternativos para acompanhar e prestar serviços a mulheres mais pobres. As mulheres percebem que essa “ajuda” a mulheres com menores condições financeiras é vista como uma atitude classista, por outro lado, entendem que também pode ser percebida como uma extensão da solidariedade. Como afirma Rodriguez Martinez: [...] *la solidaridad con las otras es la única forma de entenderse a una misma. Que la solidaridad, además de comprender el dolor y la humillación de la otra, produce efectos sobre la propia liberación personal* (Martinez apud Gadea, 2011: 16).

Em 2007 Daniel Ortega voltou a concorrer às eleições pela FSLN e para vencê-las, se uniu a políticos conservadores, reavaliou posicionamentos e retrocedeu em relação a direitos que as mulheres já possuíam, como o aborto terapêutico, que podia ser realizado sem dificuldades, desde o final do século XIX, caso a mulher corresse risco de vida. Ortega venceu estas eleições e, além de deixar de apoiar as bandeiras feministas, começou a fazer uma forte propaganda contra o movimento feminista, acusando as mulheres de imperialistas e contrarrevolucionárias, principalmente porque as feministas acusavam a complacência a um presidente que, ao concorrer ao segundo mandato (1989), foi acusado de violador pela enteada, mas não foi julgado nem investigado.

Atualmente, o movimento feminista nicaraguense é muito dividido, e cada “grupo” possui pautas que se afastam e se aproximam, em diferentes momentos. Para esta análise do feminismo nicaraguense vamos considerar as informações retiradas do livro *Los Cuerpos del Feminismo Nicaraguense* (CFN) publicado pelo coletivo feminista *La Corriente*, em 2011. Para esse coletivo, as feministas se separam em: *femenistas adultas y jóvenes, mestizas, indígenas y afrodescendientes, urbanas y rurales, heterosexuales, lesbianas y las que no se etiquetan* (Gadea, 2001: 8). Os temas aos quais os grupos dão enfoque são principalmente os relacionados ao corpo e a cidadania. O coletivo questiona a agência das feministas e de grupos de mulheres em relação a três pontos básicos<sup>4</sup>:

1. Violencia contra las mujeres como pilar de la dominación patriarcal.
2. Sexualidad en su doble dimensión como placer y como peligro;
3. Maternidad como mandato y como derecho a elegir, incluyendo la decisión de abortar (Gadea, 2011: 9).

Dentro do corte “Feministas Jovens X Feministas Adultas” (que é uma grande divisão entre as mulheres dentro do feminismo nicaraguense, de acordo com o coletivo), é possível perceber que as feministas jovens querem aceitar os homens como feministas e não acreditam que todos os homens sejam opressores ou potenciais violadores; por outro lado, as adultas se surpreendem ao perceberem que as jovens não entendem que a opressão que sofrem frequentemente é causada sobretudo pelos homens, que elas querem incluir no feminismo e em suas lutas (Gadea, 2011: 38). Isso acontece porque muitas vezes as jovens não querem se sentir oprimidas, então afirmam ser iguais a qualquer homem, mesmo quando sabem que não é uma afirmação verdadeira (Gadea, 2011: 33).

Poderíamos afirmar que as “feministas adultas” seguem uma linha mais radical que as “feministas jovens”. Uma jovem afirma em uma entrevista para o coletivo *La Corriente*, que não somente as jovens têm que aprender com as feministas adultas, mas que feministas “históricas”, também tem o que aprender com as jovens: *las mujeres adultas también tienen cosas que escuchar de nosotras como*

---

<sup>4</sup> Os detalhes desses questionamentos não são importantes para esta pesquisa.

[...] reconocer a un hombre como feminista cuando hay algunas que dicen que eso es una locura, o tener una compañera trans en el colectivo (apud Gadea, 2011: 38).

As feministas deste coletivo nicaraguense afirmam que é importante fazer uma análise interseccional das diversas dimensões vividas pelas mulheres, que como afirma Rodríguez Martínez, resulta na construção de agendas plurais e controversas, capazes de responder a múltiplas opressões, construídas a partir de diferentes influências culturais e níveis de desenvolvimento, em relação com as identidades em permanente processo de diálogo entre si e com outros de fora (Martínez *apud* Gadea, 2011: 18). Apesar de experiências comuns a maioria das mulheres, nenhuma compartilha a mesma opressão, a luta em comum de todas as mulheres é para acabar com o sexismo, para o fim das relações baseadas nas diferenças construídas socialmente (Bairros *apud* Gadea, 2011: 19). Para as feministas do coletivo *La Corriente* envolver esta heterogeneidade requer o reconhecimento e compreensão das múltiplas experiências de opressão, resistência e transgressão das mulheres que são incluídas nos feminismos periféricos (afro, indígena, lésbico, jovem...).

Um ponto importante para as feministas nicaraguenses é a desnaturalização do sexo e do gênero. O coletivo afirma que ainda que tenha sido útil diferenciar “corpo-natureza” de “gênero-cultura” para perceber as armadilhas do machismo e da misoginia, com essas separações facilmente colidimos com o binarismo de gênero que marca a existência de dois sexos e dois gêneros que “se complementam” e, ainda, que estão em uma relação hierárquica. As feministas acreditam que esse sistema binário é mantido pelo emprego dos estereótipos “masculinos” e “femininos”, e por isso criticam o binarismo e a separação dos gêneros e dos sexos. Como se afirma no livro *Los Cuerpos del Feminismo Nicaraguense*:

sólo desde la reglamentación de los cuerpos en clave jerárquica es posible construir significados esencialistas que cumplen la función de legitimar todo tipo de discriminaciones. Si como sabemos, el género representa un núcleo central de la dominación masculina que legitima el predominio de los hombres sobre las mujeres, la deconstrucción y resignificación de los cuerpos representa una de las más potentes e insoslayables transgresiones (Gadea, 2011: 22).

A ressignificação dos corpos, para o coletivo *La Corriente*, é importante para que a mulher se liberte também sexualmente. O feminismo nicaraguense tem como objetivo descobrir *nuevos espacios del saber, el sentir y el hacer, que autoricen a las mujeres a explorar nuevos territorios de placer desde donde construir nuevas nociones sobre la libertad, autonomía y ciudadanía activa* (Gadea, 2011: 25).

Como afirma Turid Hagene no artigo “Leading Women. Reflections on Gender Struggle at Work in Nicaragua and Norway, Late Twentieth-Century”, sobre as relações de mulheres diretoras de empresas com suas colegas (mulheres e homens), o machismo do país encerra as mulheres dentro dos limites da maternidade. Ver o corpo desde uma perspectiva feminista, é “permitir” que as mulheres sintam seus corpos como jovem, homossexual, negra, mãe... Uma das pautas do feminismo nicaraguense é a

afirmação da sexualidade das mulheres, a partir do direito de apropriação de seus corpos (Hagene, 2005).

No artigo de Turid Hagene, podemos perceber que as mulheres que são vistas como cuidadoras e responsáveis, que atuam dentro do papel maternal no qual foram colocadas, são dignas de maior valor moral e mais respeito que qualquer homem. Entretanto, se uma mulher é vista conversando com um homem, ela automaticamente “abandona” a fronteira da maternidade, e “perde a consideração” masculina (Hagene, 2005: 11). No caso das mulheres que ocupam cargos de liderança, Hagene afirma: *suspected sexual activity would undermine the respect she needed from her subordinates as a director, and gossip and criticism were the means used to maintain and enforce this code* (Hagene, 2005: 12).

O direito a sexualidade deve ser acompanhado pelo direito a escolha pela maternidade, entretanto apenas as feministas que defendem a maternidade opcional discutem o aborto. O discurso patriarcal de que a maior realização das mulheres está na maternidade e que está intensamente interiorizada nas mulheres jovens, indígenas, afro, etc., faz com que seja difícil o questionamento da naturalidade da maternidade e ainda mais difícil defini-la como um “projeto humano” que necessita de liberdade. Por outro lado, o direito ao aborto terapêutico ainda é uma luta de todas as mulheres nicaraguenses. A razão desse aborto não é a falta de vontade de ser mãe, mas o risco de vida. Então, as mulheres acreditam que a vida da gestante é tão importante quanto a do ser que ainda não nasceu:

Finalmente, as feministas desse coletivo afirmam que para a construção de um movimento em que caiba a multiplicidade de sujeitos do feminismo, é importante que se adotem posturas teóricas e políticas capazes de propiciar o diálogo entre as diversas perspectivas, mas que seja possível estabelecer “diálogos com as outras” e não “discursos sobre as outras”. Que sejam criados espaços verdadeiramente solidários, onde se construam relações de respeito e apoio mais que de defesa da igualdade, e que a partir das diversas vozes presentes no feminismo nicaraguense seja possível um sujeito político abrangente: *un sujeto político de largo aliento, con capacidad para ampliar las opciones de las mujeres para vivir una vida más libre y placentera* (Gadea, 2011: 28).

Como afirma Victoria Gonzalez-Rivera (1995) em seu artigo sobre a história do feminismo nicaraguense, as feministas do país reconhecem dois ensinamentos importantes: a busca por autonomia, que resultou das alianças insatisfatórias com partidos políticos; e que devem resolver as questões que surgem em relação aos meios em que estão inseridas, ao invés de apenas importar teorias que resultam de experiências de outras mulheres, que vivem em outros contextos. Desde Josefa Vega, quem defendeu a primeira conquista das mulheres, o feminismo na Nicarágua se transformou e está em permanente adaptação às mulheres que lutam pela equidade de direitos civis.

## 2.2 Amor e guerra sobre a pele da Gioconda Belli

Na Nicarágua, quando as mulheres já tinham iniciado as lutas por seus direitos, em 1948, nasceu Gioconda Belli, no seio da burguesia da capital Manágua. Neste capítulo iremos apresentar a biografia da autora, baseada, principalmente, em seu livro de memórias intitulado *El país bajo mi piel - memorias de amor y guerra*, publicado em 2001, além de entrevistas e artigos sobre sua vida e obra.

A biografia de Gioconda Belli foi muito bem criticada por muitos escritores. Ramona Lagos (2003: 27) afirma que além de serem muito pessoais, essas memórias têm um caráter político, uma vez que a biografia é entendida também como a descrição da história social da revolução da Nicarágua: [...] *son un testimonio confesional que incluye vida privada y pública en un complejo itinerario de construcción de una identidad femenina diametralmente diferente a la cual fuera “prescrita”* (Lagos, 2003: 27). Junta-se a esta, algumas críticas de outras poetisas, escritoras e escritores, como Salman Rushdie: [...] *un relato apasionadamente franco, lírico, de una extraordinaria vida en el arte, la revolución y el amor* [...] (Rushdie *apud* Lagos, 2003: 28).

Este livro de memórias está escrito como se fosse um romance. Apesar de a autora separar o livro em quatro partes, de acordo com os acontecimentos da sua vida com foco no exílio (as três primeiras partes do livro estão separadas em antes, durante e após o exílio), a narração é feita alternadamente, ou seja, enquanto narra uma memória sobre um acontecimento anterior ou durante o exílio, pode mencionar outras lembranças mais recentes, sobre os acontecimentos durante a revolução ou, ainda, sobre os anos que viveu nos Estados Unidos, para revelar uma semelhança entre os acontecimentos, ou como um afetou outro. Neste capítulo, vamos apresentar os momentos importantes, que marcam os confrontos de Belli, sobretudo, com a sociedade patriarcal.

A autora inicia sua biografia afirmando que duas coisas que ela não escolheu decidiram sua vida: *el país donde nació y el sexo con que vine al mundo* (Belli, 2001: 5). Mas, apesar de ter nascido em um país latino-americano, que sofria uma ditadura que durou quase meio século, ela é uma mulher e pertence a uma classe economicamente privilegiada, por isso, é possível entender que o caminho que ela seguiu, pela revolução, foi uma escolha e não apenas um acontecimento fortuito.

Gioconda Belli afirma que, desde criança, por ouvir conversas de seus pais e por suas leituras sobre Fidel Castro, acreditou que ele poderia salvar o país e quando a revolução cubana triunfou, em 1959, ela celebrou a vitória como se também fosse sua (Belli, 2001: 8). Neste sentido, ao afirmar que sua vida foi decidida por escolhas que ela não fez, ela nos aponta a importância que dá ao contexto histórico-cultural, que modelou seu caminho.

De suas lembranças de infância, podemos destacar três episódios que marcaram seu percurso revolucionário: a primeira é sobre quando viu uma menina pobre na rua e a percepção de como era uma fatalidade a divisão social entre ricos e pobres:

Anduve desconcertada varios días [...], anonadada por el azar que me llevó a nacer donde nací, pensando en la arbitrariedad que me había hecho entrar al mundo por la puerta grande, en lugar de ser una de las niñas flaquitas y harapientas que corrían a golpear las ventanas del auto pidiendo limosna, y en cuyos ojos me parecía percibir con dolorosa claridad mi propio desconcierto. (BELLI, 2001: 13).

A segunda é sobre a influência de sua família opositora ao regime de Somoza: sua avó, Carlota, era irmã de Emiliano Chamorro, presidente do país por duas vezes pelo partido conservador (Belli, 2001: 10). Seus pais, igualmente conservadores, também faziam oposição ao regime ditatorial, porque foi implantado pelo partido liberal de Somoza. E a família de sua tia Elena, que era inimiga radical da ditadura (Belli, 2001: 12).

E a terceira é sobre os jovens amigos que morreram lutando contra a repressão. Belli descreve a lembrança do assassinato de um dos vizinhos, que participara de um protesto estudantil contra a ditadura:

Recuerdo que pasamos por la casa de los Parodi. Sobre la pared [...] vi una inmensa mancha de un color cafézusco. [...] La vi muchas veces más. Hasta cuando pintaron la casa meses después la seguí viendo. La veo aún. Es de esos recuerdos imborrables de la infancia que guardan exactamente el olor del día, el soplo del viento, la luz del sol cayendo sobre el arbusto de flores rojas cerca de la puerta, cerca de la mancha de sangre (Belli, 2001: 12).

Na sua biografia de memórias, Gioconda Belli deixa entender que esses foram alguns motivos importantes para transformá-la em uma mulher que iria, mais tarde, escolher lutar pela revolução. Dizemos “mais tarde” porque apesar de ter recebido essas informações durante a infância e de ter construído uma consciência de luta pela liberdade, pelo direito a expressão e pela diminuição das desigualdades sociais, durante sua adolescência Gioconda Belli se distanciou da Nicarágua para estudar. Já nos Estados Unidos se formou em publicidade e jornalismo. Quando voltou, se apaixonou por um colega de trabalho e logo quis casar, para sair da casa dos pais: *empezar a vivir con plena independencia* (Belli, 2001: 19). Assim percebemos o hiato existente na consciência pró-revolução de Gioconda Belli.

A poeta contestou o papel de “moça da alta sociedade”, desde o dia do seu casamento, mas a luta contra essa posição iniciou, de fato, somente após o ingresso na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), o princípio de sua vida dupla, como ela afirma em suas memórias.



Seu primeiro casamento aconteceu em 1965. Belli começou a trabalhar em uma agência de publicidade, em Manágua, aos 17 anos, quando conheceu um rapaz, Mariano Downing, com quem se casou ao atingir a maioridade (18 anos). A narrativa sobre seu casamento é uma das primeiras vezes que podemos perceber um discurso feminista nestas memórias, porque mostra quando ela se conscientizou de que a cerimônia a transformou em um objeto de sacrifício:

Aún era virgen. [...] Entonces me asaltó una sensación de ridículo, de estar empacada como regalo. Había algo humillante en toda aquella ceremonia donde, simbólicamente, mis padres me entregarían a un hombre. El ropaje blanco me asemejaba al cordero de los sacrificios bíblicos cuya sangre correría como ofrenda de castidad. [...], recuerdo el desconcierto que sentí al pensar que los invitados estarían imaginando mi noche de bodas (Belli, 2001: 19).

Poucos meses após o casamento, Belli percebeu que a escolha pelo matrimônio foi precipitada. De acordo com suas memórias, ela esperava realizar atos grandiosos que criariam novas vidas além de vínculos indestrutíveis de amor e intimidade, como sua mãe havia dito. Entretanto, a vida com seu marido foi melancólica e tediosa, desde a “lua de mel”

De aburridos que estábamos [durante a lua de mel] tomamos el automóvil y fuimos a León a comprar novelitas de vaqueros y pasquines de tiras cómicas. De regreso en Managua [...] [n]o le interesaba salir conmigo, ni con amigos, ni siquiera ir al cine. Saber que yo estaba cerca era suficiente para él. Ni siquiera necesitábamos hablar, me decía. Yo iba al baño a llorar. [...] Rabiaba por la trampa en que por ingenua y romántica me encontraba. En mis prisas por salir hacia la vida, me había aferrado de la mano de un hombre cuyo único deseo era que lo acompañara a la cueva donde se escondía (Belli, 2001: 21).

Mesmo casada ela tinha uma posição crítica ao papel das mulheres como esposas. Gioconda Belli recusou a vida puramente doméstica e rejeitou a sugestão do marido de demitir-se e ficar em casa enquanto esperava a primeira filha:

Quando me propuso que me quedara en casa [...] armé tal escándalo que tuvo que resignarse a mi independencia. [...] Quizá porque desde niña consideraba mi sexo una ventaja, me concebía libre, soberana de mí misma. No se me ocurría que un hombre tuviera el derecho de impedirme ser quien era. No aceptaba que el matrimonio o la maternidad significaran la renuncia al cúmulo de posibilidades de la vida (Belli, 2001: 21).

Foi depois de sua filha ter nascido que Gioconda Belli começou a se aproximar do feminismo. Como não se acostumou a vida doméstica, aos encontros com mulheres no *Country Club*, ela lia feministas como Germaine Greer, Betty Friedan e Simone de Beauvoir: *Mientras más leía menos podía tolerar la perspectiva de años y años conversando sobre recetas de cocina, muebles, decoración interior* (Belli, 2001: 23). Então, após mais de oito meses vivendo somente para sua filha e por seu insatisfatório matrimônio, ela conseguiu um emprego que realmente mudaria sua vida. A partir do emprego na agência

de publicidade *Publisa* conheceu vários artistas – que deram o estímulo necessário para começar a escrever sua poesia – e, finalmente, entrou em contato com Camilo Ortega – que a convenceu a se juntar à *FSLN*.

Antes de contar sobre sua adesão ao partido, Gioconda Belli narra como começou a se apaixonar por um colega de trabalho, enquanto era envolvida pela poesia. Essa é uma parte importante desta narrativa, porque, com pouco mais de 20 anos, a escritora começou a se questionar sobre sua moral. Belli não acreditava que o desejo e a curiosidade que sentia eram falhas de caráter: *no me parecía justo que un contrato social como el matrimonio implicara que yo debía resignarme para siempre a una situación que no era más que el producto de un mal juicio, una equivocación* (Belli, 2001: 25).

Francisco de Assis Fernandez, o Poeta por quem ela se apaixonou, lia poesias sobre a história do país que aumentaram a conexão entre Belli e a Nicarágua. Significa que este homem foi importante não apenas por incitar sua paixão, mas, como Belli afirma,

fue el Poeta quien me introdujo al conocimiento más profundo de ese lugar de mis raíces, el que me hizo [...] comprender de dónde procedían los hechos políticos y las miserias que formaban parte de mi vida. Me apasioné por lecturas que me llevaron desde las narraciones asombradas de los españoles al toparse por primera vez con la vegetación y belleza natural de Nicaragua hasta la historia del general Sandino, su lucha contra la intervención norteamericana y la serie de acontecimientos que condujeron a la génesis de la dictadura de los Somoza (Belli, 2001: 26).

Essa paixão que levou Gioconda Belli a atravessar os limites impostos pelo matrimônio, não a fez se sentir culpada, pelo contrário, para ela: *Esa transgresión [...] hizo cuestionar mis deberes y considerar mis derechos, lo que era mi vida y lo que podía ser. El deseo de libertad se expandió por todo el universo* (Belli, 2001: 26).

Assim que Gioconda Belli se empoderou e se libertou, sentiu vontade de transformar e libertar também seu país: *Apropiarme de mis plenos poderes de mujer me llevó a sacudirme la impotencia frente a la dictadura y la miseria. No pude seguir creyendo que cambiar esa realidad era imposible* (Belli, 2001: 28).

Gioconda Belli se sentia bastante contrariada com as desigualdades do país, e depois de ler incansavelmente (Frantz Fanón *Los Condenados de la Tierra*, Eduardo Galeano *Las Venas Abiertas de América Latina*, George Pollitzer, Marcuse, Chomsky, Ernest Fisher, o Che...), se convenceu de que a única saída para Nicarágua era a luta armada e a revolução socialista (Belli, 2001: 29). Mesmo acreditando que a união ao Sandinismo seria arriscada, ela entendeu a necessidade de participar da revolução e fazer sua pequena parte, para garantir um país livre para sua filha (Belli, 2001: 29).

Assim que iniciou sua vida dupla, como mulher de família e revolucionária, Belli sentiu a necessidade de exteriorizar sentimentos. Foi quando começou a escrever poesia. Seus primeiros

poemas foram publicados no jornal *La Prensa, El Gallo Ilustrado, Nicaracuac*, entre outros, em 1970. Na época foram criticados por serem muito eróticos, ou sobre assuntos muito “íntimos” ou “femininos” como a menstruação. Sobre as críticas, Gioconda Belli desabafa:

Que una mujer celebrara su sexo no era común en 1970. Mi lenguaje subvertía el orden de las cosas. De objeto la mujer pasaba a sujeto. En los poemas yo nombraba mi sexualidad, me apropiaba de ella, la ejercía con gozo y pleno derecho. Los poemas no eran explícitos, mucho menos pornográficos, pero celebraban mis plenos poderes de mujer. En eso residía el escándalo. (BELLI, 2001: 30).

Se rebelar ao se apropriar da sua sexualidade foi a maneira que a escritora encontrou de ser explicitamente revolucionária. Em 1972, Belli reuniu seus poemas e conquistou o *Prêmio de Poesia “Mariano Fiallos Gil”*, da Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua, que consagrou sua criação literária.

Dentro do partido, sua evolução foi muito lenta, e ela afirma<sup>5</sup> que gostaria de poder ter realizado trabalhos ainda maiores e mais difíceis. Com os homens, aprendeu o básico sobre a revolução: a importância de alfabetizar todas as pessoas, e, para além disso, a redistribuição das terras. Para os Sandinistas era imprescindível redistribuir a terra e também a emancipação da mulher: *la gente necesitaba tierras para trabajar, préstamos, y la mujer tenía que emanciparse para participar junto al hombre en la construcción de tiempos mejores* (Belli, 2001: 34).

Ao final de 1972 ocorreu um forte terremoto em Manágua que destruiu a cidade, fazendo com que as pessoas que tivessem condições saíssem de lá e se refugiassem nas cidades próximas, como Granada ou León. As pessoas que não tinham como sair de Manágua sozinhas, mais tarde, foram levadas pelo governo a Granada. Muitas pessoas morreram e a cidade ficou completamente destruída (Belli, 2001: 14-15). Gioconda Belli se instalou com sua família em Granada. Lá, ela frequentava reuniões *de la bohemia terremoteada*, com esperanças de reestabelecer contato com a FSLN (Belli, 2001: 36). Em Granada deveria manter contato com Andrea. Elas se conheciam desde o trabalho como voluntárias para ajudar as refugiadas do terremoto (Belli, 2001: 36). Enquanto realizavam trabalhos políticos, fingiam se ocupar em oferecer ajuda humanitária as pessoas afetadas pelo terremoto.

En el Colegio Centroamérica reclutábamos nuevos miembros para el sandinismo entre los refugiados y los organizábamos para que reclamaran al gobierno la ayuda que Somoza se estaba robando a la vista y paciencia de todo el mundo. El dictador se había autoproclamado presidente del Comité de Emergencia Nacional, había impuesto el estado de sitio y la ley marcial y tenía centralizada bajo su mando toda la ayuda que desde la mañana de la catástrofe empezó a llegar al país. El mundo entero, conmovido por la tragedia en plena Navidad, se volcó generoso. Llegaban aviones con alimentos, tiendas de campaña, medicinas, agua, pero las tiendas de campaña para los refugiados aparecían en los jardines de los militares de mayor graduación, la ropa y las latas de conservas las vendían sus esposas en tiendas que abrieron por todas partes [...] Las críticas y denuncias fueron silenciadas.

<sup>5</sup> Em uma “conversa/entrevista” que tivemos (12/07/2015, Gijón).

Somoza obligó a las radios a sumarse a una cadena nacional y estableció una censura estricta en los medios. Pero eran demasiados los testigos de aquel atropello, y éste fue un abuso que nadie perdonó al dictador. Fue la gota que llenó casi a rebosar la copa de la iniquidad. “No hay mal que por bien no venga”, reza un dicho. El terremoto abonó generosamente las semillas de la rebelión (Belli, 2001: 37).

Em 1973 o trabalho clandestino de Gioconda Belli se intensificou, ela realizou seu primeiro recrutamento e armou sua primeira rede de colaboradores. Durante esses meses ela estudava literatura rebelde da América Latina: Livros do Che, dos tupamaros, a teoria da dependência proposta por Ruy Mauro Marini, teses sobre a ética, sobre o compromisso da arte de Lukács e as propostas de Freire sobre educação para liberdade (Belli, 2001: 43). Em setembro de 1973, quatro companheiros sandinistas foram assassinados e Andrea teve que ser transferida para o México, ação que foi responsável pela reorganização das atividades da poeta.

A nova função de Belli era trabalhar como *correo de la resistencia clandestina* (Belli, 2001: 45) entre os companheiros Martín e Marcos, clandestino. Foi decidido que a casa de Belli funcionaria como um ponto de reuniões da Frente, porque, finalmente, ela tinha se separado do marido (Belli, 2001: 46).

Em um dia de 1974, quando chegou ao seu local de trabalho, seus chefes a advertiram de que ela estava sendo vigiada pela ditadura. O chefe da segurança Somocista “sugeriu” que Belli fosse demitida por fazer parte da FSLN. Ela conseguiu negar as acusações e também percebeu que corria riscos, mesmo sendo parte de um grupo privilegiado.

Naquele mesmo dia, antes de trabalhar, Gioconda Belli lançou seu primeiro livro, *Sobre la Grama*. O título, como afirma a professora Ramona Lagos (2003: 36), faz referência a poesia de Walt Whitman. Enquanto Whitman em seu livro *Leaves of Grass*, entre outras coisas, celebra sua personalidade única, como é possível ler em “Song of Myself”: *I celebrate myself, and sing myself* (Whitman, 1965: 28), Belli em sua poesia “Y Dios me hizo mujer”, não apenas celebra a si como pessoa, mas também a sua condição de ser mulher, de forma que começa a desenhar-se possivelmente como “ginocêntrica”:

[...]  
Nacieron así las ideas,  
[...]  
Las mil y una cosas que me hacen mujer todos los días  
Por las que me levanto orgullosa  
Todas las mañanas  
Y bendigo mi sexo (Belli, 1998: 4).

Lagos também afirma que, consciente do poder da sua escrita, Belli denuncia a hipocrisia do seu tempo e percebe que escrever sobre a paixão, o prazer, temas abordados pelos homens desde sempre é um tabu, uma mordada para uma poeta mulher (Lagos, 2003: 36). Pelo escândalo, o ativismo político

da poeta começou a ser vigiado, desde suas primeiras publicações. Ela foi perseguida pela ditadura, mas ao invés de desistir da luta pelo Sandinismo, o medo e o controle que sentiu só aumentaram sua vontade de desafiar seus perseguidores. Ela afirma: *Me juré que por miedo no volvería a ser una pasiva observadora de cuanto era falado y miserable a mi alrededor. Me haría bien, pensé sentir en carne propia lo que significaba la vulnerabilidad de la mayoría de mis conciudadanos* (Belli, 2001: 52). Seus esforços demonstraram-se valiosos para a Frente, e ela foi “condecorada” com a militância sandinista: *Ningún premio me ha brindado tanta satisfacción como recibir, en esas circunstancias, la militancia sandinista* (Belli, 2001: 54).

Nestes dois meses, enquanto foi perseguida, interrompeu seu trabalho como “correio”, mas ainda trabalhava pela revolução de outras maneiras e mantinha uma coluna no jornal *La Prensa*, onde escrevia artigos criticando o governo, sob o pseudônimo de *Eva Salvatierra*. Durante a noite, para demonstrar que era tão inocente como qualquer outra mulher burguesa, participava de cursos, junto a outras mulheres “finas”, de como ser uma boa mãe.

Gioconda Belli narra o início de seu envolvimento com Marcos, companheiro para quem trabalhou como “correio”. Ele planejou uma grande operação, para negociarem a liberdade de alguns sandinistas, que consistia em sequestrar figuras internacionais importantes durante as festas de fim de ano promovidas pela ditadura. A publicação de seu primeiro livro foi o disfarce ideal para Belli visitar várias embaixadas e, com o pretexto de que buscava informações sobre editoras que pudessem se interessar pela publicação de seu livro, conhecer os espaços que poderiam ser invadidos pelos guerrilheiros (Belli, 2001: 62).

Apesar de administrar bem suas duas vidas, Gioconda achava difícil ser mãe solteira, por causa das críticas de sua família e das queixas das filhas pela falta do pai. A poeta, então, aceitou retomar o casamento com seu primeiro marido, que prometeu ser menos apático. Mesmo reatando o matrimônio, ela continuou o relacionamento com Marcos. Ela sabia que não deveria abandonar a felicidade que sentia, para atender as expectativas reservadas às mulheres de sua classe social: *Supongo que pensé como cualquiera de ellos cuando acepté probar otra vez la vida de casada. Marcos y todo lo demás existían en su propio universo con otras leyes físicas y químicas* (Belli, 2001: 67).

Ela reatou o casamento pouco tempo antes da operação que ajudou a planejar. Para não ser capturada, Marcos sugeriu que ela esperasse a situação acalmar fora do país. Então, seu primeiro exílio, na Espanha, iniciou com o pretexto de uma “segunda lua de mel” e durou dois meses, porque ela decidiu voltar para Nicarágua sem a permissão dos líderes da revolução.

A operação foi um grande sucesso, e após 4 dias de negociações o ditador Anastasio Somoza acatou as exigências da frente sandinista. Belli afirma que o exército foi retirado das ruas, enquanto

centenas de pessoas as ocupavam, comemorando a primeira vitória sandinista. A partir deste primeiro êxito, com mais pessoas aderindo ao movimento, a FSLN começou a se dividir.

Por ter retornado sem a autorização dos dirigentes do partido, a escritora foi duramente repreendida, e “rebaixada” no trabalho dentro da Frente. Ela falou, durante a entrevista que tivemos, que era muito difícil conquistar a confiança dos companheiros, que precisava sempre provar seu valor, principalmente porque era “filha da burguesia” e que, apesar do medo que sentia, gostaria de ter feito muito mais pela revolução, porque aprendia a conviver com o medo e a superá-lo. Depois de vários meses ela saiu do “castigo” e conseguiu um novo contato.

O livro todo é escrito como se se tratasse de confidências, com uma prosa fluida a escritora leva as leitoras a momentos diferentes na história da sua vida e de seu país. Esta primeira parte da sua biografia intitulada *Habitante de un pequeño país* termina com a poeta narrando como a guarda somocista começou a seguir suas pistas, como Belli conseguiu fugir de uma perseguição transportando uma clandestina e sobre seu exílio no México em dezembro de 1975:

En diciembre capturaron a Jacobo. [...] Era de esperar que Jacobo mantuviera silencio bajo tortura durante una semana como estipulaba el código de honor sandinista, para dar tiempo a que nos pusiéramos a salvo aquellos a los que pudiera delatar. Pero sabíamos que después de la semana tendría que hablar y revelar algunos nombres para salvar su vida. [...] Otra vez diciembre me traía separaciones y desastres. Mis pobres hijas y nuestros planes de Navidad (Belli, 2001: 76).

A segunda parte da sua biografia é a narrativa da sua vida no exílio, longe da família e, principalmente, de suas filhas pequenas. Ao final de dezembro de 1975 Belli se exilou no México, onde encontrou outras companheiras exiladas, tanto da Nicarágua, quanto de muitos outros países Latino-Americanos que sofriam com a ditadura:

México era el refugio oficial del numeroso exilio latinoamericano provocado por las dictaduras militares. Los idealistas y soñadores del continente iban a parar allí. Cada quién transformaba la dura realidad de su país de origen en plataforma de lanzamiento para las utopías más descabelladas. Cantando, hablando, escribiendo, pintando, nos entregábamos sin reservas a la mística del heroísmo. Pasara lo que pasase, teníamos que parir una vida mejor que aquella que nos forzaban a vivir. Éramos muchos deseando lo mismo. Demasiados. Y con tantas ganas. Las visiones se hacían tangibles hablándolas con otros (Belli, 2001: 85).

Apesar de estar separada de algumas pessoas amadas, foi um tempo em que Gioconda pôde aproximar-se mais de si própria, pois no México não correria tantos riscos como na Nicarágua. Podendo se expressar livremente e demonstrar suas inclinações políticas conseguiu produzir muita poesia. Durante os primeiros três meses de exílio escreveu as poesias que formaram, em 1978, o livro *Línea de fuego*, que ganhou o prêmio “Casa das Américas” em Cuba.

Enquanto experimentava esta corrente criativa, eram feitos planos dentro da frente sandinista. Enquanto pessoas mais influentes planejavam diversas ações, como a eleição de alianças partidárias, o trabalho da poeta era manter contato com artistas, jornalistas e escritoras mexicanas para garantir apoio ao movimento e assegurar o isolamento da ditadura (Belli, 2001: 85).

Após aproximadamente um ano vivendo no México, em abril de 1976, Gioconda Belli se instalou na Costa Rica, onde ficou até o fim da ditadura, em 1979. No primeiro dia morando no país, Belli conheceu o poeta Júlio Cortázar (Belli, 2001: 89). Nos primeiros meses conseguiu um emprego em uma agência de publicidade que além de permitir aos funcionários criarem livremente, oferecia um salário suficiente para a escritora viver com suas filhas. Pela revolução, Gioconda Belli entrou em contato com Jaime Wheelock, um historiador que conhecia detalhadamente a história da Nicarágua durante a conquista espanhola. A poeta afirma que os dados coletados com ele, junto às memórias das histórias contadas por seu avô foram inspirações para a personagem *Itzá* de seu primeiro romance *La mujer habitada* (1988).

Jaime había investigado concienzudamente la historia de Nicaragua. Uno de sus libros [...] documentaba la resistencia indígena en Nicaragua durante la conquista y a mí, desde que era niña, mi abuelo materno, Francisco Pereira, me habló de lo aguerridos que habían sido los indios nicaragüenses. Recordaba la pasión de su voz cuando me contaba la historia de la princesa Xotchitl A Catalt, Flor de Caña. Montada en el caballo que el capitán español que era su amante le regalara, Flor de Caña no vaciló en salir con su arco y flecha a matarlo cuando éste atacó a traición a su padre, el gran cacique de Subtiava, Agateyte (Belli, 2001: 89).

Seu marido proibiu que suas filhas mudassem para Costa Rica; ele alegou que ela não conseguiria cuidar das crianças, mesmo que ele próprio não tinha ficado responsável por elas. Ela teve que chantageá-lo. Com medo de enfrentar a ditadura, e sem intenção de descobrir se Belli estaria blefando, Mariano A. Downing autorizou a partida de suas filhas para viverem juntas à mãe revolucionária. Sobre a chantagem, Belli afirma: *[s]alí a la calle más alta, más fuerte, poderosa, como una diosa antigua, torva, vengativa, que defiende a sus hijos con las armas que sean. Me sentí feliz de ser mujer, de mi instinto, de ser quien era* (Belli, 2001: 92).

Ao comparar a vida entre os Estados Unidos da América, onde viveu no final dos anos 90, e outros países latino-americanos, Belli afirmou que no país do Norte, a sensação de liberdade é maior, porque existem muitas leis de proteção às mulheres. Contudo, na Nicarágua as mulheres não estão muito atrás, pois apesar de não ter oportunidades suficientes para elas, várias posições de presidência e vice-presidência em empresas públicas e privadas são ocupadas por mulheres<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Para verificarmos essa informação podemos comparar o quadro de senadoras dos Estados Unidos da América que, em 2013, alcançou o recorde de 20 mulheres, em um espaço ocupado por 100 pessoas, com a realidade da Nicarágua onde 38 mulheres ocupam o cargo de deputadas, sendo 15 mulheres a menos do total de homens (“Statistics, Women in Congress” (2014); “Listado de diputadas y diputados de la asamblea nacional” (2015)).

Em novembro de 1976, oito meses depois de ter acabado seu relacionamento com Marcos (Eduardo Contreras), um dos líderes da guerrilha, ele foi capturado pela ditadura e brutalmente assassinado. Após muito tempo triste pelo abandono e pela morte de Marcos, Belli casou-se com Sérgio, com quem se relacionava desde o início de 1977. Sérgio era um “homem perfeito”: tomou a paternidade de suas primeiras filhas, era responsável e possuía várias características necessárias em um homem. Entretanto, logo podemos perceber que Sérgio era apenas mais um “machista de esquerda”:

Compulsivamente didáctico, mi nuevo marido insistía en ilustrarme sobre cómo debía entender el mundo. Yo me rebelaba porque lo entendía suficientemente bien. Por quién sabe qué vericuetos de mi psiquis, sus críticas hechas con tono de ironía o hasta de dulce recriminación, me alborotaban sentimientos de culpa. [...] Nunca he tolerado la tendencia de los machos de adoptarnos a las mujeres, como si al casarse con nosotras adquirieran una hija o un ser desvalido que deben guiar por el mundo. Aunque Sergio era un ejemplar aventajado de su género y usaba métodos más sofisticados, a mí no se me escapaba el paternalismo (Belli, 2001: 110).

Desde a divisão da Frente Sandinista, Belli percebeu que, tal como em outras organizações e instituições, sobretudo as que lidam com poder, os líderes sandinistas também pouco ouviam seus argumentos e sugestões; o que, para ela, não fazia sentido uma vez que o partido se dizia revolucionário, onde todas as pessoas deveriam ter voz. Apesar do crescimento da revolução e da visualização de uma vitória Sandinista, Belli começou a discordar das atitudes dos dirigentes do movimento: pela necessidade de dinheiro e armas, eram feitas alianças com pessoas de interesses duvidosos. Para Humberto Ortega e outros líderes, o fim justificava os meios, mas para Gioconda Belli utilizar as mesmas táticas que os políticos sempre usaram não era um posicionamento revolucionário. Desde então, para Belli, os ideais sandinistas estavam “contaminados”: *se sembraron las semillas de un método político carente de escrúpulos que contaminó el sandinismo, sus ideales, su mística, y que a la postre, condujo a los Ortega – que usurparon la bandera de la causa – a la derrota no sólo política sino, sobre todo, moral* (Belli, 2001: 113).

Em fevereiro de 1978 Gioconda Belli ganhou o prêmio de poesia Casa de las Américas. Juntou várias poesias que havia feito desde que fugiu da Nicarágua e intitulou o livro como *Línea de fuego*, por sugestão de um colega da Frente. Com suas funções na revolução, esqueceu do concurso literário: *[e]l premio fue una feliz sorpresa. En aquel momento también lo consideré útil. La visibilidad me venía bien. Me abría puertas y espacios para hablar de la lucha en Nicaragua* (Belli, 2001: 115). Entretanto, para Gioconda a militância era mais importante que a poesia; ser poeta era um trunfo que poderia utilizar para falar do sandinismo e da repressão sofrida pela ditadura: *pasaron muchos años antes de que considerara mi vocación literaria como algo digno de mi empeño. En las entrevistas que me hicieron después de recibir el premio, apenas me detuve en la literatura; hablé de política* (Belli, 2001: 115).



Naquele mesmo ano, em agosto, um comando sandinista “terceirista” invadiu o Palácio Nacional, fazendo todas as deputadas reféns até que fossem liberadas as sandinistas que estavam presas desde 1974. Nesse parágrafo Gioconda Belli mostra a importância das mulheres na luta sandinista e nos apresenta Dora María Tellez, chamada por “número dos”, que na operação foi encarregada das negociações com Anastasio Somoza. Essa mulher, de apenas 22 anos, foi uma das combatentes mais aguerridas durante a ofensiva final, foi ela quem dirigiu as tropas que libertaram a primeira cidade em 1979 e seu pelotão era formado quase totalmente por mulheres (Belli, 2001: 125). A partir desta invasão, a população se despojou do medo e, com ousadia, se lançou contra a ditadura armando-se com coquetéis Molotov, bombas caseiras, revólveres e outros tipos de armas de caça, enquanto a ditadura respondia com armas muito mais desenvolvidas, dos Estados Unidos e Israel, como tanques e aviões.

A destruição cruel pela ditadura não era mais capaz de conter a população, queriam mostrar a Somoza que, para que continuasse no poder, teria que destruir o país. Enquanto a população enfrentava a ditadura audaciosamente, os movimentos de solidariedade, que atuavam de fora da Nicarágua, tinham muito trabalho a fazer, principalmente conseguir dinheiro para comprar armas no mercado clandestino. Durante esses tempos, Gioconda Belli trabalhava como correspondente entre Costa Rica, Honduras e Panamá, levando dinheiro, passaportes falsos, cartas e instruções, para que pessoas que foram presas ou exiladas voltassem para participar da guerra na Nicarágua.

Quando fazia estas viagens, sempre encontrava com o coronel Modesto (Henry Ruiz), que era o chefe da GPP: *una versión nicaragüense del Che Guevara* (Belli, 2001: 117). A escritora estava desapontada com seu marido Sérgio e, aos poucos, deixava de sentir-se apaixonada por ele, mudando o foco de sua admiração começou a se atrair pelo coronel Modesto.

Durante estes anos no sandinismo Belli percebeu como eram opressoras as relações, principalmente, entre pessoas de maior patente em relação às pessoas da base. Eram corriqueiras as situações nas quais era necessário tolerar ações que não combinavam com a postura libertária do partido “pelo bem da revolução” e era fácil perceber as contradições entre discursos e ações. Isso significa que além de os generais e outros líderes abusarem do poder, os homens eram extremamente machistas, e as mulheres, mesmo com a importância que tinham para a revolução, como mostramos anteriormente, eram silenciadas, pois rebelar-se contra um companheiro era razão de serem acusadas como contrarrevolucionárias.

A última narração relativa ao ano anterior ao fim da Ditadura Somocista foi sobre a viagem de Belli a Cuba. Mesmo nesse lugar, que era o “ideal socialista”, Gioconda Belli percebeu o abuso de poder usado por Fidel Castro. O que mais lhe chamou atenção durante a viagem foi o interesse repentino que ela causou em Fidel Castro, que buscou uma oportunidade para conversar com ela sem interrupções. Ele afirmou que o apoio a tendência insurrecional era uma tática e que ele tinha mais conhecimento e

sabia melhor que ela o que era mais importante para vencer a ditadura. Belli percebeu que ele não queria conversar, apenas mostrar seu posicionamento sobre as revoluções, então simplesmente concordou com o que ele dizia. No outro dia, Castro persuadiu a poeta a delatar um colega e ela percebeu o verdadeiro motivo do interesse do chefe de estado. Sobre esse encontro, Belli afirma

Como me sucedería a menudo en mi vida al tratar con hombres en posiciones de liderazgo, lentamente caí en la cuenta de que no quería oírme, sino que lo oyera. Alzaba la voz. Su tono bordeaba lo iracundo. Era evidente que consideraba mi postura como un desafío y quería convencerme de mi error. Al ver que no lograría nada, que la conversación se había reducido a un enfrentamiento de su verdad contra la mía, desistí de continuar. [...] Antes de marcharme de Cuba, le escribí una carta a Fidel. [...] Consideraba incorrecto de su parte que hubiera intentado inducirme a hacerlo [delatar o colega] valiéndose de su autoridad, de su prestigio. Le hice una crítica, muy revolucionaria, según yo. Bien ingenua, pienso ahora (Belli, 2001: 141-143).

Dentro da Nicarágua, a luta militar acompanhada da mobilização das massas, que iniciou em 1978, continuava com a participação das mulheres, de trabalhadoras, estudantes e jornalistas se posicionando contra a ditadura e exigindo respeito aos direitos humanos. Enquanto isso a ditadura fazia várias prisioneiras e desaparecidas, assim Somoza se vingava do isolamento causado em esferas nacionais e internacionais (Belli, 2001: 148).

Finalmente, em março de 1979, as três vertentes se uniram, formando um grupo que dirigiria a última etapa da guerra contra a ditadura. O grupo que se chamou *Dirección Nacional Conjunta* (Belli, 2001: 148) e era formado somente por homens: *Modesto, Tomás Borge y Bayardo Arce por la GPP; Daniel, Humberto Ortega, y Víctor Tirado por los Terceristas; Jaime Wheelock, Luis Carrión y Carlos Núñez, por la tendencia Proletaria* (Belli, 2001: 148).

Nesta reta final era necessário receber e alojar pessoas que vinham de várias partes da América Latina, Europa e até dos Estados Unidos para se unir aos sandinistas como voluntários; montar clínicas clandestinas para atender aos feridos e, principalmente, dinheiro para munições, armas, remédios e outras necessidades da guerra. Na Europa, era abundante a oferta de fundos monetários, então Belli e Malena foram buscar esse apoio financeiro.

Em uma entrevista ao *The Guardian* Belli se pronuncia sobre quais eram os objetivos da revolução nicaraguense, afirmando que não lutavam por um país fechado e oprimido como outros onde foram instalados o socialismo, que procuravam fazer um socialismo diferente: *We were trying to rethink revolution in more open, more joyful terms, taking away that oppressive feeling that was associated with socialism and trying to create a tropical version* (Belli *apud* Campbell, 2002). Esta ideia ecoa na revolução feminista operada ficcionalmente em *El país de las mujeres*.

A segunda parte acaba com um capítulo intitulado “De Cómo Terminaron Cuarenta Y Cinco Años De Dictadura”. A FSLN, que começou com poucas partidárias, realizou suas últimas atividades revolucionárias com muito apoio. Belli afirma na entrevista ao *The Guardian*: *[w]hen we began in the 70s,*

*the Frente was just a handful of people [...] we realised we were just getting by with three cars and 10 people* (Belli *apud* Campbell, 2002).

A partir de junho de 1979, em todas as cidades havia combates nas ruas, enquanto o ditador se aferrava aos restos do poder que possuía protegido pelo bunker, seu escritório a prova de bombas. Junho e julho foram os meses quando aconteceram os últimos movimentos da ditadura. Em junho vários países da América Central romperam relações diplomáticas com Somoza; o Sandinismo instaurou um governo provisional composto por cinco pessoas, das quais uma era mulher.

Com um grupo de amigos, foram informados que Somoza havia caído. E, assim, chegaram ao fim os 45 anos de ditadura na Nicarágua: *Se fue Somoza, me repetí. [...] Lo habíamos escuchado juntos por la radio. Ya no cabía duda* (Belli, 2001: 154). Belli faz uma narrativa emocionante da lembrança de seus companheiros que deram a vida para que seu país não houvesse mais uma ditadura:

Alfredo y yo vimos en los ojos del otro las cenizas en Mazatlán con Marcos. Vi a Ricardo en la tarde crepuscular en la casa del Poeta, a Pin y sus anteojos gruesos, la sonrisa de Amoldo cuando se fue de mi casa, a Camilo hablándome de *Woodstock* y Joe Cocker, a José Benito con su camisa blanca agitando la mano cuando se despidió de mí, a Gaspar con su boina vasca negra, a Blas... Multitudes de muertos íntimos se materializaron entre nosotros [...]. Desde un pozo recóndito oculto en mis entrañas subieron en una marea de ahogo las lágrimas guardadas. Tantas, demasiadas habían sido las muertes ofrendadas para poder oír esa noticia, esa frase tan corta: «Se fue Somoza.» (Belli, 2001: 154).

Com o fim da ditadura, acabou também o exílio de Gioconda Belli, que queria desesperadamente voltar a Nicarágua o mais rápido possível. Sérgio encontrou o acesso para Gioconda quando sugeriu a produção de um jornal para distribuir no país. Foi assim que Belli retornou a Nicarágua: *escribimos el periódico entre los dos. Cuatro hojas tabloide. Lo bautizamos "Patria Libre". Sergio lo diagramó, lo llevó a la imprenta. El periódico era mi carta de salida. Alguien tendría que llevarlo* (Belli, 2001: 155).

Os principais motivos por ela ter se unido ao partido era o fim da dinastia Somoza e a luta pela democracia. Mesmo que o Sandinismo não tenha alcançado todos os objetivos socialistas quando foi possível, as pessoas da Nicarágua já não viviam mais em uma ditadura. O *The Guardian* publicou esse posicionamento da escritora no artigo "Daughter of the Revolution", quando Belli afirmou que outros legados do Sandinismo foram a diminuição do analfabetismo e o aumento das diferenças econômicas e sociais

The best achievement, she believes, is that there is now democracy instead of dictatorship. She also cites the "humungous achievement" of cutting illiteracy from 70% to 12%. A market economy has improved life for those at the top but widened the gap with those below (Belli *apud* Campbell, 2002).

Na terceira parte do livro, intitulada "El Regreso a Nicarágua" a autora narra como foi a luta para reconstruir o país. O primeiro capítulo dessa parte mostra a energia para a reorganização, que deveria

ser feita do zero: não havia Estado, polícia, exército, ou qualquer outra instituição de poder. Havia alguns dirigentes e o coronel Modesto era o principal. Dentro do bunker de Somoza, tomado pelos Sandinistas, o coronel e outros companheiros organizavam um governo provisório para reestruturar o país até a realização de novas eleições.

Mesmo sendo responsável pela transmissão televisiva da Nicarágua, Belli não estava feliz, e a razão para essa infelicidade era a paixão que sentia pelo coronel Modesto, que em uma das primeiras noites após o fim da ditadura, determinou que continuaria o romance com Belli apenas se ela se separasse do marido, e que, mesmo assim, eles não viveriam juntos. Apesar de a escritora entender que esse pedido era um abuso, não recusou.

O coronel Modesto também convidou Belli para trabalhar junto dele, como secretária. Ela deixou seu posto na televisão, onde controlava uma programação inteira, para seguir um homem: *Vivir con Modesto la experiencia de moldear un país desde las cenizas se me hacía más fascinante que cualquier otra tarea que pudiera realizar independientemente de él* (Belli, 2001: 167). Ela confessou que sabia que essa atitude seria ruim para sua autoestima, mas ela estava fascinada pela ideia de colaborar nessa tarefa.

Durante viagens com o coronel Modesto pelas cidades, Belli percebeu como ele também estava agindo como um ditador. Essas viagens tinham como objetivo perceber o alcance da revolução, o reconhecimento das necessidades da população e o planejamento das ações do governo. A poeta também acompanhou o chefe do estado em outras viagens internacionais: primeiro a Cuba, depois a outros países socialistas como Moscou, Bulgária e o leste alemão. O que guardou dessas viagens foi a maneira submissa como eram tratadas as mulheres, em países onde se proclamava a liberdade e os direitos de todas.

Também viajaram a Argélia, para a comemoração do 25º aniversário da Revolução Argelina. Gioconda Belli narra que muitas jornalistas entrevistaram-na perguntando se na Nicarágua os homens também iriam marginalizar as mulheres que participaram da revolução, como aconteceu no país do norte da África. Belli respondeu que as experiências das argelinas e de muitas outras mulheres seriam um lembrete para as nicaraguenses não se resignarem a voltar a ter papéis secundários no governo: *Apenas pudieron disimular su escepticismo. Ya se vería, decía su expresión* (Belli, 2001: 177).

Antes da contrarrevolução, a frente sandinista promoveu a “Cruzada Nacional de Alfabetização”, em fevereiro de 1980. Gioconda Belli afirma que milhares de adolescentes saíram de suas casas e se espalharam pelo país, para alfabetizar 70% das nicaraguenses analfabetas, *fue la más impresionante y conmovedora de las hazañas heroicas que me tocó vivir* (Belli, 2001: 180). Belli narra a guerra pela alfabetização:

Se trataba de cumplir una promesa esencial de la Revolución y de decirles [...] que ya no serían las armas, sino la solidaridad y la generosidad de ellos, lo que transformaría nuestro país y lo sacaría de su antiguo y pertinaz atraso. ¡La gente aprendería a leer [...] las mujeres descifrarían los misterios de las cuentas, ampliarían sus negocios caseros, entenderían los ciclos de su cuerpo y las instrucciones de las píldoras para planificar su familia, aprenderían a preparar alimentos de soja para mejorar la nutrición de sus hijos [...]. Enseñar a leer a todos en Nicaragua era empezar la verdadera revolución. (Belli, 2001: 180-181)

Enquanto se preparavam para erguer uma nova Nicarágua, o coronel Modesto não aceitava o amor de Gioconda Belli, por ela ter nascido em uma família de classe alta. Depois de muito tempo, finalmente, Belli conseguiu esquecer os sentimentos por esse homem que apontava os privilégios dela, mas não percebia a opressão que ele exercia sobre ela (Belli, 2001: 181).

Depois desse rompimento, Belli enfrentou uma crise pessoal durante 3 anos. Este tempo foi importante para que ela se reconhecesse como uma pessoa completa, que amasse suas filhas e filho como indivíduos, para que pudesse encontrar um amor adulto, que não fosse resultado de uma necessidade, mas da posse da verdadeira liberdade: *Fueron tres años los que me tomó encaminarme por nuevos rumbos, empezar a juntar los hilos de mi madeja, descoser y volver a coser. Tres años solitarios, de caer y levantarme* (Belli, 2001: 182).

Enquanto Belli se confrontava em suas crises pessoais, Nicarágua se preparava para entrar em outra guerra, que duraria 9 anos. Belli conheceu seu novo companheiro Carlos durante essa guerra da contrarrevolução. Os dirigentes do partido a ameaçaram para que ela terminasse o relacionamento, alegando que ele, por ser estadunidense, estaria com ela para conseguir informações dos sandinistas. Ela não seguiu tais ordens porque percebeu que muitos outros companheiros se relacionavam com mulheres dos Estados Unidos e nenhum diretor questionava a lealdade destes homens.

É desta forma que Belli mostra que os sandinistas também colocaram os direitos das mulheres em segundo plano. Primeiro destituíram as mulheres dos postos militares colocando-as para ocupar apenas os postos administrativos; não escolheram nenhuma mulher para ser dirigente de partido e, por último, controlavam os relacionamentos das mulheres, como não era feito com os homens. Em uma entrevista com Suzy Hansen, Belli fala sobre essa decepção em relação aos direitos das mulheres no movimento sandinista: *My disillusionment came afterward not so much because of the way I was treated but because we had big aspirations for women. We wanted the situation for women to change more radically* (Belli apud Hansen, 2002).

Porque o partido não correspondia às necessidades das mulheres, por estarem mais ocupados com questões econômicas e militares, um grupo de mulheres resolveu se unir para tratarem, secretamente, de que maneiras poderiam incluir as questões das mulheres na agenda revolucionária. Esse grupo e as memórias que Belli tinha das reuniões, serviram como inspiração para o romance *El país de las mujeres*:

In the 80s, during the Sandinista Revolution, a group of women, me included, began to meet secretly [...] We called ourselves the Party of the Erotic Left, PIE, which means “foot” in Spanish. It was a defiant and fun group. I took the inspiration for this novel from that experience (Belli *apud* Hoover, 2001).

Não foi possível levar adiante a ideia de concorrer às eleições com o partido de mulheres, mesmo que o partido tenha criado até um programa sobre o que poderiam oferecer à sociedade.

Com a guerra e o desgaste da FSLN quanto a táticas e posicionamentos, quando houve eleições, em 1989, a candidata Violeta Chamorro venceu pela UNO, coligação que confrontava os sandinistas. Foi o fim do sonho revolucionário, que teve como principal consequência a conquista da democracia na Nicarágua. Pela primeira vez a transição entre governos foi em paz, ainda que tenha sido uma vitória “amarga”. Diferente de quando os sandinistas tiraram Somoza do poder, desta vez, não houve festa popular.

Gioconda Belli chega ao final dessas memórias sobre a revolução em seu país e sobre a sua própria revolução enfrentando o fato de que a população não apoiava a FSLN tanto quanto acreditavam. A lembrança de seus amigos mortos, desta vez, era dolorida: *todos volvían a morir, [...] ahora sus muertes eran vanas, inútiles. Vidas perdidas. [...] Muchas más ahora. Con la guerra contrarrevolucionaria eran más de cincuenta mil los muertos. Y todo se terminaba allí* (Belli, 2001: 191).

Decepcionada, mudou-se para os Estados Unidos, onde viveu com seu marido até 2013. Grande ironia foi Belli ter se mudado para o país que tanto abominava. Quando a ela narra seus primeiros dias vivendo no norte da América, nos ajuda a perceber como se sentia ao encontrar tantas possibilidades, frente a escassez que sofria a Nicarágua.

Acabada a revolução, num país com costumes muito diferentes dos seus, Belli se dedicou ainda mais ao seu trabalho como escritora. Em 1989 Gioconda Belli já tinha publicado vários livros de poemas e seu primeiro romance, *La Mujer Habitada*, que foi traduzido em vários idiomas, e foi um êxito em vendas na Europa, recompensado com dois prêmios literários na Alemanha, neste mesmo ano. Seus últimos romances são *El intenso calor de la luna* (2014), onde narra a história de uma mulher, Emma, que não quer perder sua feminilidade e sexualidade após a menopausa, e *El país de las mujeres* (2010).

Gioconda Belli é uma escritora bastante reconhecida por suas obras literárias, mas, principalmente, por suas lutas. Nas suas memórias sobre a revolução sandinista na Nicarágua, percebemos o objetivo da autora que é mostrar como uma revolução interfere na vida das pessoas, e como foi importante para ela, uma mulher de uma família da classe alta, se rebelar. Também podemos afirmar que ela busca influenciar outras mulheres a fazerem, cada uma, sua revolução.

### 3. Apresentação e análise do romance feminista

Neste capítulo iremos apresentar um resumo e uma análise do romance *El país de las mujeres*. Esperamos responder a alguns questionamentos feitos previamente e encontrar outras perguntas que, talvez, permitirão perceber como e porque esse romance pode ser considerado feminista. Para isso, usaremos as pesquisas feitas sobre a crítica literária e a teoria feminista, apresentadas no primeiro capítulo.

#### 3.1 Resumo

*El país de las mujeres* (2010) é um romance que tem como espaço um país ficcional na América Latina, chamado Faguas, e seu tempo histórico pode ser percebido como contemporâneo ao ano em que foi publicado. O livro está dividido em dois planos narrativos com tempos distintos: o primeiro conta sobre o passado, é uma analepse da vida da protagonista Viviana Sansón, Presidente de Faguas, que, após um atentado, fica em coma; o segundo, no presente, narra os eventos envolvendo outras personagens, durante o período do coma da protagonista.

Depois de sentir ter sido acertada por um tiro, a protagonista, Viviana Sansón, despertou para um estado de semiconsciência em um galpão onde encontrou objetos que reconheceu terem sido seus: óculos escuros, chapéus de chuva, pesos de papel, entre todas as coisas que ela possuía e perdera durante sua vida. Dentro desse “lugar-consciência”, todas as vezes que tocava um objeto era transportada para uma lembrança que o incluía, como se visitasse a própria vida.

Com esse artifício, a narradora descreve como a personagem se recuperou do trauma causado pela morte do primeiro homem que amou, como tomou consciência de sua existência como sujeita e, depois de transformar sua vida, buscou fazer algo para transformar as vidas das pessoas de Faguas. Durante o coma de Viviana, tomamos conhecimento de como a protagonista, junto de suas amigas, resolveu criar um partido só de mulheres (que foi chamado *Partido de la Izquierda Erótica – PIE*) para concorrer às eleições e, depois de terem sido eleitas, como implementaram leis que, além de serem polêmicas, transformaram a vida das cidadãs de Faguas, principalmente das mulheres.

Enquanto Viviana Sansón permanecia em coma, suas amigas e companheiras do partido (Martina Melendez, Eva Salvatierra, Ifigenia Porta, Rebeca de los Ríos e Juana de Arco) precisavam descobrir os culpados do atentado a presidenta, além de atender às demandas das cidadãs e cidadãos

– que se manifestavam contra e a favor do partido que esteve sob a direção da presidenta interina eleita pelo conselho do PIE, Eva Salvatierra.

O grupo de apoio ao governo defendia a permanência do partido no poder até que Viviana se recuperasse, ou até que terminasse o mandato para o qual o partido fora eleito. Entretanto, alguns meses antes do atentado, o partido havia eliminado o cargo de vice-presidência, decretando que, se algo acontecesse a quem ocupasse a presidência do país, novas eleições seriam feitas para que a população escolhesse, novamente, outra pessoa que a representasse. Essa lei corroborou com o conceito de que os partidos não devem ter interesse em se manter no poder a qualquer custo e que a população deve escolher sempre sua/seu representante. Os grupos contra o governo organizaram, então, diversas manifestações para que o partido respeitasse a lei, e convocasse novas eleições, enquanto as mulheres do Estado tentavam lidar com essa decisão da melhor forma possível, esperando por uma recuperação de Viviana Sansón.

O objetivo do atentado era assassinar a presidenta, para que fossem realizadas novas eleições e para que a oposição tivesse nova oportunidade de ser eleita, mas o plano não resultou como o esperado. Além de o Partido da Esquerda Erótica ter permanecido no poder, também foi fortalecido, porque a maioria das pessoas, inclusive alguns homens, perceberam que o atentado fora responsabilidade daqueles que defendiam uma sociedade machista. Não havia outra razão, uma vez que projeto do partido corria bem, que as condições de vida da maioria das pessoas do país melhoravam e as práticas do partido recebiam menções internacionais. No final, quando a presidenta se recuperou e renunciou seu cargo, por não ter se recuperado suficientemente para governar o país, grande parte da população se manifestou caminhando até o prédio do governo e apenas permaneceu de pé: levantaram-se para apoiar uma causa e reivindicar seus direitos, como propagandeava o partido.

Para a justiça ser feita, os políticos que estavam envolvidos no atentado (e que também estavam envolvidos em outros escândalos) foram julgados e condenados. Os homens, aos poucos, voltavam a ocupar posições dentro do governo e todas aprendiam a conviver de maneira mais justa, porque houve uma reestruturação das relações sociais; finalmente, os homens passaram a respeitar, legitimamente, as mulheres e elas aprenderam a se valorizar mais, porque reconheciam e eram reconhecidas pelas suas capacidades e importância perante a sociedade.

### 3.2 Análise do romance

Para analisar o romance, é importante ter em consideração que Faguas é um país criado por Gioconda Belli, para “funcionar” como uma Nicarágua perfeita, ou seja, é o país onde a escritora deposita



suas ideologias, partindo da realidade socio-política que conhece. Em Faguas a escritora demonstra o que desejaria que acontecesse em seu próprio país, principalmente, em relação às mulheres, como a concretização ficcional de um programa ideológico e político feminista.

Em *La mujer habitada* (1988) Gioconda Belli mostra Faguas sob o domínio de uma ditadura. Como a narradora autodiegética, Lavínia, afirma: *En la universidad se quemaban buses, se organizaban fogatas por la noche; el Gran General había ordenado la censura de prensa: el clima de las calles era bélico y fogoso* (Belli, 1988: 49). Esse primeiro romance de Belli está totalmente relacionado a experiência da escritora como sandinista. Sendo um romance bastante autobiográfico, Lavínia decide participar da luta contra a ditadura de Faguas, mas a protagonista se questiona se a batalha contra a ditadura por si só seria suficiente para remodelar a sociedade e alcançar a utopia de um mundo melhor (Belli, 1988: 55). Lavínia desconfia dos resultados de uma revolução que ignora as lutas contra o machismo e outras opressões. Para ela é impossível construir um país melhor, deixando as demandas das mulheres e de outras pessoas marginalizadas em segundo plano (Belli, 1988: 55). Mesmo com o fim da ditadura, a política de Faguas em relação às mulheres não é alterada. Elas continuam sendo desrespeitadas, como é possível perceber durante a leitura de *El país de las mujeres*.

Faguas é um país mais contemporâneo quando acontece a história narrada em *El país de las mujeres*. Podemos afirmar isso porque as personagens falam sobre *Stieg Larsson* e sua personagem *Lisbeth Salander* (Belli, 2010: 86, 129, 233); são mencionadas redes sociais como o *Facebook* e *Twitter* (Belli, 2010: 112) e, além disso, as personagens utilizam dispositivos móveis como leitores eletrônicos e *tablets* (Belli, 2010: 35, 140, 199). Apesar de não viverem mais em uma ditadura, as cidadãs e cidadãos de Faguas não sabem como enfrentar os desmandos dos políticos; acreditam que são todos iguais e, por isso, não esperam que seja possível eleger representantes que façam alguma diferença para o país (Belli, 2010: 45, 72, 75, 76).

As pessoas de Faguas, no romance *El país de las mujeres*, deixaram de lutar contra as injustiças causadas pelos políticos, que são corruptos e não se preocupam com a situação das cidadãs: *El gobierno daba asco por mafioso y mentiroso* (Belli, 2010: 72). Como nos lugares onde são grandes as injustiças sociais as mulheres são as que mais sofrem<sup>7</sup>, em Faguas as mulheres também são as mais marginalizadas (Belli, 2010: 165). Essa é outra relação que pode ser feita com Nicarágua. Após a revolução sandinista, assim que os revolucionários alcançaram o poder com ajuda das mulheres, elas foram retiradas de seus postos no exército e passaram a ter cada vez menos direitos (Belli, 2001: 166).

---

<sup>7</sup> Em *Pode o subalterno falar?* Gayatri Spivak afirma que: *Se [...] o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade* (Spivak, 2010: 67).

Lavínia, em *La mujer habitada*, apontou o problema de se fazer uma revolução sem ter a intenção de acabar com o machismo. Em *El país de las mujeres*, onde é apresentada uma Faguas “pós ditadura”, os homens continuam corruptos e, obviamente, machistas. A única diferença entre o antes e depois da revolução é que as pessoas deixaram de acreditar em mudanças, uma vez que não foram alcançados os objetivos do *Movimiento*<sup>8</sup>, como se pode entender pela caracterização dos políticos em *El país de las mujeres*. É nesse país, onde há pouca esperança, que Viviana Sansón propõe uma transformação que pretende oferecer melhor qualidade de vida a todas as pessoas, principalmente para as mulheres.

Como já foi brevemente referido, o romance é narrado principalmente em dois tempos, que correspondem a dois planos narrativos: o passado, sob o ponto de vista da protagonista que revisita sua história a partir de *flashbacks* aleatórios; e o presente, a partir do ponto de vista das várias personagens envolvidas no enredo. A viagem ao subconsciente da protagonista funciona como uma narrativa de balanço, o que é importante para apresentar argumentos e contra-argumentos relativos às ideias – as teses – que o romance pretende demonstrar. Nestes momentos, o romance permite à Viviana Sansón perceber os erros e acertos que cometeu no trajeto até ser eleita presidenta; como a população recebia as mudanças propostas e que a maior parte destas normas e leis – planejadas e aplicadas junto a todas as companheiras de governo – foi aprovada pela população. Ao visitar diferentes momentos de sua vida e avaliar seu passado, a protagonista tem a oportunidade de avaliar seus atos, sobretudo, sua impulsividade e persistência: *Hay que ver cuánto es posible aprender del pasado. Somos tan buenos para olvidar [...] hacer desaparecer nuestros errores, [...] para así volver, una y otra vez, a cometerlos* (Belli, 2010: 275).

O romance apresenta algumas rupturas na narrativa, durante as quais são apresentados “materiais históricos” que consistem em notícias em jornais, entrevistas, e-mails trocados entre as personagens, além de propostas políticas e o manifesto do partido. Esses múltiplos pontos de vista criam o efeito de uma intriga contada a partir de várias perspectivas, mostrando as opiniões tanto das personagens principais, das pessoas que apoiam o partido e das mulheres que se sentiram incluídas nessa política feminina/feminista/felicista, quanto o ponto de vista daqueles que são contra a audácia dessas mulheres de confrontar os homens. O multiperspectivismo é mais um instrumento do diálogo de argumentos próprio de um romance de tese. Ainda, o enredo parece um quebra-cabeças policial: enquanto as protagonistas procuram pistas sobre os responsáveis pelo atentado e Viviana revisita seu passado, a leitora, envolvida pelo suspense, precisa construir as relações entre os eventos. É necessário descobrir quais passagens fazem parte de um passado antigo, do passado recente ou do presente; quais

---

<sup>8</sup> *Movimiento de Liberación Nacional*, ou *Movimiento* é o nome do grupo que lutou contra a ditadura em Faguas, no romance *La mujer Habitada*. Aqui é possível perceber mais uma relação entre a vida real da escritora com sua criação literária.

os motivos do crime e quem estava por trás do tiro que acertou uma mulher entre uma multidão de mulheres.

Além de ter intenção revolucionária, defendendo um programa feminista, o romance também é uma sátira política quando se refere aos políticos e outros “machos”, apresentados em situações cômicas, como a notícia de jornal sobre um pinguim de estimação em um país tropical (Belli, 2010: 74-75) e a diminuição da testosterona – ou seja, da masculinidade – causada pelas cinzas do vulcão Mitre (Belli, 2010: 39-40, 49). Também é uma sátira a masculinidade quando as mulheres apresentam as propagandas políticas, ironizando a pouca capacidade que os homens possuem para se concentrarem, ou sua inabilidade em gerenciar suas próprias casas e, ainda menos, o país (Belli, 2010: 109-110, 119-123).

Como o romance não segue qualquer ordem cronológica, decidimos expor os eventos, as caracterizações e as tramas importantes separando-os em temas que formarão três subcapítulos, com títulos autoexplicativos: “O partido da esquerda erótica: criação, ideologia e ações concretas”; “Personagens contra e a favor do partido” e “Elemento perturbador: o vulcão Mitre”. Para facilitar a leitura, a análise se propõe apresentar uma ordem cronológica dos eventos, sempre que possível, respeitando os temas abrangentes. Iremos comentar os eventos que antecedem a decisão da protagonista de montar um partido com suas amigas, a criação do partido, a convocação de mulheres para participar ativamente da democracia e as reformas que levaram ao descontentamento os partidos da oposição e, principalmente, de políticos influentes, que culminou no ataque a presidenta.

### 3.2.1 *El Partido de la Izquierda Erótica*: criação, ideologias e ações concretas

#### Criação

Viviana é a protagonista, a idealizadora do partido, a candidata à presidência pelo PIE. Antes de se inserir na política trabalhou com jornalismo investigativo, mas percebeu que as exposições das injustiças causadas pelos políticos, que ela realizava durante a apresentação do jornal e no seu programa semanal não funcionavam porque não ofereciam risco às posições nem às influências dos denunciados (Belli, 2010: 76-77). Por isso, suas revelações não resultavam em uma mudança no cotidiano dos habitantes de Faguas. Com a intenção de realizar uma verdadeira transformação, propôs às suas amigas a criação de um partido só de mulheres, que oferecesse melhores condições de vida às pessoas. Para ela, a existência de mulheres envolvidas na política, em vários partidos e funções públicas, inclusive ocupando cargos de presidência, não era suficiente quando o poder ainda seguia uma ordem, um sistema machista e patriarcal.

Ya hay mujeres presidentas. Eso no es novedad. Lo que no hay es un poder femenino. ¿Cuál sería la diferencia? Yo imagino un partido que proponga darle al país lo que una madre al hijo, cuidarlo como una mujer cuida su casa; un partido "maternal" que blanda las cualidades femeninas con que nos descalifican, como talentos necesarios para hacerse cargo de un país maltratado como este. En vez de tratar de demostrar que somos tan "hombres" como cualquier macho y por eso aptas para gobernar, hacer énfasis en lo femenino, eso que normalmente ocultan, como si fuera una falla, las mujeres que aspiran al poder: la sensibilidad, la emotividad (Belli, 2010: 101).

Essa fala de Viviana apresenta importantes questionamentos. Primeiro, como um poder "feminino" transformaria a sociedade. O fundamental da ideia de Viviana é uma ideia de transformação do sistema patriarcal-machista a partir do que entende como "feminino", acentuando-o. Ou seja, parte de uma noção de uma diferença essencial das mulheres em relação ao masculino. Dessa diferença essencial fazem parte, como se pode ler acima, a ideia de "cuidado", de "maternidade", de "sensibilidade" e de "emotividade". A personagem defende que as mulheres, usando a inteligência emocional, principalmente, conseguiriam mostrar aos homens que é possível fazer uma política mais justa e equitativa. A inteligência emocional, subjetiva, é responsável por fazer com que uma pessoa entenda as necessidades de outra. Diferente dos homens, que apresentam como padrão a racionalidade, o domínio sobre o outro, um poder "feminino" estaria mais preocupado com o bem-estar da sociedade e com a divisão do trabalho (Belli, 2010: 103-104).

Nesse parágrafo podemos perceber como a escritora se apoia na vertente ginocêntrica da teoria feminista para construir sua argumentação. Como foi apresentado no primeiro capítulo, para as feministas que defendem o ginocentrismo, a feminilidade não é uma fraqueza, nem um impedimento para que as mulheres alcancem uma transcendência. Além disso, essa vertente, de acordo com Iris Young, defende que os valores entendidos como masculinos, que exaltam a morte, a violência, a competição, o egoísmo e a repressão do corpo, da sexualidade e da afetividade, são grandes ameaças a sobrevivência do planeta e da humanidade, e que o fato de a sociedade lhes atribuir grande prestígio é apenas um sinal de como a cultura patriarcal é perversa (Young, 2006: 178). No romance é possível perceber como a supervalorização dos valores que a autora apresenta como masculinos é prejudicial para o mundo e principalmente para as mulheres. Uma das personagens, Petronio Calero, proíbe a mulher de trabalhar, alegando que ele precisa que sua mulher fique em casa (Belli, 2010: 80). Outras personagens, sobretudo masculinas, como Dionísio, Emiliano Montero e o juiz Jimenez (serão apresentadas mais detalhadamente no próximo subcapítulo), também são demonstrações de como a cultura machista é violenta, uma vez que leva a práticas como escravidão e tráfico de mulheres (Belli, 2010: 93-94) e violência física (Belli, 2010: 224); egoísta e gananciosa – com políticos que desviam recursos destinados às vítimas do vulcão Mitre (Belli, 2010: 38); e, ainda, repressora e misógina, formando homens que tem aversão as mulheres e a qualquer relação ao universo feminino. O romance apresenta Emiliano Montero,

uma personagem que exemplifica bem essa característica ao desvalorizar qualquer feminilidade possivelmente encontrada em sua esposa: *Alma de hombre en cuerpo de mujer es la combinación perfecta. [...] si me hubieses salido modosita, dulcita, todos esos "ita" de los que adolecen las mujeres, bien lejos estaría ya de aquí. [...] Le tengo alergia al rosado, a lo femenino y, sobre todo, a las feministas* (Belli, 2010: 190-191). Antes da proposta assente na feminilidade do partido PIE, as mulheres lutavam para serem valorizadas como os homens, para serem aceitas nos mesmos círculos, para alcançarem os mesmos prestígios; mas, enquanto as mulheres buscavam, a qualquer custo, abandonar sua sensibilidade, os homens não eram envergonhados por sua objetividade e racionalidade extrema (Belli, 2010:101). O romance permite entender que se a razão (relacionada ao masculino) for mais valorizada que a emoção (relacionada ao feminino), é provável que sejam criadas leis socialmente injustas (que proibam a mulher da apropriação do corpo ou que não garantam direitos básicos para as camadas sociais menos privilegiadas, por exemplo). Viviana pede aos políticos que percebam os motivos de as mulheres estarem em desvantagem intelectual (sugerindo a leitura de *A room of one's own*, de Virginia Woolf) e também argumenta que a racionalidade, por si própria, não parece ser suficiente para governar um país: *Mucha sapiencia tendrán, pero la verdad es que, a juzgar por como está el mundo, de poco les ha servido, así que no intenten dirigimos; observen, ayuden y aprendan* (Belli, 2010: 153).

O romance funciona como romance de tese, no sentido do feminismo ginocêntrico, porque a experiência realizada em Faguas pelo partido pretende demonstrar como a democratização e valorização do que a sociedade considera ser “de mulher” pode revolucionar a maneira de as pessoas viverem. É importante perceber que o romance não propõe alguma obrigatoriedade: as mulheres são convidadas a questionar os motivos de serem colocadas à margem da vida política; a perceber que a feminilidade pode e deve ser valorizada, vista como necessária, principalmente, para desempenhar as tarefas públicas (Belli, 2010: 119). Tal como é defendida pela vertente ginocêntrica, a feminilidade não deve ser percebida como um obstáculo para as mulheres. O que causa a opressão das mulheres é a desvalorização das experiências femininas, que, tal como são vistas no romance, são mais relacionadas à natureza e à promoção da vida do que as experiências masculinas.

Outra polêmica criada durante o planejamento do partido foi sobre o cuidado como uma característica da feminilidade. Tal como se lê cima, Viviana afirmou que Faguas precisava de pessoas que se preocupassem com o país como uma mãe que cuida de sua casa e sua família. À semelhança do ginocentrismo, Viviana defende que as mulheres promovem a vida em um grau maior que os homens: *Si hay algo que necesita este país es quién lo arrulle, quién lo mime, quién lo trate bien: una mamacita* (Belli, 2010: 101). Entretanto, a protagonista acredita que esse cuidado e que a feminilidade, em geral, não devem ser restringidos à esfera privada. Por isso, as mulheres, possuidoras dessas capacidades, devem se posicionar à frente da sociedade e ensinar a todas essa maneira mais justa de se governar

um país. Com essa ação, o lugar social da mulher deixaria de ser o ambiente privado, e a feminilidade passaria a ser reconhecida como necessária em todas as esferas sociais. Viviana sugere:

¿Qué tal entonces si pensamos en un partido que convenza a las mujeres, [...] de que actuando y pensando como mujeres es que vamos a salvar este país? ¿Qué tal si con nuestras artes seductoras de mujeres y madres, sin falsificarnos ni renunciar a lo que somos, le ofrecemos a los hombres ese cuidado que les digo? [...] El problema para mi no es lo que se piensa de las mujeres, sino lo que nosotras hemos aceptado pensar de nosotras mismas. Nos hemos dejado culpabilizar por ser mujeres, hemos dejado que nos convenzan de que nuestras mejores cualidades son una debilidad (Belli, 2010: 101).

Para a protagonista, as mulheres se deixaram ser convencidas de que suas qualidades como o cuidado, por exemplo, eram fraquezas e deveriam ser evitadas e questionadas. Neste novo sistema, as mulheres deveriam se orgulhar por sua sensibilidade e emoção, características imprescindíveis para a reestruturação das relações sociais, que seria uma combinação entre os valores personificados pelos homens e que teria como elemento principal a feminilidade, que compreende a comunidade e a ética do cuidado.

Viviana e suas amigas concordaram que não poderiam continuar indiferentes aos problemas de Faguas e precisavam fazer mais pelo país. Na sua perspectiva, era necessário um partido somente de mulheres, para que conseguissem fazer uma revolução. Após decidirem as ideologias do partido, as cinco amigas escolheram o *slogan* de dois pezinhos com unhas pintadas de vermelho, que faz uma perfeita combinação com a sigla “PIE” correspondente a *Partido de la Izquierda Erotica*. O slogan se refere a metáfora de encarar caminhos e enfrentar obstáculos, caminhar em busca de um objetivo (Belli, 2010: 105). O detalhe de unhas pintadas em vermelho está relacionado a cor da esquerda e ao erotismo, criando uma boa analogia ao nome do partido. O erotismo, de que falaremos abaixo, é mais um dos elementos da feminilidade considerados essenciais para a transformação social que emancipe as mulheres. As unhas pintadas ainda serviam como uma forma de identificação e contato entre as mulheres que se sentiam representadas pelo partido. As mulheres também criaram o manifesto do PIE, o qual, enquanto conjunto de teses, justifica e serve como base para o romance feminista em que se inclui:

1. [...] Desde que esta nación se fundó, los hombres han gobernado con mínima participación de las mujeres [...] Ninguno de ellos ha podido encontrarle el modo a las cosas y nosotras, las mujeres, ya estamos cansadas de pagar los platos rotos [...]. Por eso nosotras hemos decidido que es hora de que las mujeres digamos: SE ACABÓ.
2. [...] Nuestra habilidad es la negociación, la convivencia y el cuidado de las personas y las cosas. [...] sabemos lo que está mal en el campo y lo que está mal en la ciudad [...]
3. [...] hemos considerado que para salvar este país las mujeres tenemos que actuar y poner orden a esta casa destortalada y sucia [...]
4. Por eso lanzamos este manifiesto para hacer del conocimiento de las mujeres y hombres que pueden ya dejar de esperar al *hombre* honrado y apostar ahora por nosotras [...] somos de izquierda porque creemos que una izquierda a la mandíbula es la que hay que darle a la pobreza, corrupción y desastre de este país. Somos eróticas porque *Eros* quiere decir VIDA, que es lo más importante que tenemos y porque las mujeres no solo hemos estado

desde siempre encargadas de darla, sino de conservarla y cuidarla; somos el PIE porque no nos sostiene nada más que nuestro deseo de caminar hacia adelante, de hacer camino al andar y de avanzar con quienes nos sigan.

5. Prometemos limpiar este país, [...] dejarlo reluciente [...]

6. [...] nuestra ideología es el "felicismo": tratar de que todos seamos felices, que vivamos dignamente, con irrestricta libertad para desarrollar todo nuestro potencial humano y creador y sin que el Estado nos restrinja nuestro derecho a pensar, decir y criticar lo que nos parezca.

7. [...] Invitamos a todas las mujeres a apoyarnos y a sumarse a nosotras. A los hombres los invitamos [...] Únanse al PIE y no sigan metiendo la pata (Belli, 2010: 109-110).

### Ideologías e Propagandas

O ponto principal do manifesto é a possibilidade de as mulheres fazerem um governo melhor do que o que o país teve até o momento, sendo melhores governantes que os homens, porque não promoveriam um sistema opressor e machista. A criação do manifesto do partido deixou as mulheres eufóricas com as possibilidades, com o escândalo que poderiam causar no país com um partido de mulheres, que se autodenominava de esquerda e erótico e, ainda, com a oportunidade de transformar o poder "sugerindo" que os homens se responsabilizassem pelas tarefas domésticas durante uma temporada.

O manifesto se apoia no poder que emana das mulheres. Por estarem cansadas de responderem pelo descaso dos políticos homens, as mulheres se colocaram como a única opção para que o país alcançasse melhores condições de vida. Elas seriam as melhores candidatas ao governo, sobretudo, porque tinham capacidades que resultavam de sua inteligência emocional, algo que faltava aos políticos machos. Eram elas que tinham experiência com o cuidado da vida e dos ambientes domésticos e, como Faguas parecia uma casa suja e abandonada, elas possuíam as habilidades necessárias para "limpar e organizar" o país, a partir de uma ideologia que chamam de "felicista".

Faguas, de acordo com as mulheres do PIE, é um país onde se poderia realizar uma experiência de um sistema no qual, mais importante que renda *per capita*, se somasse a felicidade interna bruta (FIB) para medir o desenvolvimento.

Ustedes habrán oído la teoría del eslabón más débil: por ser pobre y pequeña, Faguas puede ser el plan piloto de un sistema diferente propuesto por nuestro partido: el "felicismo". La felicidad per cápita y no el crecimiento del Producto Interno Bruto como eje del desarrollo. Medir la prosperidad no en plata sino en cuánto más tiempo, cuánto más cómoda, segura y feliz vive la gente (Belli, 2010: 103).

No site do Partido da Esquerda Erótica há uma postagem sobre as origens do Felicismo, que Gioconda Belli resgatou da constituição do Butão:

El Gobierno butanés presidido por J. Thinley sostiene que para ello [medir a felicidade] es necesario apoyarse en cuatro pilares: respeto por la naturaleza, preservación de la cultura, prácticas de buen gobierno y un desarrollo económico igualitario y sostenible. En otras palabras, ecologismo, respeto a la diversidad, gobierno transparente sin

corrupción y sin prácticas de nepotismo, así como un desarrollo económico que no esquilme los recursos para las siguientes generaciones y que garantice un mínimo básico para cualquier persona (PIE, 2010).

Na citação, percebemos que a ideologia felicista se preocupa mais com a quantidade de bem-estar de um grupo do que com sua produtividade, sem deixar de prestar atenção nas necessidades básicas das cidadãs. No romance essa ideologia permite que as pessoas se envolvam mais com a comunidade, além de receber maior amparo do governo. Em um diálogo entre uma moradora e um morador, o homem reclama o fato de o governo interferir na disposição das famílias e, para a mulher, o lado positivo do felicismo consistia em tornar público o que acreditavam ser privado: *Antes a uno no le cambiaba la vida cuando cambiaban los gobiernos, pero este se ha metido en la vida privada de uno. – Pues para mí eso es lo bueno que han hecho –dijo Violeta. Es lo que ellas llaman felicismo, empezar porque seamos felices en la casa* (Belli, 2010: 30).

Para o governo do PIE, essa ideologia deveria funcionar junto com o conceito de *cidadania*, que é a capacidade das cidadãs de cuidar das pessoas e do meio ambiente, de respeitar a diversidade e todas as expressões do amor. O conceito foi importado de feministas espanholas e propõe que as cidadãs se responsabilizem pelo país (Belli, 2010: 45). Como oposição ao capitalismo, a ideologia felicista permitiria que todas as pessoas tivessem condições de viver com dignidade e liberdade. O PIE define esta ideologia da seguinte forma: *como un estado donde las necesidades esenciales estén resueltas y donde el hombre y la mujer, en plena libertad, pueden escoger y tener la oportunidad de utilizar al máximo sus capacidades innatas y adquiridas en beneficio propio y de la sociedad* (Belli, 2010: 131).

Desde a criação do partido, as mulheres tiveram o intuito de chamar a atenção para os estereótipos com os quais eram caracterizadas. Por isso, a escolha do nome do partido foi alvo de crítica de muitos homens, ao invés de um objeto de reflexão sobre os motivos pelos quais o grupo escolheu esse nome “perturbador”. Muitos homens se colocaram no direito (e no dever) de dizer às mulheres como elas deveriam fazer política, mesmo após ter sido reconhecida a capacidade de Viviana se eleger à presidência:

Cuando más se necesitaban personas serias en el país, [os meios de comunicação] decían, aparecían ellas – mujeres como Viviana, dignas de mejor causa– burlándose no solo de los hombres sino de las mismas mujeres que jamás se unirían a un partido desquiciado y superficial como el que ellas anunciaban con despliegue de tetas y piernas (Belli, 2010: 112-113).

Como se verá abaixo, na caracterização das personagens, as mulheres do PIE enfatizam seus corpos porque acreditam que a sedução é uma qualidade, uma maneira de demonstrar e exercer o poder



que as mulheres possuem. Na linha da valorização do erotismo pelo feminismo ginocêntrico, as mulheres do PIE convenceram as outras cidadãs de Faguas do poder do erotismo e de que recorrer a essa força não deveria ser motivo de vergonha ou ofensa, como os homens, principalmente, esperavam que as mulheres seguissem acreditando: *los exacerbados políticos machos [...] las llamaban “las eróticas”, como si el erotismo fuera objeto de vergüenza [...]. [ainda assim] [m]uchas mujeres bendijeron su sexo aquellos días. El sexo femenino apareció dibujado en las paredes, igual que todas las flores con connotaciones sexuales* (Belli, 2010: 115). Para as mulheres do partido o erotismo é uma forma de se empoderar; entretanto, essa característica é considerada imoral e/ou demonizada por alguns homens, que desqualificam quem as usa, como se determinadas mulheres não fossem dignas de respeito. Por isso, para tais homens, que as mulheres se apoderassem do erotismo, era apenas uma demonstração da superficialidade feminina, de como as mulheres são zombeteiras e vulgares.

Pela desconsideração dos homens em relação aos posicionamentos e opiniões das mulheres, foi válida a ideia das cinco amigas de idealizarem um partido constituído apenas por mulheres, sem que a presença de um homem pudesse transformar as dinâmicas daquele espaço. Contudo, mesmo que elas defendessem impecavelmente seus propósitos políticos, os partidos de oposição, juntamente com a mídia, machista e patriarcal, insistiam na tentativa de desvalorizar as falas muito bem articuladas dessas mulheres (Belli, 2010: 113).

Muitas mulheres são desvalorizadas, ironizadas e desrespeitadas dentro do próprio círculo familiar. Denunciar o “machismo velado” também é uma das lutas feministas e o romance aponta alguns desses artifícios utilizados para inferiorizar as mulheres. A sociedade encontra várias maneiras de difamar as mulheres: uma das formas mais comuns é chamá-las loucas, tal como a classe alta de Faguas reage às ações da presidenta (Belli, 2010: 200). Outra forma comum é a dupla moral, que privilegia o homem, enquanto desmoraliza a mulher. Viviana comenta sobre essa posição machista: *cuando no entienden lo que hacemos, nos acusan de brujas o de putas* (Belli, 2010: 168-169).

A sugestão de nomear o partido como *PIE – Partido de la Izquierda Erótica* foi aceita pela maioria, porque além do escândalo, seria uma publicidade eficaz e gratuita. Um grupo de mulheres ter orgulho de se apresentar como “putas, loucas e esquerdistas” é uma grande afronta ao sistema patriarcal, por isso, escandaloso. A publicidade se torna natural, porque todos irão comentar o atrevimento dessas mulheres. *De una vez asumimos todos los prejuicios: nos declaramos putas, locas e izquierdosas. Cuando terminen de hablar del nombre [...] tendrán que ocuparse de lo que proponemos* (Belli, 2010: 104-105). Aqui também se torna evidente a intenção de se apoderar dos estereótipos ou das representações patriarcais opressoras para as mulheres, no sentido de inverter as relações de poder e o valor destes signos nas relações sociais.

O erotismo é muito importante para as mulheres do partido, tanto em relação ao significado que é oferecido no manifesto, de como ele está relacionado ao cuidado e à manutenção da vida, quanto ao poder que emana da sexualidade das mulheres. Os homens defendem, ainda hoje, que as mulheres sedutoras não são dignas de respeito e que as “mulheres de verdade” não devem usar a sedução como um artifício de poder. As mulheres do partido tomam posse do erotismo, com a intenção de desconstruí-lo e mostrá-lo de modo positivo, para isso, afirmam que todas as mulheres são sedutoras e eróticas e que não precisam se desculpar por sê-lo. O erotismo atribui poder às mulheres. A manutenção da vida e a sedução, as duas características ligadas ao erotismo, de acordo com o manifesto do partido, se relacionam ao demonstrarem os poderes que as mulheres podem exercer.

O poder que essas cinco mulheres sentiram (e o vinho, o fumo e o jantar que as reuniu – convém lembrar a história de Virgínia Woolf, em *A Room of One's Own*, sobre como uma agradável refeição pode resultar num debate inspirador), as induziu à proposta de instaurarem um estado ginocrático temporário: *ni un solo hombre en las dependencias de los ministerios, los entes autónomos, los órganos de poder, al menos por seis meses* (Belli, 2010: 105). Apesar de ser uma escolha radical, as mulheres entenderam a importância de os homens estarem em suas casas por alguns meses; elas perceberam como tal deslocamento era fundamental para a transformação que o partido sugeria, e, principalmente, para que as mulheres descobrissem suas capacidades dentro das instituições normalmente dominadas pelos homens.

O romance sugere que, ao permanecerem em suas casas, cuidando dos filhos e da comunidade, ou seja, passando pelo mesmo processo de opressão doméstica que as mulheres passam, do qual trata o materialismo histórico tal como é criticamente comentado por Beauvoir (1970: 73-78), os homens valorizariam mais as mulheres. A partir da valorização das mulheres e das características femininas, eles passariam a vê-las como semelhantes, pois as características que identificariam os sexos seriam as mesmas, incluídas em uma neutralidade criada a partir da feminilidade (Belli, 2010: 110). Os homens teriam consciência de que as mulheres eram seres tão capazes e tão importantes quanto eles e, ainda que não foi alcançada a abolição do sexo, e que as mulheres continuaram a ser percebidas como um Outro, elas se colocavam como Sujeitas, pela consciência da importância das características femininas para a sociedade (Belli, 2010: 276).

Por ter defendido um conceito de feminilidade idêntico ao adotado pelo discurso patriarcal, algumas das companheiras discordaram e questionaram os posicionamentos polêmicos de Viviana: *Las feministas nos acabarían diciendo que vamos a eternizar todo lo que se piensa de las mujeres [...] ¿Qué vamos a defender? ¿La lavada, la planchada, el cuidado de los niños?* (Belli, 2010: 101). A discussão entre estas mulheres funciona, mais uma vez, no âmbito do romance de tese, para discutir as propostas ideológicas no âmbito da ficção. Para as companheiras de Viviana, fortalecer os estereótipos femininos

seria um desfavor para muitas lutas feministas. Porém, Viviana conseguiu convencê-las da importância de mostrar às pessoas, principalmente às mulheres, que as características ligadas ao sexo feminino precisavam ser vistas como positivas, e que somente as mulheres conseguiriam realizar essa positividade da feminilidade, tal transformação poderia melhorar a situação das mulheres e trazer benefícios ao país. Para Viviana Sansón, tal como para a vertente ginocêntrica do feminismo, a opressão das mulheres consiste, sobretudo, na ideia de que os trabalhos relacionados ao cuidado e manutenção da vida e da comunidade se encerram no terreno privado e sejam consideradas obrigações exclusivas das mulheres. Ela mostra, então, que não são todas as feministas que combatem a feminilidade e apresenta seu argumento desde a vertente ginocêntrica:

*[...] Nos hemos dejado culpabilizar por ser mujeres, hemos dejado que nos convenzan de que nuestras mejores cualidades son una debilidad. Lo que tenemos que hacer es demostrar cómo esa manera de ser y actuar femenina puede cambiar no solo este país, sino el mundo entero [...] lavar, planchar cuidar los niños no es el problema; el problema es que se menosprecie la mentalidad que hay detrás de eso; que se restrinja esa actitud femenina al terreno de lo privado, que no entiendan que eso hay que hacerlo con todo y entre todos; que cuidar la vida, la casa, las emociones [...], es lo que todos tendríamos que hacer: se trata de socializar la práctica del cuidado en el que somos especialistas y presentarnos como las expertas, las más calificadas para hacerlo (Belli, 2010: 101-102).*

Podemos perceber, durante a leitura, que a finalidade da política do partido é transformar a natureza e as relações de poder, modificando os valores que abrangem a feminilidade (Belli, 2010: 113, 174, 235). Para as mulheres do partido, as ações que transformariam as relações de poder se relacionavam a fim de aumentar as oportunidades para as mulheres, para que elas conseguissem viver independentes (Belli, 2010: 30, 276). Para alcançar tais conquistas, se enfrentariam três grandes obstáculos: ensinar aos homens que o trabalho de casa não era uma tarefa restrita às mulheres, assim, elas teriam mais tempo para se dedicar aos seus próprios desejos (Belli, 2010: 103-105); reformar a instituição do trabalho para que estivesse mais acessível às mulheres, principalmente, as que eram mães, de maneira que as mulheres deixassem de ser castigadas pela maternidade (Belli, 2010: 179-180) e, por último, deveriam oferecer às mulheres uma oportunidade de mostrarem seu potencial, o que possibilitaria as cidadãs de Faguas confiarem mais em suas capacidades. Para esta última conquista, a ação mais importante, na opinião de Viviana, seria a retirada dos homens dos cargos públicos: *sería diferente hacer cualquier cosa sin que ellos traten de dirigirnos –rio Viviana–. Hacerlo todo nosotras sería verdaderamente revolucionario* (Belli, 2010: 106).

A maternidade era uma questão muito importante para o empoderamento das mulheres, pois obrigava as mulheres a terem trabalho tanto dentro como fora de casa. Para as que tinham essa opção, precisavam escolher entre profissão ou maternidade. As mulheres que não podiam escolher eram forçadas a enfrentar mais de uma jornada de trabalho, ou a deixar suas crianças ao cuidado de terceiros:

La mujer ha hecho enormes avances en los países desarrollados, pero a mí que no me digan que no les toca a ellas el mayor peso de la casa y los hijos. Por eso es que existe ese techo de cristal que solo unas pocas traspasan. [...] Las mujeres no quieren reproducirse porque hacerlo significa dejar de vivir para dedicarse a criar. La maternidad en todo el mundo está penalizada; la mujer es penada por quedar embarazada, por parir y por cuidar a los hijos. Y es que entramos al mundo del trabajo, pero el mundo del trabajo no se adaptó a nosotras. Está pensado para hombres que tienen esposas (Belli, 2010: 103).

Era necessário transformar a sociedade para que as mulheres não tivessem que decidir entre trabalho ou família, se quisessem os dois, e essa foi uma das principais políticas do partido. Nesta fala de Viviana percebemos porque ela foi emblemática ao afirmar que o mundo seria diferente se fosse organizado por mulheres, porque a preocupação com o bem-estar da família não permitiria que as pessoas ficassem muito tempo longe dos filhos ou de outros parentes pouco autossuficientes.

Si las mujeres hubiéramos organizado el mundo, el trabajo no estaría segregado de la familia, estaría organizado alrededor de la familia: habría guarderías maravillosas y gratis en los propios centros de trabajo. Podríamos estar con los hijos a la hora del café. Nos llevarían a los bebés para que les diéramos de mamar. Nos darían bonos productivos por cada niño que trajéramos al mundo. (Belli, 2010: 103).

O romance sugere que a natureza do poder poderia ser transformada a partir da reforma dos locais de trabalho, para não segregar as famílias. Viviana acreditava que a saída dos homens dos cargos públicos, a oferta dessas novas vagas às mulheres e a possibilidade de trabalhar enquanto se divide a responsabilidade de cuidar dos filhos com os pais ou a comunidade seria suficiente para que as mulheres tivessem mais confiança em si próprias e, assim, se reconhecessem melhor como indivíduos independentes que existiam sem uma relação com homens (Belli, 2010: 174, 175, 179, 180). Viviana também acreditava que a divisão das responsabilidades domésticas de maneira igualitária entre os integrantes da família era indispensável para que as mulheres pudessem trabalhar e ser autônomas, além de poderem se realizar em terrenos diferentes da maternidade (Belli, 2010: 132, 155, 181, 182). Outro ponto defendido pela personagem foi a posição de que desassociar mulher e maternidade era uma questão de poder, porque somente com poder era possível transformar um sistema ou um modo de organização de uma sociedade, Viviana afirmou: *Hacerlo [separar a associação automática entre mulher e maternidade] es una cuestión de poder. Quien tiene el poder pone las reglas del juego, crea las razones que justifican un [...] modo de organización* (Belli, 2010: 133).

Estas eram as ideologias do partido, espalhadas durante as propagandas realizadas pelo grupo. O manifesto foi a primeira propaganda. O PIE planejou uma divulgação forte, para conquistar filiadas. Carla Pravisani, uma publicitária, se ofereceu para administrar a publicidade do partido, com o patrocínio de várias clientas entusiasmadas com as possibilidades políticas do PIE. Ela fez com que o *slogan* do

partido aparecesse em vários produtos de uso diário, como sacos de papel higiênico, latas de leite em pó e caixas de detergente. Essas propagandas se resumiam em frases colocadas nos produtos, comuns principalmente para as mulheres: nas fraldas de bebês e nos testes de gravidez as frases eram: *El país está más cagado que tu hijo. Da el primer paso, venite con el PIE, Partido de la Izquierda Erótica [...] Sea cual sea tu resultado, necesitamos cambiar el mundo para los que vienen* (Belli, 2010: 119). Dentro do sabão em pó e nos pacotes de absorventes as frases eran: *Si nosotras no limpiamos la corrupción ¿quién lo va a hacer? [...] Los hombres sangran en las guerras. Nosotras sangramos todos los meses para la vida [...] Las hormonas adelante* (Belli, 2010: 120). Nestas frases e nos produtos escolhidos como suporte da propaganda ao partido, é possível ver uma dimensão humorística do romance. Por um lado, era uma sátira a incapacidade masculina de lidar com as questões domésticas. Elas criticavam a insuficiência dos homens para sobreviverem sem uma mulher presente, que resolvesse seus problemas. Por outro lado, demonstravam, de uma forma crua, os lugares de opressão reservados às mulheres e o exercício da dominação por parte dos homens. Mais uma vez, estes lugares subalternos devem converter-se em ponto de partida para a inversão das relações de poder, inclusivamente através do valor simbólico de signos crus e tabus como “cagado” ou “sangre”.

Para aumentar o escândalo provocado pelo nome do partido, o manifesto e a atitude das mulheres, o “uniforme” escolhido pelo grupo deveria chamar atenção, sobretudo dos jovens. A provocação, principalmente sexual, e a sedução eram duas artimanhas para se fazerem conhecidas, elas sabiam que a ênfase em seus posicionamentos, as tornariam reconhecidas pela população rapidamente. Por suas propagandas, mas principalmente pelas maneiras de vestir, e pelo nome do partido foram chamadas *eróticas* pela oposição.

Uma dessas propagandas motivava a seduzir os homens, usar a forma de seus corpos para que acreditassem que eram boas candidatas ao governo do país. Uma questão muito debatida nos feminismos é a objetificação e sexualização dos corpos, ações utilizadas pela publicidade. No romance as personagens também usaram essas “táticas” para se fazerem conhecidas por todas as pessoas. Apesar de contrariarem as feministas que afirmam que a sexualização é a principal objetificação da mulher, no romance as mulheres se apropriam dos seus corpos e se colocam como sujeitas, como autoras da situação. Viviana não era a única a descobrir o poder erótico de seu corpo (Belli, 2010: 15). Ainda mais é mostrado no projeto de propaganda intitulado “campanha suja”:

ESTRATEGIA: Intervenir los espacios masculinos latinoamericanos de la manera objetual con la que se ha cosificado a la mujer en la publicidad. 1. Utilizar el cuerpo de la mujer como estrategia de persuasión. 2. Utilizar el amor, el cariño y el deseo para convencer. [...]. Hacer que los mecanismos de dominación se les vuelvan en contra. Racional creativo a. Durante el partido, el hombre no piensa. En la cama, el hombre no piensa. Cuando maneja, el hombre no piensa. Está comprobado que el hombre no puede pensar en más de una sola cosa a la vez. Entonces hay que aprovechar sus espacios de "concentración" para "convencerlos" del cambio que puede lograr a la par de

una mujer. b. La publicidad ha utilizado a la mujer por décadas para persuadir y vender productos. Quizás sería válido que lo haga el PIE para comunicar sus mensajes. [...]. Actividades • Quitar las pilas en todos los controles remotos para forzar a ver un solo canal y que vean el spot de nuestra candidata dando su primer discurso en topless. • Durante los programas de fútbol, que una mujer con voz muy sensual relate el partido como si estuviera sumamente excitada. Y que el "¡Goooooooool!" lo grite como en un orgasmo. [...] (Belli, 2010: 121-123).

Como se vê neste parágrafo de intenções humorísticas, as mulheres se propuseram a utilizar as mesmas armas de dominação masculina para voltá-las contra os homens. Essa campanha é uma sátira a masculinidade, as mulheres do partido utilizam os estereótipos masculinos e planejam propagandas que criam caricaturas dos homens. Este é um dos episódios cômicos e "leves" do romance, durante o qual a autora critica a soberba da masculinidade.

Entretanto, nem os partidos da oposição nem os meios de comunicação perceberam que, enquanto eles desmereciam, desvalorizavam e desconsideravam as mulheres do PIE, elas apontavam as desigualdades enfrentadas por todas. E as mulheres, ao verem as entrevistas, percebiam cada vez mais o que as candidatas denunciavam.

Cuando los comentaristas y periodistas se revelaron como trogloditas, traicionando sus esfuerzos por sonar como hombres modernos, las mujeres se tomaron la discusión y expusieron con vehemencia y apabullante sencillez su disgusto y su incredulidad por lo natural que les parecía a los varones la división de los sexos que les recetaba a las mujeres la exclusión, la explotación y un sinnúmero de desventajas. En los debates se producían verdaderos pugilatos verbales. Mujeres de delantal, modelos, madres, santulonas, intelectuales, profesionales y putas llamaban a los programas para defender los derechos de la mujer, quejarse de las soledades de la maternidad (Belli, 2010: 113).

Enquanto homens e partidos políticos andavam em volta o nome do partido e se as mulheres seriam capazes de governar Faguas sozinhas ou, ainda, se governariam de maneira diferente dos homens, Viviana e as outras falavam sobre planos de governo que envolviam revoluções democráticas, constitucionais, educativas e laborais, falavam com mulheres sobre como era adequado, sobretudo para os homens, a divisão entre os sexos que garantia às mulheres apenas injustiças, exclusões e inúmeras desvantagens (Belli, 2010: 113). Utilizando conhecimento popular, teorias políticas e teses feministas, as mulheres do PIE apresentavam as injustiças da sociedade patriarcal: *expusieron con vehemencia y apabullante sencillez su disgusto y su incredulidad por lo natural que les parecía a los varones la división de los sexos que les recetaba a las mujeres la exclusión, la explotación y un sinnúmero de desventajas* (Belli, 2010: 113). Essas informações e exposições de desigualdades faziam com que as mulheres se sentissem curiosas para conhecer o partido e, cada vez mais, elas se uniam pelo interesse pelas propostas do PIE e renunciavam aos partidos tradicionais e masculinos.

As entrevistas nos vários meios de comunicação e as propagandas voltavam os holofotes da política para as mulheres do PIE, a ideologia do partido foi espalhada rapidamente por Faguas.

Consequentemente, e por trabalhar com os meios de comunicações do país, Viviana foi convidada a participar do fórum das sociedades, em Montevideu. Essa viagem resultou em dois eventos importantes no romance: a inscrição do partido no cenário mundial, a partir de uma conferência que Viviana fez, durante a qual discursou sobre o PIE e sobre como transformar a natureza do poder deve ser essencial para transformar as sociedades e o segundo evento foi ela ter conhecido Emir, que além de ser seu novo par romântico, também foi importante por ter encontrado patrocínio para o partido.

Uma das maneiras que escolheram para espalhar informações sobre o novo partido foi se organizarem em grupos que iam aos bairros, pintarem as unhas das mulheres, enquanto falavam sobre o partido; os grupos de conscientização estimulavam as mulheres a se perceberem como seres independentes, donas dos próprios destinos e decisões (Belli, 2010: 114). Enquanto isso, Viviana continuou denunciando os problemas do país em seu programa, e incluiu um segmento feminino onde as mulheres estavam livres para desabafar seus sentimentos e desejos (Belli, 2010: 114).

Visitar os bairros e oferecer pedicure enquanto era falado de um partido e de mudanças sociais foi a forma que o *PIE* encontrou para fazer uma ligeira e massiva propaganda política. As mulheres do partido se apoiavam na disposição das mulheres de aceitarem conversar sobre política, ou não. No romance, foi uma tática que funcionou e foi bem recebida; afinal, eram mulheres que propunham um diálogo entre iguais, durante o qual apresentavam propostas de juntas, transformarem os bairros e o país – enquanto ofereciam às mulheres, cuidados para os pés. Pintar as unhas das mulheres de vermelho, além de fazer com que elas se identificassem a um grupo, as ajudava a perceberem o poder do erotismo. As mulheres percebiam que a vaidade poderia resultar no aumento da autoestima, com mais confiança, elas poderiam demonstrar sua sensualidade, poderiam utilizar esse poder feminino, sem medos.

Mesmo com a intensa oposição, em pouco tempo, começaram a conquistar o que buscavam: o apoio de várias mulheres que se sentiam violentadas e exploradas pelo sistema que desvalorizava seus trabalhos dentro e fora de casa, que não oferecia oportunidades iguais para que elas também desenvolvessem suas capacidades físicas, intelectuais e criativas. O melhor acontecimento que antecedeu as eleições foi que as mulheres se libertaram para agirem, serem e falarem o que quisessem:

Muchas mujeres bendijeron su sexo aquellos días. El sexo femenino apareció dibujado en las paredes, igual que todas las flores con connotaciones sexuales [...]. El Partido de la Izquierda Erótica se tomó la imaginación de la gente y la perorata de los partidos políticos tradicionales se dedicó a menospreciarlas de tal manera que se olvidó de sus propias propuestas (Belli, 2014: 115).

Viviana relembra, durante uma de suas viagens tempo-espaciais, os motivos pelos quais acredita que foi uma experiência positiva ter deixado as mulheres sozinhas no governo. Sozinhas elas puderam aprender a administrar suas próprias capacidades:

[...] dejadas a su aire, sin el ojo del macho para sopesarlas y emitir juicios a los que ellos sentían tener derecho por el solo peso de sus frágiles y delicados testículos, ellas se despojaban de su ánimo complaciente, de la leyenda de que no les gustaba mandar, del cuento de que las incomodaban los retos. [...] No solo les tocaba despejar el peso de la presencia real de los hombres, sino la del juez interiorizado, el hombrecito menudo, que con el índice siempre enrostrado y cara de padre [...] estaba plantado como un busto augusto y austero en medio de los parques umbrosos de los cerebros femeninos, recordándoles o que eran hijas de Eva: pecadoras; hijas de mala madre: putas; hijas de la Barbie: idiotas; hijas de la Virgen María: niñas decentes; hijas de madre mejores que ellas que no se creían las divinas garzas: mujeres calladas y bien portadas [...] o esto o lo otro; por norma general negaban la totalidad de lo que significaba ser mujer (Belli, 2010: 196-197).

### Ações concretas

Tal como se descreveu acima, os pontos principais do manifesto do PIE são: a possibilidade de as mulheres fazerem um governo melhor do que aquele que o país teve até o momento, sendo melhores governantes que os homens, porque não responderiam a um sistema machista e opressor; o motivo de se chamar Partido da Esquerda Erótica e a divulgação do projeto do partido e da sua ideologia felicista.

Este manifesto foi convertido em medidas e ações concretas, que punham em prática o programa feminista do PIE. A proximidade da concretização deste programa com os eixos diegéticos do romance aponta, mais uma vez, para uma estrutura de romance de tese. Aliás, cada eixo de ação política, concretizado em eixo diegético, corresponde a uma tese dentro da tese global da narrativa. Como são muitas as propostas de reformas, vamos dar maior atenção às mudanças que causaram efeito direto na vida das mulheres de Faguas, nomeadamente: as reformas educativas, que incluíram o ensino de maternidade nas escolas; a reforma do trabalho, que fez com que essa instituição deixasse de segregar as famílias; a lei do aborto inevitável, que consistia em garantir as mulheres grávidas condições dignas para criar um filho; e, por último, a polêmica exibição dos violadores em jaulas nos centros das cidades, para que aprendessem a respeitar as mulheres. Enfim, as mulheres do PIE melhoraram Faguas a partir de várias reformas que, em sua maioria, serviram para reforçar a tese de que a feminilidade é um conjunto de características positivas.

#### a) os grupos de conscientização

Enquanto os homens buscavam reprimir a importância política do PIE, as mulheres – com apoio das candidatas ao governo – criavam “grupos de conscientização”, onde as participantes percebiam seu poder e suas fraquezas, discutiam e aprendiam, pelas experiências ou pelas teorias e expunham as armas do patriarcado e do machismo. Juntas, as mulheres se apoiavam e procuravam como desconstruir o machismo internalizado, buscavam descobrir os abusos que eram obrigadas a sofrer, por serem mulheres. O romance sugere a criação desses grupos de conscientização quando narra as reuniões das mulheres filiadas ao partido e quando faziam propaganda política nos bairros. Nestas reuniões elas tinham o mesmo objetivo dos grupos de conscientização da segunda vaga do feminismo, ou seja,



apropriavam-se explicitamente de uma experiência do Norte, adaptada ao seu contexto do Sul: a conscientização sobre os abusos e a violência que sofriam e, claro, chamar as mulheres para participar ativamente da política.

Siguiendo el modelo de reunión de las feministas en los años sesenta en Estados Unidos, las mujeres afiliadas se reunían para comparar sus experiencias, contarse sus cuitas y hasta llorar juntas. Se organizaron grupos para ir a los barrios y hacer pedicures. Pintando las uñas de rojo a las mujeres, les hablaban del partido que velaría para que dejaran de ser dependientes de los maridos y dueñas de sus destinos y decisiones (Belli, 2010: 114).

b) a reforma do sistema eleitoral / o aprofundamento da participação democrática

Além de valorizar a feminilidade, outro grande objetivo das mulheres do partido era que o poder fosse exercido de maneira menos autoritária e opressiva. Para Viviana, as transformações que iriam melhorar a vida das mulheres iriam proceder da revolução na forma de exercer o poder e da modificação no modo operacional das instituições.

Para a protagonista, tão importante quanto retirar os homens dos espaços de poder, era reestruturar a participação democrática das cidadãs: *no podemos realizarlo [mudar a natureza do poder] si constantemente estamos siendo forzadas a continuar actuando dentro de los mismos esquemas* (Belli, 2010: 174). Por isso, uma das primeiras ações do partido foi a reforma democrática. Esta reforma implicava no sorteio de 10% da população para ser nomeada como “eleitoras/es qualificadas/os”. A este grupo seriam oferecidos “cursos de capacitação” sobre o funcionamento do estado, os direitos e deveres das cidadãs e cidadãos, além habilitá-las a ler e escrever (Belli, 2010: 47).

c) a reforma da educação

A reforma educacional foi um dos pontos mais importantes, porque apesar de não estar relacionada diretamente com as mulheres, a partir dessa reforma as crianças iriam aprender a respeitar a vida desde cedo, além de perceberem a importância das ideologias como o *felicismo* e a *cuidadania* (Belli, 2010: 45, 198). Esta reforma se baseia em estudos que indicam que crianças desenvolvem melhor suas habilidades, a partir de um ensino livre, que as leva a buscar e responder a questionamentos próprios (Belli, 2010: 171). O partido defende a liberdade das estudantes e de suas famílias e não obriga as crianças a frequentarem a escola. O direito ao estudo e à escolha de o que estudar é garantido, sendo mais importante que o conhecimento tenha significado para a estudante. A partir dos 12 anos as adolescentes complementam sua educação seguindo um currículo que inclui educação cívica e maternidade (Belli, 2010: 171).

As aulas de maternidade são destinadas às meninas e aos meninos, porque o objetivo do partido é mostrar às pessoas que o cuidado das filhas deve ser entendido como responsabilidade dos pais e das mães e de toda a sociedade; é interessante que ensinem nas escolas como criar as filhas de uma

maneira menos machista, preconceituosa e opressora para as mulheres (Belli, 2010: 59). Esse ensino é importante especialmente num país onde os pais e mães não têm condições de mostrar às filhas as responsabilidades da maternidade e, sobretudo, onde os pais, principalmente os homens, rejeitavam o cargo de educar as filhas.

É interessante a sugestão de que a escola deveria ensinar as pessoas como ser mães e pais, porque as pessoas têm que aprender de alguma forma e ensinar é uma das funções da escola. Numa outra passagem do livro, quando a narradora se dedica à personagem de José de la Aritmética essa personagem afirma que concorda que sejam ensinados aos meninos como serem pais, sem tratar como uma tarefa encerrada as mães/mulheres: *Los varones salían duchos en cambiar pañales, sacar erutos, chinear y cuidar cipotes* (Belli, 2010: 59). É importante ensinar as pessoas a serem melhores pais e mães, porque não se nasce pai e mãe, torna-se. E, como a maternidade é uma tarefa difícil, uma forma de melhorar as condições de vida das famílias é oferecer informações aos e às adolescentes antes de que iniciem a vida sexual.

Também aparece apenas num trecho a sugestão de incluir na cadeira de maternidade, um tópico sobre educação sexual, que Viviana Sansón gostaria de chamar de “erotismo”, para ensinar as pessoas como “fazer amor” *¿Y si creamos cursos para que la gente aprenda a hacer el amor? La mayoría de la gente nunca aprende* (Belli, 2010: 185). Para a presidenta, o mais importante sobre criar a cadeira de “erotismo” seria ensinar às pessoas a importância de gozar as relações sexuais e que elas, principalmente as mulheres, tenham o direito de alcançar o prazer sexual (Belli, 2010: 185-186). O romance mostra que, ao contrário de ignorar o poder erótico, como a sociedade patriarcal recomenda, as mulheres devem recuperar a força criadora, fruto da conexão com o erotismo, ou seja, que a mulher deve buscar e realizar o que a faz se sentir feliz, como o fez Viviana, quando começou seu trabalho como jornalista: *De leer las noticias en la mañana, pasó a leerlas en el noticiero principal de la noche y, ya con más confianza em lo que hacía, empezó a intervenir em la redacción de las notas y a sugerir historias* (Belli, 2010: 72). Durante a leitura do romance, percebemos que o erotismo é um poder feminino e, como origina da palavra eros – que significa vida, força criativa (são as mulheres que dão, cuidam e protegem a vida); significa também a personificação do amor e da harmonia (em todos os sentidos, ou seja, também faz parte da feminilidade o sentimento de responsabilidade e cuidado com a sociedade) –, se percebe uma relação entre estes significados e as ações femininas na sociedade (Belli, 2010: 110).

#### d) a reforma do sistema laboral

Outra reforma pouco comentada no livro, mas que também foi muito importante para que as mulheres alcançassem maior independência, principalmente financeira, e conquistassem mais espaços foi a transformação do sistema de trabalho, que passou a ser adaptado às necessidades das mães. As reformas incluíram a construção de creches nos bairros, suficientes para atender todas as mães que

precisavam do serviço; salões de amamentação e “cubículos maternais” nas empresas, para que as mães pudessem levar seus filhos ao trabalho, para poderem amamentá-los ou apenas passar um tempo com a criança, sempre que fosse necessário (Belli, 2010: 30). As empresas privadas receberam bônus (como diminuição ou isenção de impostos) por fazerem seus espaços mais acessíveis às mães e também por contratarem mais mulheres (Belli, 2010: 180).

Essas políticas seriam um incentivo para que as mulheres se sentissem mais confiantes em realizar qualquer atividade profissional que desejassem, sem que a maternidade fosse entendida como uma dificuldade para encontrar ou manter um emprego, sem que as mulheres desistissem de suas realizações profissionais para se tornarem mães dedicadas. Essa reforma mostra outra ideologia feminista do romance, porque mesmo que não sejam todas as mulheres que querem ser mães, todas as mulheres correm o risco de não serem contratadas apenas pela possibilidade de engravidarem, as mulheres também recebem menos por esse e por outros motivos, então, quando o estado oferece um bônus para empresas que contratam mais mulheres, apoia a autonomia de todas as mulheres, que querem ou não ser mães.

e) a lei do aborto

Outra lei aprovada pelo partido que causou uma grande discussão entre os habitantes de Faguas foi a aprovação do aborto. As mulheres do partido e da assembleia sabem que a proibição do aborto não impede que ele seja realizado: *era inútil prohibir el aborto. Ocurría de todas formas y era la incapacidad de hacerlo en las condiciones adecuadas la responsable de las muertes* (Belli, 2010: 162). Esta lei permitia, mas não facilitava o aborto, por isso se chamava “lei do aborto inevitável”:

La Ley del Aborto Inevitable preveía no dejar piedra sobre piedra hasta garantizar que por razones económicas, de opciones de trabajo, de preocupaciones sobre el cuidado futuro del hijo, ninguna mujer viese el aborto como una opción necesaria. Tanto mímimo les ofreceremos [...] la mujer sentirá el embarazo como algo que enriquecerá su vida, que le dará ventajas sociales, no como lo que la obligará a la pobreza o a la renuncia de sus opciones. Para abolir el aborto lo que falta no es prohibirlo, sino dejar de penalizar la maternidad. Pero si una mujer corre riesgos de muerte por un embarazo, o es una niña violada, [...] es ella la que decide por su vida y la del feto. Nadie más. La decisión es siempre irrevocablemente de la mujer porque su cuerpo es suyo (Belli, 2010: 162-163),

O romance considerou o desejo de realizar um aborto das mulheres que não poderiam ter filhos por correrem riscos e as que sofreram abuso sexual. A lei também garantiria que era a mulher, dona do corpo, quem decidiria continuar ou não uma gravidez. Para as mulheres que não queriam ter filhos apenas por suas condições econômicas e sociais, a lei iria garantir que elas e suas famílias tivessem condições de criar suas crianças, sem a obrigação de estarem presas a maternidade ou de ceder seus desejos como sujeitas independentes. Esta lei combina o direito da mulher sobre o próprio corpo com a

valorização da maternidade como realização pessoal feminina; além disso, sublinha a liberdade individual das mulheres e a não-interferência da sociedade nas decisões sobre os corpos delas.

f) o afastamento dos homens dos cargos políticos e públicos

No momento em que as mulheres do PIE decidiram sobre a importância de tirar os homens dos cargos públicos (Belli, 2010: 155-156), as organizadoras do partido criaram alternativas para ocupar as vagas com mulheres. Mesmo com um chamado geral às mulheres, de acordo com o que se afirmou no romance, a dificuldade de encontrar pessoas capacitadas levou as mulheres do PIE a “importar” especialistas de outros países para ocuparem, sobretudo, os cargos ministeriais (Belli, 2010: 106).

O fato de o partido ter chamado mulheres de fora para ensinar como trabalhar no governo sugere a manutenção de uma maneira de governar desde as elites, do centro para as periferias, uma maneira classista, de cima para baixo, ao invés de investirem em uma maneira diferente e inovadora de governabilidade horizontal, desde as experiências das mulheres como base. É válido questionar até que ponto ter chamado mulheres de contextos diferentes, que não conheciam o país, nem as necessidades das pessoas, para sugerir políticas que visavam a melhoria da vida da população seria mais produtivo do que uma transformação que se fundamentaria nas experiências das mulheres.

Como o romance não mostra cargos políticos ocupados por outras mulheres além das fundadoras do partido e das ministras convidadas, não é possível analisar se essa atitude do governo do PIE é puramente classista, seguindo uma ideologia do feminismo liberal ou se, desde outro ponto de vista, é apenas uma maneira de aproveitar oportunidades para incentivar a troca de conhecimento entre pessoas de diferentes países.

Se foi possível encontrar mulheres para ocupar as diversas áreas dos serviços públicos, principalmente em campos específicos, como medicina e segurança, provavelmente, as mulheres de Faguas poderiam aprender a gerir suas próprias políticas sem interferências de mulheres que não passaram pelas mesmas situações que as cidadãs do país. A troca de conhecimentos entre mulheres desde diferentes experiências é importante, mas a maneira como foi apresentada no romance deixou espaço para percebermos que a protagonista Viviana e suas amigas acreditavam que as cidadãs de Faguas não tinham as mesmas capacidades que elas para ocupar espaços importantes dentro da política, bem como para sugerir políticas públicas oportunas, Rebeca afirma: *Lo triste es que no podríamos llenar todas las vacantes con mujeres. Por mucho que creamos en nosotras mismas, hay que reconocer que pocas mujeres tienen la educación, la experiencia o el don de mando de los hombres* (Belli, 2010: 106).

A retirada dos homens dos cargos públicos foi o projeto mais importante do partido, porque além de ser a ação que repercutiu internacionalmente é a que de maneira mais forte está relacionada à vertente ginocêntrica do feminismo. Esta ideia surgiu durante a idealização do partido e permaneceu no

imaginário das mulheres, principalmente no de Viviana, que sentiu que era uma atitude necessária logo nas primeiras reuniões com a assembleia. Para coletar fundos e viabilizar as transformações programadas pelo PIE, como ministra da economia ou da despesa, Rebeca levou à assembleia o projeto de investimento na plantação de flores para a exportação, que daria mais lucros que a tradicional produção de café. Os homens da assembleia se opuseram ao projeto, mostrando como seria improvável seu funcionamento. Como se verifica no trecho abaixo, mesmo que Viviana quisesse incluir homens e mulheres em seu governo, ela percebeu que o poder dos homens sobre as mulheres estava tão naturalizado e internalizado na construção social daquelas pessoas, que os homens não reagiam de outra forma, além de desvalorizar os posicionamentos das mulheres, e estas se retraíam ou secundarizavam:

Había intentado incluir a quienes fueran capaces, hombres y mujeres, pero la realidad de siglos se les venía encima. Aun con bajos niveles de testosterona, deprimidos y cansados, echando barriga y poniéndose flojos, los hombres no dejaban volar la iniciativa femenina. No se lo proponían conscientemente, pero una y otra vez, en las reuniones sus comentarios caían como baldes de agua fría: Ah, es que ustedes no saben de esas cosas; Ah, es que ustedes no tienen experiencia. El efecto era legible en los rostros de magníficas mujeres que recién aprendían los alcances de su poder. Las achicaban; hacían que se cerraran como anémonas asustadas (Belli, 2010: 152).

No trecho reproduzido acima há duas referências importantes. A primeira é a informação sobre a redução dos níveis de testosterona por ação do vulcão Mitre, que não reduziu a capacidade dos homens de dominar o outro sexo, o que demonstra que essa diminuição nos níveis de testosterona não teve um papel importante para a transformação nas relações de poder, mas fez apenas com que os homens ficassem mais calmos e aceitassem os argumentos das mulheres com mais facilidade<sup>9</sup>. Essa permanência da dominação masculina, apesar do abatimento hormonal, resulta numa segunda percepção: a naturalização das relações de poder entre homens e mulheres e o papel da construção social dos sujeitos mantiveram os homens como dominantes mesmo em um contexto que buscava valorizar as mulheres e suas capacidades individuais.

Com a dificuldade que os homens sentiam para escutar as mulheres e entender o que elas tinham a dizer, Viviana achou que seria imprescindível retirar os homens dos cargos públicos, porque somente com a inversão dos papéis de gênero, os homens respeitariam melhor as mulheres, e aprenderiam a valorizar as responsabilidades domésticas, perceberiam que o cuidado de suas comunidades, casas e famílias também eram seus deveres (Belli, 2010: 154).

Viviana também acreditava que as mulheres mereciam experimentar o poder da mesma maneira como os homens o exercem, livremente, sem que outros duvidem de suas capacidades. As mulheres

---

<sup>9</sup> Regressaremos a esta questão mais a frente.

precisavam abandonar os espaços que ocupavam, onde permaneciam relacionadas aos homens, para confirmarem sua independência: *Nos van a respetar de otra manera [...] ¿no pensás que las mujeres necesitamos esa experiencia? Los hombres la han tenido [...] Nosotras siempre hemos estado a su sombra o a su lado. Nos merecemos hacer la prueba* (Belli, 2010: 156). Somente sozinhas as mulheres descobririam o poder dos seus instintos, das suas capacidades e ideias.

g) o envio dos homens para o espaço privado e as “tarefas femininas”

Os homens que foram retirados dos cargos públicos foram enviados a suas casas com um salário antecipado de seis meses (Belli, 2010: 61, 106, 156). Tiveram que aprender a realizar os trabalhos domésticos e também a se responsabilizar pelo grupo do qual faziam parte. Precisaram aprender a importância do trabalho voluntário, para isso, foram designados à construção de creches e cantinas e à limpeza dos bairros. Quem tinha vontade de cuidar de crianças trabalhava como “mãe vocacional”, outros ensinavam às crianças a lerem ou escreverem e outros foram encarregados de cuidar das árvores de Faguas (Belli, 2010: 62, 80, 105, 155). Com essas atividades os homens não ficariam desocupados em casa, não se tornariam um problema social, ao contrário, seriam importantes para a sociedade e para o sistema felicista que o partido desejou instaurar (Belli, 2010: 105-106).

Um dos primeiros obstáculos do partido foi fazer com que os homens valorizassem o trabalho doméstico e o cuidado da família. Viviana estava convicta da necessidade de se extinguir os papéis de gênero, porque por ser mulher, uma pessoa não deveria ser a única responsável pelo cuidado das filhas ou da casa: *hay que separar la asociación automática mujer-maternidad, y convertir ese oficio en una labor neutra* (Belli, 2010: 133). Para isso, o partido produziu um *reality show* (*Los campeones caseros*) com o intuito de fazer com que os homens aprendessem a cuidar das suas casas e para que valorizassem mais o trabalho doméstico que deveria ser considerado como “*responsabilidades familiares*”.

Neste show, os homens deveriam mostrar que conseguiriam passar uma semana cuidando da casa e dos filhos, sem a presença da mulher, os telespectadores avaliavam quem tinha maior habilidade, quem mais evoluiu durante uma semana. O balanço foi muito positivo em termos de mudanças de mentalidades:

Parecia mentira, pensó Martina, lo educativo que había resultado el tal show, porque claro, al final de la semana, en general, los participantes lograban hacer bien el trabajo, tan bien que empezaban a comprender que el problema no era que fuera difícil, sino precisamente la rutina de tener que hacerlo a diario, el cansancio que los dejaba sin energías para preocuparse por ellos mismos, el aislamiento de estar metidos en sus casas. Se le va a uno la vida en eso, salió diciendo Adolfo en la entrevista final en televisión, no da ni tiempo para pensar. Deberían pagar ese trabajo, dijo Jaime, eso de decidir qué cocinar los tres tiempos, día tras día, me mató, me mató. No sirvo para eso (Belli, 2010: 212).

Esse *reality show* também foi importante para mostrar como o trabalho doméstico fazia com que as mulheres abdicassem de tempo para elas próprias, porque eram as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas. Os homens que participaram do programa perceberam que suas companheiras deveriam ter seus direitos fora da esfera da maternidade e do domínio privado, e ao reproduzirem esses posicionamentos em rede nacional, ajudavam a desconstruir os posicionamentos machistas. Essa troca artificial e indispensável entre os papéis de gênero foi responsável para que as mulheres também chegassem a essa percepção (Belli, 2010: 210-213).

h) a violência machista

Quando se tratava de enfrentar a violência machista, além de ouvir as mulheres, de prender os violadores e do incentivo às mulheres de se perceberem sujeitas, ou seja, além do trabalho do governo de remediar a violência, com a captura e julgamento de violadores, as mulheres do partido sabiam que o mais importante era evitar que a violência acontecesse.

Como prevenção, além de educar os homens para que abandonassem a ideia de que tinham direitos sobre os corpos das mulheres, a partir de oficinas sobre “respeito e poder” destinadas às vítimas de violência doméstica (Belli, 2010: 54), as “eróticas” não ignoravam a importância de se investir em segurança. Por ser ministra da economia, Rebeca podia perceber que o governo do PIE foi o primeiro que investiu de maneira eficaz para a proteção contra a violência machista: investiram em vigilância nos bairros, em luzes nas ruas escuras *ningún gobierno hasta entonces se había tomado en serio la nefasta violencia contra las mujeres. [...] Un dineral habían invertido. [...] lo sabía porque era la Ministra de Economía o de la Despensa* (Belli, 2010: 203).

A forma mais eficaz que encontraram para conscientizar os homens sobre a violência machista foi prender os abusadores durante os finais de semana em celas especiais, como jaulas, dispostas nos centros urbanos, nos bairros, mercados e outros lugares onde era possível serem observados:

De Eva fue la idea de exhibir a los violadores en sitios públicos, en celdas abiertas como jaulas. Los sacaban los jueves y los dejaban en exhibición todo el fin de semana en mercados, plazas, en los barrios donde vivían las víctimas o en las rotondas con mayor circulación vehicular. La gente estaba autorizada a acercarse y muchos lo hacían. Cada vez era mayor el número de mujeres de toda edad que se paseaba frente a las jaulas para mirarlos y decirles cuanto les dictaba el repudio. A cada reo le ponían sobre la jaula un rótulo describiendo la razón de su encierro. "Juan Pérez. Violador. Edad de la víctima: 5 años. Relación: hijastra"; "Ramón Alduvinos. Violador. Edad de la víctima: 13 años. Relación: vecino". Frente a las jaulas, en una urna, la población dejaba notas y sugerencias de cómo debía castigarse el crimen. En general, sugerían crueles castigos: castración, prisión perpetua, flagelación, linchamiento, muerte. Pero ellas habían abolido la pena de muerte y reformado las penas carcelarias de manera que los presos dejaran de ser una carga social. Todos trabajaban. De lunes a miércoles, por ejemplo, los violadores limpiaban cementerios y cavaban sepulturas (idea sugerida por un colectivo de mujeres que bien argumentó que no los dejaran acercarse a los vivos), mientras los presos por delitos menores recogían basura (Belli, 2010: 86).

Eva Salvatierra, a ministra da defesa, sugeriu que expor os violadores publicamente seria um bom castigo para eles, mas essa decisão enfrentou grande resistência antes de ser aprovada. Os homens foram os principais opositores a essa decisão, acreditavam que a honra das mulheres não seria reconstruída a partir do escárnio contra os abusadores (Belli, 2010: 87). As mulheres se sentiram injustiçadas pela falta de empatia que os homens demonstravam em relação a violência machista. As mulheres denunciavam como a violência é julgada com dois pesos e duas medidas: quando a violência era contra as mulheres, os políticos e outros homens responsáveis pela segurança pública não promoviam nenhuma proposta para diminuí-la e era ínfima a voz proferida contra os abusadores. A partir do momento em que foi estabelecida uma punição contra os homens abusadores, não faltou quem os defendesse: homens comuns, políticos e religiosos relevavam o sofrimento causado contra as mulheres

Las autoridades eclesiales y los figurones políticos advirtieron sobre el nocivo efecto de la venganza en las almas y se pronunciaron en el sentido de que la deshonra de unas no se aliviaba con la deshonra de los otros. [...] reaccionaron en masa las mujeres. Aparecieron en avalancha en los programas de radio y en las secciones de opinión de los diarios para escupirles en la cara la doble moral que los llevaba ahora a defender a maleantes cuando jamás habían tomado carta en el grave problema de la violencia contra las mujeres (Belli, 2010: 87).

Com o apoio das mulheres que reagiam ao descaso dos homens, a assembleia aprovou a exposição dos violadores e a identificação dos violadores reincidentes:

Eva logró que la Asamblea aprobara el uso de un tatuaje -menos espectacular pero igualmente útil- para los violadores reincidentes. Era [...] el único sistema de alerta que no le costaría una fortuna al Estado ni aumentaría los impuestos que pagaban los contribuyentes. Las diputadas aprobaron la moción por mayoría. Se acordó que se les tatuaría una pequeña V en la frente [de estupradores reincidentes] (Belli, 2010: 87)

A ideia da tatuagem, que deixaria para sempre marcado o estatuto de violador nos criminosos reincidentes, retirada da trilogia *Millennium* de Stieg Larsson, feria os direitos humanos, ao obrigar alguém a se submeter a um processo invasivo. A personagem José de la Aritmética acreditava que era contraditório um partido que propagava a liberdade individual de todos os cidadãos obrigar alguns homens a terem uma tatuagem: *¿Pero hacerles ese tatuaje en la frente? Muy cruel, Ministra, muy cruel. No les luce a ustedes* (Belli, 2010: 221). Apesar de as tatuagens não serem eficazes para evitar um possível abuso, elas serviriam como alerta. Eva acredita que a tatuagem é algo pequeno em relação ao que os homens submetem suas vítimas: *los violadores se merecen eso y más. Que agradezcan que no los castremos* (Belli, 2010: 222).

A exposição dos violadores era entendida como uma pena moral, a qual os abusadores se sujeitavam ao violarem a moral de outra pessoa; foi, também, uma das razões pela diminuição da violência machista; pois assim que perceberam que suas experiências seriam validadas, as mulheres



passaram a ter mais coragem para expor seus violadores, principalmente porque saberiam que eles seriam julgados e punidos, o que dificilmente acontecia antes de o PIE vencer as eleições – como no caso de Patrícia, em que a um dos seus abusadores foi concedida anistia.: *Hacerlos pasar vergüenza era someterlos a una pena moral similar a la que sufrían sus víctimas, sobre todo las que optaban por callarse, que eran [...] cada vez menos, pues aquellos castigos las habían envalentonado* (Belli, 2010: 86-87).

É importante que as mulheres tenham percebido que sua segurança era importante para suas representantes. Porque até aquele momento o perigo, principalmente de sofrer abusos sexuais, que as mulheres corriam não era reconhecido, nem pelos políticos, nem pela sociedade. A partir da exposição de violadores as pessoas começaram a entender que violências cometidas dentro de espaços privados não eram assuntos restritos aos ocupantes do espaço doméstico, particular. As personagens passaram a perceber o caráter público e social das relações, inclusive das relações íntimas, e a ter consciência de que o pessoal é político, e que a comunidade deve interferir em casos de violência machista (Belli, 2010: 87).

Elas acreditavam que um homem reincidente mereceria receber a tatuagem, para que as pessoas percebessem que o sujeito havia violado mais de uma vítima. Mas, se um homem que violou uma mulher uma vez passasse pelo julgo da população, ele poderia se arrepender e, possivelmente, não cometer o mesmo crime. *Eva creía ferozmente en las bondades del escarnio social, convencida de que aun la psiquis más retorcida guardaba el rastro de humanidad requerido para la vergüenza y el arrepentimiento* (Belli, 2010: 87).

O ponto principal da exibição de violadores é o empoderamento da mulher, para que ela saiba que a culpa pela violência sofrida não é dela; que é seguro denunciar, porque os órgãos responsáveis pelo julgamento irão acreditar em sua palavra e irão punir o homem; e o mais importante, que a mulher saiba que não sofrerá represálias pela denúncia feita. Esse resultado do empoderamento das mulheres, a coragem de denunciar os homens e a punição efetiva dos violadores são responsáveis pela diminuição da violência machista; no romance a impunidade e a falta de segurança para realizar denúncias eram algumas armas usadas pelos homens para atacar as mulheres, sem essas proteções os homens começam a perceber que não devem agredir a mulher e que todas mulheres são dignas de respeito.

### 3.2.2 As personagens do romance – contra e a favor do partido

As mulheres do PIE conseguiram transformar muitas coisas no país, por isso é necessário analisar seus posicionamentos políticos, sobretudo, em relação ao feminismo. Também é importante analisar as atitudes das personagens que se opõem a essas mulheres.

### Viviana Sansón

Começamos, então, com Viviana Sansón porque é a personagem principal / protagonista, em torno da qual se estrutura um dos planos narrativos. Viviana é a candidata à presidência de Faguas pelo partido da esquerda erótica. É uma mulher cheia de entusiasmo e mais que decidida. É uma mulher da elite que, apesar de ser negra, não sofre racismo<sup>10</sup>: Viviana tem *un sólido cuerpo moreno claro de nadadora, una mata de pelo oscura de rizos africanos hasta los hombros* (Belli, 2010: 14). Provavelmente, a autora não quis se aprofundar nesse tema, sendo ela mesmo, branca. Belli afirma em uma entrevista que Viviana é muitas mulheres, o que pode levar-nos a acreditar que a autora tenha optado por uma protagonista filha de pai negro e de mãe branca simplesmente para envolver um número mais expressivo de mulheres (Márquez, 2010). A primeira informação que temos sobre a personagem é um nome que lhe confere poder intuitivamente. A personagem tem um instinto aguçado para exercer o poder, tal como Sansão domina sua força espontaneamente.

A escolha de uma personagem negra como protagonista é uma maneira de aumentar a representatividade das mulheres negras, sobretudo, em um papel como esse que transforma uma mulher negra em uma figura que oferece esperança e que é capaz de transformar um país. Contudo, esta escolha torna-se problemática pela falta de problematização da heterogeneidade da experiência da mulher racialmente marcada, bem como porque é possível perceber um “embranquecimento” da personagem, como no trecho já citado que fala do evidente corpo moreno claro (Belli, 2010: 14) ou neste outro trecho: *la piel “cobriza clara”, contrastaba con el blanco de las sábanas* (Belli, 2010: 218) (grifo nosso).

A personagem também é descrita de uma maneira bastante sensualizada e seu corpo é utilizado como marcador da identidade política que afirma a sensualidade não apenas como uma característica da feminilidade, mas sobretudo, como um poder feminino. A sensualidade da personagem existe graças à sua adequação ao padrão definido pela sociedade para o que é belo. Porque a protagonista tem um corpo invejável? Viviana Sansón se orgulha de suas formas “femininas”, por isso, sensuais e se aproveita delas, principalmente, após ter iniciado a carreira política, porque ela sabe que a sensualidade é um poder das mulheres: *[Viviana] [n]o sería ni la primera ni la última mujer que descubriría el hipnótico efecto de un físico voluptuoso* (Belli, 2010: 15). Para o romance, ter um corpo voluptuoso facilita alcançar a sensualidade, que é uma característica feminina, assim, o feminismo deve ressaltar a feminilidade, sobretudo o poder que resulta da sensualidade. Entretanto, o romance não descreve como sensuais os corpos que fogem ao molde de beleza associado às mestiças sul-americanas. As mulheres que não

---

<sup>10</sup> Esta afirmação se baseia na ausência de informações que demonstrem que Viviana tenha sido vítima de ataques racistas.

conseguem alcançar o padrão e as que rejeitam a padronização são consideradas menos sensuais: como seu poder de sedução é reduzido, as primeiras “invejam” um corpo sensual, como o romance afirma, enquanto as segundas são ignoradas pelo romance. Em *El país de las mujeres* a autora não apresenta uma ruptura com o que é considerado sensual pela sociedade, logo, não há um questionamento sobre como os padrões são impostos às mulheres, tampouco uma afirmação de diferentes maneiras de expressar a sensualidade feminina que fujam ao modelo determinado pelo sistema machista.

Viviana foi criada somente pela mãe, Consuelo, porque seu pai desapareceu assim que soube da gravidez. Viviana percebeu como foi complicado sua mãe cuidá-la sozinha, sem outro responsável (Belli, 2010: 126). A penalização da maternidade é uma das razões para Viviana propor políticas públicas que apoiam mulheres com filhas (Belli, 2010: 103).

Viviana Sansón, antes de se candidatar à presidência, pode ter se importado com o sofrimento alheio, entretanto, nunca se envolveu ou trabalhou para ajudar as pessoas, o que também pode ser lido como efeito do abandono da própria subjetividade, ao ter aceitado deixar sua profissão para cuidar da filha enquanto era casada com Sebastián, seu primeiro marido. Após o luto pela morte dele – tempo no qual ela se reconstruiu e se afastou de seu “antigo ser” – aos poucos, ela percebeu muitos problemas do país, que ela precisava ajudar a consertar. Para ela, somente quem dominasse algum poder poderia fazer algo definitivo e para isso era importante criar um novo partido político que pudesse revolucionar Faguas (Belli, 2010: 131-133).

A transformação na vida de Viviana, antes e depois da morte de seu marido, pode ser reconhecida por dois curtos trechos: *Había sido un matrimonio feliz. Solo el tiempo, la distancia y el pleno uso de su independencia hicieron que Viviana se percatara de cuánto había cedido como mujer para que esa felicidad fuese posible* (Belli, 2010: 69); e, na próxima página: *[...] con cada trapo y zapato de Sebastián que se despojó, [...] ella sintió que [...], al hacerlo, le dejaba de ser esa que había sido con él* (Belli, 2010: 70). O primeiro trecho apresentado é preciso ao mostrar que Viviana se sacrificou por seu casamento, da mesma maneira como muitas mulheres se sentem forçadas a fazer, principalmente, em relacionamentos sem equidade, onde o homem não percebe que a mulher é uma sujeita que deve ser tratada com reciprocidade e que a mulher não consegue afirmar sua qualidade de sujeita. Após a morte de Sebastián e de se afastar do que ela havia sido com seu finado marido, a protagonista conseguiu perceber que seu casamento foi feliz, mas que essa felicidade só foi possível às custas de tudo o que ela fora levada a desistir: nada menos do que sua carreira profissional, sua independência, suas aspirações e desejos, ou seja, sua subjetividade.

A partir do momento em que começou a trabalhar para o jornal televisivo, Viviana passou a perceber o sofrimento das outras pessoas. Antes, com seu marido, ela ignorava a existência de pessoas

carentes e que o mundo precisava de gente disposta a trabalhar para transformá-lo. Somente após a perda do seu refúgio Viviana conseguiu entender as necessidades de seu país. Como se narra no romance:

Lo más triste y lo que borraba el contraste entre barrios ricos y barrios pobres era, sin embargo, la basura: papeles, bolsas plásticas, envoltorios de cualquier cosa flotaban sobre las cunetas, las aceras, afeándolo todo. Hacia un esfuerzo para no mirarla. Levantaba la vista para ver el gran volcán Mitre pálido y azul en la alborada, las nubes, pero no podía evitar preguntarse cómo era que ese estado de cosas – la miseria, la basura – existía sin nadie que lo enmendara. Al llegar a la estación de televisión, cerraba los ojos y soñaba con arreglar el país (Belli, 2010: 72)

Apesar da estranha relação entre os eventos, podemos sugerir que o trauma pelo qual Viviana passou a fez ter consciência de si e, assim, também das outras pessoas; logo, entendeu que as condições de vida dos outros também afetam a dela; então, ela se posicionou como agente de mudança e decidiu que devia trabalhar pela melhoria da vida dos outros e, como consequência, para a melhoria de sua própria vida. Quando Viviana afirma que o mais triste e que apagava o contraste entre os bairros era o lixo e a sujeira espalhada por toda a cidade (Belli, 2010: 72), podemos perceber que essa sujidade – a das ruas e a metafórica referente à situação política e social de Faguas – era um grande problema para a protagonista. Ela é capaz de ignorar a sujidade das ruas, mas não pode ignorar a sujeira que monopoliza a moral dos governantes de Faguas. Então, para oferecer uma opção de legítima melhoria de vida às cidadãs e desfazer os esquemas sujos dos políticos, Viviana sugere às amigas a criação do PIE (Belli, 2010: 100).

Seu trabalho no jornal também foi fundamental para que ela pudesse, mais que dar as notícias, sentir empatia pelas pessoas que precisavam de ajuda; por causa de seu trabalho ela percebeu os contrastes sociais de seu país e, a partir das denúncias que recebia, teve coragem para acusar os desmandos dos políticos. Após pouco tempo trabalhando no jornal ela começou a interferir nas criações das notas e a sugerir histórias. Logo, passou a usar sua posição como jornalista para denunciar a corrupção no país: *Con tacto, pero con firmeza, ella dejó bien claro que o salía el reportaje o se lo llevaba a otra parte* (Belli, 2010: 74).

Até esse ponto do enredo podemos apontar duas principais atitudes feministas da personagem: a primeira, pessoal, quando Viviana se reconheceu como uma sujeita autônoma independente de homens. Porque percebeu sua capacidade de viver, direito de desejar, o lugar pleno de sujeita na sociedade, seu poder de transformar o ambiente e sua responsabilidade para com a comunidade. A segunda atitude que podemos considerar feminista foi a coragem de Viviana de ter se posicionado contra um homem com poderes, tendo colocado em risco sua imagem e seu trabalho.

A denúncia do zoológico “privado” do magistrado resulta na transformação da vida das personagens e também insinua o início da evolução da protagonista; ou seja, após denunciar o juiz, Viviana passa a receber e-mails e cartas da população cansada das injustiças causadas por políticos que não amparam suas necessidades (Belli, 2010: 76). Com mais pessoas sugerindo investigações e a partir de sua análise pessoal sobre a situação do país, Viviana produz um programa televisivo onde deixa falar a população de Faguas: *Un poco de todo* consistia em denúncias feitas pelas cidadãs (Belli, 2010: 76-77). Viviana obteve, então, o poder de falar e ser ouvida, e, com esse poder recebeu duas grandes responsabilidades: a primeira apareceu para Viviana numa tarde chuvosa e será chamada “a denúncia de Patrícia” e a segunda é a criação de uma figura que mune de esperança as cidadãs e os cidadãos de Faguas.

Superficialmente, a história do pinguim é engraçada: o absurdo cometido pelo juiz de ter levado a um país tropical um animal natural de lugares gelados e de ter construído uma câmara fria para manter o pinguim em cativeiro era uma mordomia que não coincidia com a situação financeira de Faguas, que de acordo com Viviana, tinha poucas condições de sustentar até mesmo os animais do zoológico (Belli, 2010: 74-75). Entretanto, por trás da sátira aos políticos que se dedicam a transformar um ambiente para atender às suas necessidades pessoais, enquanto se esquecem de atender às necessidades da população (e, possivelmente, de suas maneiras de se vestir, que não correspondem ao clima quente tropical), esta história absurda e, aparentemente, cômica do tráfico do pinguim está relacionada aos abusos desse poder ditatorial e cleptocrata, que fomenta a opressão mais violenta contra as mulheres: o tráfico e a escravidão sexual.

O episódio que envolve Patrícia foi muito importante para Viviana entender que as pessoas devem ter a possibilidade de se representarem por si próprias, de se perceberem sujeitas independentes, tal como ela conseguiu, após a morte de Sebastián. Após a recusa da adoção, Viviana percebeu que se Patrícia tivesse aceitado ser adotada, Viviana estaria fazendo uma caridade; como soberana, a protagonista se colocaria acima de Patrícia fazendo com que ela se mantivesse na subalternidade. Viviana ofereceria uma forma de salvação que, de cima para baixo, poderia ajudar, apenas naquele momento e não daria oportunidades para Patrícia se transformar. Viviana aprendeu que a solidariedade implica em saber que a ajuda deve ser uma via de mão dupla, que a pessoa que precisa de apoio também pensa e toma decisões, que também precisa se reconhecer como sujeita soberana. Viviana percebeu que poderia se preocupar com as pessoas e poderia ajudar a aliviar suas vidas, mas era necessário se conscientizar de que o desejo de ajudar poderia levar a situações desagradáveis, se a pessoa em necessidade não possa encontrar seus próprios recursos para se empoderar (Belli, 2010: 128).

A segunda responsabilidade de Viviana resultou do poder obtido por comandar um programa de televisão, por ter sido reconhecida como uma pessoa que poderia salvar o país: *Necesitamos gente como*

*usted em Faguas. ¿Por qué no se lanza como presidenta?* (Belli, 2010: 76). Uma vez que a polícia e os políticos eram abusadores e corruptos – muitos estavam envolvidos no caso de Patrícia – e que Viviana e suas amigas faziam grandes investigações e denúncias no programa *Un poco de todo*, considerando as diversas capacidades de cada mulher, as cinco amigas concordaram que não poderiam mais ficar indiferentes e que deveriam fazer algo que fosse determinante para o país. Por acreditar que salvar um país não deve ser visto como uma responsabilidade de uma só pessoa e que uma pessoa sozinha não consegue transformar nenhuma realidade, Viviana deseja o apoio e a participação de suas amigas e propõe: *¿Qué tal si aprovechamos que ahora soy tan conocida [...] hacemos algo de verdad por este país? [...] para todo lo que se me ocurre se necesita tener poder... ¿Qué tal si creamos un partido que quiebre todos los esquemas?* (Belli, 2010: 101).

Mais uma vez encaramos essa contraditória concepção de transformação feminista, que é contraditória porque tem como princípio a valorização de uma feminilidade construída socialmente por valores patriarcais e machistas. A maneira como a presidenta discursava foi uma transformação resultante do modo de Viviana Sansón se relacionar com as cidadãs, sobretudo pela valorização das características femininas que promove: *siempre habló desde el centro de las multitudes, [...]. El círculo era un abrazo [...] la igualdad, la participación, el vientre materno, femenino. [...] reiteraba su fe en el valor de percibir con el corazón y no solamente con la razón* (Belli, 2010: 14). A autora apresenta a crença da personagem de que estar no mesmo nível de todas as pessoas era uma forma de se mostrar acessível e impulsionar um sistema igualitário que acabaria com as misérias do país, e principalmente, que desconstruiria o poder da forma como os homens o aplicavam. O partido e a presidenta consideram o cuidado, a preocupação, o instinto de responsabilidade para com a sociedade, como atos femininos, assim como também consideram feminino o “pensar com o coração”, o uso da inteligência emocional. O contato é uma característica da feminilidade. Estar em contato era uma ação para a transformação da natureza do poder e das relações de poder, que, por sua vez, seria um grande passo para a desconstrução do sistema machista.

### Consuelo

Consuelo, mãe de Viviana, é, para além disto, o primeiro exemplo de uma mulher autônoma e forte que toma o seu destino nas próprias mãos, com uma ideia de responsabilidade que se pode considerar feminista, porque mesmo tendo que criar uma filha sozinha, não abdicou da posição de prestígio que alcançou profissionalmente.

É uma mulher que foge aos papéis tradicionais reservados às mulheres. Mesmo que preserve uma dimensão de “feminilidade” (enquanto mulher com atributos “femininos” e mãe), ao mesmo tempo, assume protagonismo fora do espaço doméstico, numa profissão de “exploradora”, convencionalmente desempenhada por homens.

Por trabalhar longe de casa, coordenando expedições, criou a filha com liberdade e mostrou que as consequências das escolhas de Viviana afetariam, especialmente, ela mesma: *En última instancia, lo que te pase es cosa tuya. La que va a pagar los platos rotos sos vos. Eso es lo que no se te debe olvidar* (Belli, 2010: 126). Por sua liberdade, independência, coragem e força, Consuelo é, sobretudo para Viviana, um exemplo do alcance do poder feminino.

Consuelo teve um papel importante quando Viviana enfrentou o trauma pela morte de seu primeiro marido. Ela não permite que a filha se deixe abater e a convence que é necessário viver intensamente, superar a perda e investir em outros planos; ou assumir que a vida de seu marido é mais importante que a dela própria, desistir de seus desejos e sofrer profundamente. Consuelo foi responsável por Viviana lutar pelo sonho de ser jornalista.

### Ifigenia Porta

Ifigenia Porta é casada e tem filhas, ela é quem organiza a vida da família com uma dura disciplina. Por sua disciplina, se torna responsável por filiar as mulheres interessadas em participar do partido, e depois das eleições, pelo ministério da informação (Belli, 2010: 111). O nome dessa personagem está relacionado à mitologia, como muitas personagens do romance. Na mitologia, Ifigênia é levada em sacrifício à Ártemis para que os gregos possam partir em direção a Tróia (Harvey, 1998: 284). No romance de Belli, Ifigenia também se sacrifica, para seus filhos e marido e para seu emprego (Belli, 2010: 106). Assim como a mitológica Ifigênia é levada viva pela deusa, para ser uma sacerdotisa (Harvey, 1998: 284), Ifigenia também sobrevive aos sacrifícios diários e ainda tem tempo para se reunir com suas amigas, para si própria e para cuidar do jardim, que funcionava como um refúgio, digno de uma sacerdotisa (Belli, 2010: 100). Esse jardim é importante porque é lá onde as mulheres se reúnem para decidir sobre a criação do partido. O jardim da Ifi pode ser relacionado ao jardim do éden, onde na mitologia cristã, foi o início da criação do mundo. Para as mulheres do PIE, aquele jardim representa o início de um mundo mais justo para as mulheres de Faguas (Belli, 2010: 171).

As roupas das mulheres são ferramentas que as ajudam a se sentirem poderosas e o PIE utiliza essa característica com maestria. Ifigenia está dentro dos padrões de beleza aceitos pelo ocidente (Belli, 2010: 16) e as roupas escolhidas para que elas apresentem um caráter sensual, desafiador e inteligente, como as mulheres do PIE tencionam, são importantes para que ela perceba que também é uma mulher poderosa (Belli, 2010: 112).

Quando seu marido, Martín, soube da criação do partido e desmereceu a intenção das mulheres, ela apenas afirmou que logo veriam o que aconteceria: *[e]stá simpático –le dijo él–. No creo que nadie se lo tome en serio, pero está simpático* (Belli, 2010: 112). Nesse trecho é possível perceber como os homens desprezam as capacidades das mulheres de criarem, de desejarem e de realizarem algo grande em suas vidas, mesmo quando essas mulheres são próximas a eles e, reconhecidamente inteligentes e

capazes. Para os homens, as realizações das mulheres são supérfluas e não merecem menção nem credibilidade. Ifigenia não enfrentou seu marido, mas como acontece com a maioria das mulheres, se decepcionou por não ter encontrado apoio onde acreditava que iria encontrar, pela maneira como o responde quando ele questiona sobre o partido: *había preferido sorprenderlo. Hemos hablado tanto del asunto, ya era hora ¿no te parece?* (Belli, 2010: 112).

### Martina Meléndez

Martina se mudou para a Nova Zelândia porque, por ser lésbica, não podia expressar sua sexualidade livremente em Faguas, um país ultraconservador, sobretudo, em relação aos direitos das mulheres. Voltou a Faguas apenas para participar como ministra dentro do governo do PIE. *Martina era rubia castaña, más voluptuosa que flaca, pelo liso. Había nacido con el don de un irreverente sentido del humor. Sus ojos pequeños y oscuros ponían en duda casi todo por principio* (Belli, 2010: 16). Para Viviana, ela era perfeita para o Ministério das Liberdades Irrestritas, porque tinha as características necessárias para fazer as cidadãs de Faguas entenderem o que significa ser livre de fato: *una persona como vos, creativa, desenfadada y sin miedo, puede hacer mucho por hacerles entender la libertad* (Belli, 2010: 42).

O ministério que ela recebeu (Ministério das liberdades irrestritas) tinha como objetivo garantir o direito das cidadãs de desenvolver todo o potencial humano e criador, sem limitações (Belli, 2010: 110). Martina precisava *promover leyes, comportamientos, programas educativos y todo cuanto fuera necesario para inculcar el respeto a la inviolable libertad de mujeres y hombres dentro de la sociedad* (Belli, 2010: 42). Como viveu em outro país, ela podia perceber a liberdade de uma maneira diferente de alguém que nunca havia saído de Faguas. Na Nova Zelândia Martina não sofria discriminações, então poderia mostrar para as cidadãs de Faguas que a liberdade consistia no direito de seguir qualquer ideologia, professar qualquer fé e o mais importante para Martina, o direito de se relacionar com qualquer pessoa (Belli, 2010: 43).

Martina foi a primeira que apoiou a criação do partido, foi quem o batizou de PIE, em homenagem a um grupo de mulheres da Nicarágua (Belli, 2010: 102). E, quando foi sugerido a retirada dos homens do estado, Martina também foi a primeira a concordar, porque acreditava que seria uma mudança fundamental. Ela sugeriu que mulheres de outros países visitassem Faguas para exporem seus conhecimentos; impôs o fim da linguagem de ódio, proibiu o uso de palavras ofensivas ao se referir às mulheres e a homossexuais (Belli, 2010: 44) e sugeriu a reforma da linguagem, que passaria a desconsiderar o masculino como neutro (Belli, 2010: 44).

A ministra das liberdades irrestritas também foi responsável pela reforma democrática em Faguas; Martina produziu um modelo que acreditou que funcionaria no país, baseando-se em leituras de



tratados sobre a democracia (Belli, 2010: 44) e criou uma campanha de educação cidadã, que espalhava conceitos básicos de civismo com base na cidadania (Belli, 2010: 45)<sup>11</sup>.

### Eva Salvatierra

Eva foi nomeada ministra da defesa porque antes de criarem o partido ela fora gerente de uma empresa de segurança privada. O pai de Eva Salvatierra fora guerrilheiro revolucionário e, por isso, ensinara a filha como sobreviver em situações de conflito, ensinava o que sabia sobre a arte militar, que permitiu que ela montasse sua empresa (Belli, 2010: 84). Mesmo com os treinos de combate junto ao pai e das aulas de judô que fazia quando conheceu seu marido, Eva Salvatierra também sofreu violência doméstica

[...] único hombre que ella amó sin medida, un magnífico ejemplar que conoció en sus clases de judo y que fue dulce y buen marido hasta que dejó de serlo, hasta la noche en que la empujó contra la pared, la pateó, le dio una paliza ante la cual ella no atinó a defenderse. ¿Qué hizo ella más que preguntarle dónde había estado, un poco molesta quizás porque regresó tarde oliendo a ron? La reacción de él le produjo espanto. Olvidó su entrenamiento, su físico ágil. Como un fardo dejó que él se ensañara con ella, atónita y sin comprender. Después no le aceptó llantos ni excusas. Lo dejó. Abandonó todas sus pertenencias en la casa. No se llevó nada. Él empezó a acosarla, a buscarla [...]. La sometió a un cerco de terror. Se vio obligada, a su pesar, a recurrir a su padre [...] a Ricardo se lo tragó la tierra. Jamás regresó a molestarla (Belli, 2010: 85)

Apesar do preparo físico que Eva tinha, por não esperar que seu marido fosse violento, ela não conseguiu se defender. A autora aponta vários dados importantes: um homem carinhoso e que respeitava sua companheira e que, de repente, deixou de ser um bom companheiro; a personagem que era forte o suficiente para se reconhecer mais importante que o relacionamento e que, por isso tem capacidade para abandonar sua casa; e, por último, Eva manteve a coragem que usou para romper o relacionamento e não voltar atrás: mesmo que seu ex-marido a tenha perseguido e aterrorizado, ela teve condições para pedir ajuda ao seu pai, que fez com que essa situação chegasse ao fim.

Sua experiência de violência doméstica e com a empresa de segurança foram necessárias para seu trabalho como ministra da defesa, que não consistia em defender o país, mas sua população e principalmente as mulheres, que num contexto machista, sobretudo, precisam de políticas e programas especiais de proteção, que realmente funcionam e deixam as mulheres confortáveis para pedir ajuda. Outra posição do governo em relação a proteção das mulheres, da qual fala Eva em um diálogo com o senhor *José de la Aritmética* são as aulas de karatê oferecidas às meninas desde crianças, o romance mostra a importância das mulheres aprenderem a se defenderem sozinhas, enquanto isso seja necessário.

---

<sup>11</sup> cf. supra

A autora descreve Eva Salvatierra como: *pelirroja, menuda, con pecas en las mejillas y una voz gangosa, ligeramente adolescente que contrastaba con su mortífera eficiencia* (Belli, 2010: 16). A pequena estatura da personagem, entretanto, não era uma diferença importante para seu trabalho, principalmente, porque alguns países apoiaram o governo feminino de Faguas e além de terem ensinado às mulheres polícias técnicas de luta corporal, ofereceram armas imobilizadoras, essenciais para que as mulheres enfrentassem homens mais fortes: *Eva Salvatierra, que tenía de ingenio lo que le faltaba de corpulencia, logró con esos aparatos crear una fuerza pública eficaz* (Belli, 2010: 61).

O atentado contra a presidenta foi a única falha da nova polícia feminina, mas além do erro da polícia, o ataque também foi facilitado pela escolha da presidenta de estar próxima a população. Como já foi apresentado durante esse texto, Eva Salvatierra era o pseudônimo utilizado por Gioconda Belli durante a ditadura da Nicarágua, quando ela publicava críticas ao governo Somozista. O nome Eva remete a mitologia cristã da criação do mundo, que relacionamos mais uma vez, com a criação de um mundo melhor, a partir da criação do partido, tal como a inspiração do PIE, que aconteceu no jardim da Ifigênia Porta. Além de ser Eva, a mulher do mundo novo, essa personagem também é Salvatierra, ou seja, é parte da esperança para essa utopia de um mundo melhor, especialmente, atuando como ministra da defesa. Como Eva era bastante respeitada pelas amigas, principalmente por sua obstinação (não somente por ser Salvatierra), foi eleita presidenta interina durante o coma de Viviana. Eva passou pouco tempo no cargo, porque logo após sua “eleição” pelas mulheres da assembleia, Viviana saiu do coma.

#### Rebeca de los Rios

Rebeca de los Rios, como é descrita no romance, é: *alta, morena, esbelta como un junco [...] era de una belleza oscura y misteriosa y tenía el porte más elegante y refinado de todas* (Belli, 2010: 16). Assim como Viviana, Rebeca também é “embranquecida” uma vez que, além de existir apenas essa ligeira descrição de que ela seja negra, no meio do romance ela é caracterizada como tendo um cabelo liso e um nariz pequeno e pontudo, características majoritariamente de pessoas brancas: *mujer alta, pelo corto oscuro y liso [...] cejas tupidas, ojos muy oscuros y una pequeña nariz com la punta respingada* (Belli, 2010: 205).

O nome dessa personagem, além de ser uma referência bíblica, tal como Eva, também faz a ligação entre mulheres e a natureza (“de los Rios”), muito comuns nos romances e poesias da escritora, inclusive em outras partes de *El país de las mujeres*, quando por exemplo, é narrado que Sebastián compara os seios de Viviana a dois pequenos vulcões (Belli, 2010: 66).

Rebeca era a ministra da economia e das despesas e sua nomeação para o cargo se deu por ser muito boa com números. Ela planejava e entendia dados estatísticos como se estivesse brincando: *Por eso ya no le preocupaba que el gobierno se endeudara [...]. Ella tenía la certeza de que pagarían la deuda. Las medidas de reconversión puestas en marcha aparecían cada vez más a menudo en las*

*revistas e informes económicos internacionales* (Belli, 2010: 204). Sua maior contribuição para o governo foi ter proposto o investimento na produção de flores, que seria mais lucrativo que a tradicional produção de café, após as mulheres do partido terem sido influenciadas a exagerar nos estereótipos femininos (Belli, 2010: 204). Com o novo investimento, as mulheres do PIE conseguiram realizar vários projetos propostos durante a campanha. Ela enfrentou os homens da assembleia, e mostrou que eles estavam errados ao afirmarem que tanto o negócio das flores, quanto outras políticas públicas não eram viáveis.

#### Juana de Arco (Patrícia)

Patrícia tinha 16 anos quando fugiu do cativo onde era mantida como escrava sexual. Conseguiu encontrar Viviana onde ela gravava o programa *Un poco de todo* e denunciou o juiz envolvido no caso do pinguim de tê-la escravizado sexualmente (Belli, 2010: 93). Patrícia é uma personagem importante para a história, porque a autora usou esse relato com o propósito de falar sobre tráfico humano e a violência contra mulheres e, também, porque ela é um exemplo de uma mulher empoderada.

Patrícia conseguiu transformar seu destino e foi responsável para que, enfim, Jiménez saísse do seu cargo público. Essa parte do romance é muito importante porque foi a primeira vitória de duas mulheres contra o poder vigente. Mesmo que o magistrado não tenha sido preso – *el presidente Puertas le concedió la amnistía* (Belli, 2010: 221) –, é narrado como duas mulheres, juntas, se empoderaram: Viviana, novamente, por enfrentar um homem mais poderoso, mas, principalmente, Patrícia, que abandonou a situação de subalterna e se afirmou como sujeita.

Viviana sentiu necessidade de se certificar da proteção de Patrícia e se ofereceu para adotá-la, entretanto, Patrícia que, aos poucos, recuperava sua capacidade e confiança em si própria, não acreditou que ser deixada sob responsabilidade de outra pessoa seria uma ação coerente, então recusou a oferta: *¿Pero qué tengo yo que ver con su vida? –le preguntó, sin salir de su asombro–. No, Viviana. Le agradezco el gesto, pero no* (Belli, 2010: 128).

Por outro lado, Patrícia aceitou a oferta de viver na Nova Zelândia, porque acreditou que longe de Faguas poderia superar os traumas sofridos. No outro lado do mundo, frequentou aulas e fez sessões com uma psicóloga para se perceber responsável pela própria vida, conseguiu apoio para reescrever sua história. Começou a se identificar como uma mulher capaz de superar as adversidades, reformulou sua personalidade e trocou de nome. Juana de Arco mostra que todas as experiências importam e que apenas a partir delas é possível se reconstruir.

Juana de Arco viajó diario en el año que estuvo [...] en Nueva Zelandia a las clases donde aprendió administración, inglés y computación. Se bebía el conocimiento [...]. Y también vio a una sicóloga con la que empezó el exorcismo de su pasado. ¿Qué te decía la terapeuta?, le preguntó un día Viviana. Me decía que uno escoge cómo se cuenta a sí mismo la propia historia, [...] que hasta mi experiencia de puta podía convertirse en un recurso que me dotaba a mí de una sensibilidad especial para ver y comprender a las mujeres; [...] Me ayudó mucho dejar de sentirme víctima, [...]. Fue casi mágico lo que pasó cuando empecé a contarme mi historia de otro modo. Ahora entiendo que hasta

las cosas más terribles pueden convertirse en peldaños para cruzar al lado más claro de una misma (Belli, 2010: 184-185).

Ao voltar da Nova Zelândia Juana de Arco também trabalhou para o partido, como assistente de Viviana. Ela esteve junto das mulheres do partido desde o início das propagandas eleitorais, porque era muito competente e também tinha interesse em fazer algo pelas mulheres do país, para que outras mulheres não passassem pela mesma experiência: *poseía una feroz determinación, era rápida y tenía un aguzado sexto sentido para medir a la gente* (Belli, 2010: 129). Juana esteve junto a presidenta durante o tempo em que ela esteve em coma. Tê-la visto naquela situação foi necessário para Juana sentir compaixão por outra pessoa, ela sentiu compaixão por Viviana, porque para Juana de Arco, a presidenta não podia escolher, estava presa em um estado que a impedia de viver plenamente, diferente dela que quando era violentada, se afastava de sua situação, buscando estar alheia aos seus sentidos, e ignorava a própria dor, se restringia, escolhia não enfrentar os abusadores, ou a situação na qual se encontrava (Belli, 2010: 137). Mesmo assim, ela acreditava que poderia enfrentar aqueles homens, se escolhesse fazê-lo, ainda que tenha sido escravizada. Ao contrário de Viviana, incapaz de qualquer ação, Patrícia poderia resistir se juntasse força para fazê-lo, como finalmente o fez (Belli, 2010: 96).

Também é importante notar a maneira como Juana de Arco se vestia e se portava. Ela usava roupas, acessórios e penteado *punk*, uma maneira de mostrar seu posicionamento em relação ao que é esperado do comportamento e da apresentação das mulheres: ela não estava de acordo e não iria se adaptar a um modelo “essencializado” de feminilidade. É adequada a escolha pela descrição da cor de seu cabelo como “negro como azeviche”, porque azeviche é uma pedra que, de acordo com o exoterismo, possui propriedades absorventes, capazes de dissipar energias negativas. Scott Cunningham (2005) afirma que o azeviche é um amuleto para cura, proteção e centramento, características que podem ser relacionadas a personalidade de Juana de Arco, que ela busca ou que já encontrou. Ou seja, a cura do passado ela alcançou, com a mudança para Nova Zelândia, cursos e terapias, enquanto proteção e centramento, que também pode ser entendido como uma busca pelo controle da própria vida, são buscas que ela realiza constantemente.

Sobre a maneira como ela se portava, de certa forma, ela assume alguma masculinidade, sobretudo pela nova identidade escolhida. O novo nome também é simbólico por fazer referência a lendária heroína francesa, conhecida por liderar exércitos franceses contra a Inglaterra. Juana recusa o estilo sedutor, compartilhado pelas outras mulheres do partido e, tal como a heroína Jeanne D’Arc, opta por uma identidade transgressora, andrógina. Juana de Arco apresenta um jeito de ser sério, introspectivo e quieto, que pode ser percebido como uma necessidade de se manter na marginalidade.

Letícia Montero

Leticia representa o campo oposto das mulheres do PIE e a ideia de que as próprias mulheres podem representar posições ideológicas e corporizar voluntariamente representações patriarcais do sexo feminino. O romance não mostra de qual estrato social Leticia é proveniente, mas, a partir do momento que se casa com um político, é possível inferir que participa da alta sociedade. Tal como as mulheres do PIE, Leticia Montero também se considera e é considerada sedutora: *Ella sabía conseguir lo que quería sin tanta alharaca ni historias de cambiar el mundo. Su entropierna podía más que cuatro discursos de esas mujeres. Estúpidas eran las eróticas insistiendo en revelarles el juego a los hombres* (Belli, 2010: 191).

A personagem é insegura e apesar de ter conseguido perceber como o relacionamento conjugal com Emiliano Montero era destrutivo e opressor, ela não aceita nem admite que deveria ser diferente, porque concorda que o mundo deve continuar organizado como sempre esteve e que ninguém poderia querer mudar os costumes: *El hombre y la mujer eran como eran y cada quien tenía que ubicarse y no andar creyendo que se podía cambiar lo que Dios y la naturaleza había dispuesto. La mujer en su casa y con sus hijos era lo correcto* (Belli, 2010: 191). Essa personagem é a prova de que a socialização sob um sistema patriarcal é tão contundente que mesmo mulheres descontentes com sua realidade concebem o feminino e o masculino como imutáveis e, conseqüentemente, não entendem a necessidade de mudanças, porque aceitam o discurso machista.

Leticia é a mulher antifeminista. Não quer abandonar o lugar em que foi colocada, como servidora do homem e espera que nenhuma outra mulher queira enfrentar suas opressões, porque vão questionar a verdade imposta pelos homens. Enquanto as mulheres estiverem lutando por seus direitos, a antifeminista estará ao lado do opressor, reclamando-se como representante do ser-Mulher essencializado. Infelizmente, as mulheres antifeministas ainda não percebem que são transformadas em ferramentas por um sistema falocêntrico que também irá oprimi-las porque elas continuarão sendo mulheres. Leticia se esforça para não ser como “as outras”, que desagradam seu marido: ela procura ser independente na medida certa, aceita seu papel como mãe e dona do lar sem reclamar, se preocupa com a aparência o suficiente para não ser considerada fútil, ou seja, ela não comete excessos, mas se mantém como exemplar de feminilidade. Seu marido afirma que ela provavelmente teria “alma de homem”, para ele, isso era um elogio, mas para ela representava a obrigação a se manter nas preferências dele. Em uma das discussões entre Leticia e seu marido Emiliano Montero, quando falavam sobre o atentado a presidenta e os possíveis resultados, ele afirma que o motivo de eles ainda estarem casados é por ele acreditar que Leticia tem “alma de homem”, porque se ela fosse mais feminina ele não aguentaria estar com ela por tanto tempo (Belli, 2010: 190-191).

Para não ser rejeitada, Leticia aceita e internaliza o posicionamento do marido de que tudo o que se relaciona às mulheres e ao feminino é ruim. Leticia é uma das personagens mais abusadas do

romance. Como é casada por mais de 20 anos com um homem que professa seu ódio não apenas pelas feministas, mas por tudo o que é relacionado ao feminino e às mulheres, ela sempre sofreu a ameaça de rejeição, uma vez que ainda é mulher:

ella apenas podía a veces con sus resentimientos y las rabias que había tragado sin digerir para llegar a este punto. Odiaba que su memoria minuciosa no olvidara el acumulado de agravios y descalificaciones que él tan generosamente le había dispensado a lo largo de sus veintiséis años de casados. Cosas así, como decirle que tenía alma de hombre. O burlarse de su timidez, de su ineptitud social, como él la llamaba; o someterla al menosprecio que sentía por el total del género femenino. Sus esfuerzos por disimularlo más bien enfatizaban el desdén típico de quienes esconden su inseguridad adoptando poses de hombre fuerte (Belli, 2010: 191).

Sua necessidade de aceitação pelo marido e sua crença de que o mundo não deveria ser mudado por fazer descontente algumas pessoas, faziam com que Letícia defendesse que as mulheres deveriam se manter no espaço de feminilidade em que foram colocadas, evitando “invadir” os espaços masculinos, deveriam aceitar a domesticidade, enquanto os homens continuariam desempenhando o papel de provedor. O mundo deveria continuar como Deus o criou: mulheres com responsabilidades familiares, homens com as responsabilidades públicas.

O PIE estava transformando a sociedade e mostrando que tanto os homens quanto as mulheres deveriam se responsabilizar pelas coisas públicas e privadas. Isso incomodou Letícia de tal maneira que, para defender sua posição e mostrar ao marido que ela era uma mulher especial, mais que o apoio que ela dava à oposição, foi ela quem sugeriu o assassinato de Viviana Sansón. Além disso, ela não mediu esforços para apoiar as revoltas contra o PIE: incitou as mulheres de Faguas contra *as eróticas*, sendo a responsável pela inclusão das mulheres nas manifestações contra o partido.

Mesmo que tenha sido Letícia quem sugeriu o atentado à presidenta, seu marido não reconheceu seu papel durante o planejamento do atentado. Entretanto, para a personagem, esse comportamento era aceitável, porque estava na natureza dos homens ser assim (Belli, 2010: 54-55). Como leitora, é possível perceber que, para o patriarcado e para o machismo, as mulheres não devem ser reconhecidas por suas ideias e planejamentos, mesmo quando são a favor desses sistemas do qual são vítimas.

#### Azucena e Ernestina

Como personagens secundárias, mas ainda importantes, aparecem Azucena, uma das filhas do senhor José de la Aritmética, e sua amiga Ernestina. Elas são importantes para a história, porque são elas quem descobre o responsável pelo atentado. Ernestina também é importante por ser uma mulher com poucas condições que enfrenta o marido violento. A escritora a cria como exemplo para que as mulheres se libertem de uma situação de abuso; para que percebam que é extremamente difícil que um homem pare de bater em uma companheira. A escritora mostra que a mudança depende, sobretudo, da

mulher e da sociedade. A mulher precisa criar forças, coragem e condições para sair de um relacionamento violento e abusivo. A sociedade deve apoiar este empoderamento.

Ernestina passou vários anos sofrendo violência machista, mas, ao perceber que poderia ser assassinada por seu marido ela saiu de sua casa. Ela tinha poucas condições para abandonar o lugar onde vivia e se obrigou a voltar a morar com sua mãe para deixar de ser agredida pelo marido. Ernestina conseguiu perceber que o marido não iria mudar e parar de ser violento, por causa das campanhas que o PIE fez, durante a campanha eleitoral. O contato com outras mulheres foi importante para Ernestina reagir contra os abusos que sofria, o isolamento das mulheres é uma arma utilizada pelos homens para enfraquece-las e Dionísio recorria a esse isolamento (Belli, 2010: 260-261). A eleição do partido também possibilitou a Ernestina ter um emprego formal, o que aumentou sua capacidade para buscar sua independência e identidade. Como “mãe voluntária”, cuidando das crianças da vizinhança, recebia um salário suficiente para restabilizar sua auto estima.

Para las mujeres como ella, tan atropelladas por los maridos, aquel gobierno sí que había sido un respiro, porque no perdonaban el maltrato [...] Si era común antes que la misma esposa maltratada defendiera al marido cuando llegaba la policía, eso ya no funcionaba. [...] Los metían a los dos a unos centros especiales de reeducación; todo el día a oír charlas, a ver psicólogos, al final los hacían firmar un documento donde se comprometían a respetarse bajo pena, esta vez, de cárcel para el agresor, [...] en fin, no los dejaban en paz. A las mujeres que decidían dejar al marido les ayudaban dándoles donde vivir hasta que encontraban trabajo, o las mandaban a los campos de cultivo de las flores a aprender el oficio y allí había colegios y guarderías lindas para los hijos. (Belli, 2010: 261-262).

Ernestina é uma personagem importante porque relacionou a arma de fogo encontrada em sua casa à maneira intrigante do ex-marido de falar sobre as transformações que o governo estava causando no país e as visitas incessantes e intrigantes do motorista de Jiménez, o antigo juiz (Belli, 2010: 264). O depoimento que passou de Ernestina a José de la Aritmética foi suficiente para Eva Salvatierra relacionar as informações e montar uma operação de captura dos suspeitos pelo atentado, antes que conseguissem fugir de Faguas (Belli, 2010: 266).

Ainda foram mencionadas outras mulheres no romance, mas apenas outras duas são nomeadas: Mercedes e Olga. A primeira trabalha em casa, produzindo xaropes para raspados. Ela possuía a admiração de seu marido, José de la Aritmética, que sem ela não teria com o que trabalhar. Ela cuidava das filhas e da casa e o marido sabia a importância dela para a família. Contudo, mesmo com o planejamento do governo para ensinar aos homens a domesticidade, Mercedes era a única responsável pelos trabalhos domésticos. Olga, por outro lado, era uma mulher que gostaria de trabalhar fora, mas foi obrigada a aceitar a domesticidade assim que se casou. O marido não podia lidar com a vergonha de não ser visto pela sociedade como provedor, nem de enfrentar a insegurança de Olga conviver com outros homens. Após vários anos sem exercer a profissão, quando o PIE tirou os homens dos cargos

públicos, ela conseguiu seguir a carreira para qual se preparou sem que Petronio sentisse ciúme – já estava “velha” e ele já não tinha motivos para sentir ciúmes. Essa personagem mostra como muitas mulheres, mesmo sendo mais especializadas que os companheiros, são coagidas a abrir mão de sua independência para cuidar as filhas e a casa.

Estas são as personagens do romance que são mulheres e, em sua maioria, a favor das políticas difundidas pelo partido, para a melhoria das condições de vida, principalmente, das mulheres. Separamos outras seções para abordarmos as personagens masculinas.

### Os homens

Apesar de o título do romance sugerir um país onde vivam apenas mulheres, nem os homens nem sua masculinidade foram exilados de Faguas. Pelo contrário, aparecem muitas personagens homens com voz, o que é possível compreender uma vez que o romance propõe a valorização da feminilidade e das mulheres, não o exílio dos homens. Nos próximos parágrafos serão apresentadas as análises das personagens masculinas que são: José de la Aritmética, Dionísio, Emir, o magistrado Jiménez e Emiliano Montero.

### Emir

Emir é um brasileiro que depois de adulto se mudou para os Estados Unidos da América. Viviana o conheceu no avião, a caminho do Fórum das sociedades em Montevideú. A protagonista e ele tiveram uma ligação profunda no primeiro encontro e depois que Viviana explicou a ideia do partido, de transformar as relações de poder para acabar com as injustiças sociais, Emir quis ajudar. Primeiro ele conseguiu apoio financeiro, depois ficou ao lado de Viviana até o momento em que ela decidiu retirar os homens dos cargos públicos. Para Emir, a retirada dos homens de tais cargos era um exagero, seria como as mulheres cometerem a mesma opressão que sofrem. Ele não queria aceitar a posição da presidenta de que somente trocando de papel com as mulheres é que os homens entenderiam como suas maneiras de agir eram opressoras: *El poder tiene signo masculino y los hombres necesitan vivir en carne propia lo que significa ser marginales, que el otro sexo decida por ellos* (Belli, 2010: 174). Emir quis voltar aos Estados Unidos, mas a curiosidade sobre a experiência do novo modelo que seria implantado naquele país fez com que decidisse permanecer em Faguas (Belli, 2010: 200).

Há uma parte interessante desse diálogo, que funciona como justificativa para o enredo e que remete para uma intencionalidade típica do romance de tese, em que, na ficção, se experimenta um programa de transformação do real. Aqui se parte do princípio de que a ficção pode agir sobre o real quando a realidade social também é percebida como uma construção:



[...] Sigo creyendo que creando situaciones que no tienen nada que ver con la realidad, no vas a cambiar la realidad... –Pues mirá que ustedes, los hombres, cambiaron la realidad creando una situación que no tenía nada que ver con la realidad... –Precisamente. Fue una estupidez. Entonces ¿por qué repetirla? (Belli, 2010: 200)

Emir iniciou sua argumentação estabelecendo que os papéis de gênero e as relações de poder eram naturais e sempre existiram como tal, mas Viviana contestou. Ela mostra que os homens foram os primeiros a definir as relações de poder e as funções de cada pessoa, em relação aos atributos socialmente construídos para cada identidade sexual. Ou seja, os homens foram os primeiros a transformar a realidade, criando um sistema artificial que funcionava bem para a maioria dos homens, mas que não era mais do que um sistema de dominação masculino e de subalternização das mulheres. Ao ser confrontado pelo posicionamento de Viviana ele percebeu que deveria mudar sua arguição e tentou mostrar que a atitude realizada pelos homens há muitos anos fora um erro e por isso aquelas mulheres não deveriam repeti-lo, afinal eram *dignas de mejor causa* (Belli, 2010: 113). Por fim, Emir percebeu que o projeto de Viviana era bom e que ela teve grande sucesso ocupando a presidência.

#### José de la Aritmética

O senhor José de la Aritmética vende raspados nas ruas. Ele segurou a presidenta antes que ela caísse ao levar dois tiros e por isso foi chamado por Eva Salvatierra para depor. Para ele, os projetos do partido como as cantinas comunitárias, os afazeres necessários aos bairros e a retirada dos homens dos cargos públicos foram grandes oportunidade para que as mulheres pudessem trabalhar, para que as pessoas dos bairros se ajudassem mais, vivessem mais em comunidade e mantivessem a cidade limpa e organizada. Ele aprova o governo sobretudo porque todas as suas filhas tiveram possibilidade de conseguirem empregos. Mas, apesar de apoiar quase todas as posições do governo, ainda é um homem e criticou a apreensão dos violadores em uma cela a céu aberto e a obrigação da tatuagem nas testas dos reincidentes.

Ele estava sempre caminhando pela cidade, por isso se envolvia com várias histórias (Belli, 2010: 58-59). Por estar sempre conversando com as pessoas, ele soube que as leis e reformas propostas pelo PIE eram apoiadas por muitas mulheres e que muitos homens também puderam aproveitar a temporada que estiveram em suas casas: *Hilario [...] hasta le llegó a confesar que sin esa medida de la Presidenta, él jamás se habría percatado del gusto que le daba ver crecer a sus hijos de cerca* (Belli, 2010: 60). Ele também viu que muitos homens deixaram seus cargos sem relutar e que acreditaram nas capacidades das mulheres para realizar aquela missão (Belli, 2010: 63). Ele foi a principal testemunha das transformações realizadas pelo PIE e por sua curiosidade, por estar em contato com muitas pessoas, conseguiu pistas sobre o atentado.

#### Jiménez

Esta personagem representa os maus políticos que Gioconda Belli encontrou durante sua trajetória. Foram políticos que se apropriaram da ajuda de outros países a pessoas mais necessitadas, que escravizavam e estupravam mulheres e não ofereciam condições de vida dignas às cidadãs. Tal como os homens que encontrou ao enfrentar a ditadura e quando participou do novo governo da Nicarágua, Jiménez é a personificação do político que transforma as leis para legislar em causa própria e atender as necessidades dos seus iguais, sem se preocupar com quem enfrentam.

Jiménez é importante, por ser um grande antagonista do romance, foi por suas atitudes que as mulheres do PIE buscaram uma nova maneira de governar e fazer política. E, no final ele é preso junto aos outros autores do atentado contra a presidenta.

#### Petrônio, Dionísio e Emiliano

Esses três personagens têm uma característica em comum: acreditam que as atividades femininas devem ser domiciliares, privadas; que a feminilidade é uma característica inferior à masculinidade; e, que as mulheres devem sobretudo, satisfazer os homens (Belli, 2010: 80, 137, 224).

Petrônio é um personagem ciumento, entretanto não comete violência física contra sua esposa. A agressão cometida contra Olga, sua companheira, foi impedi-la de se realizar profissionalmente. Ainda que ela fosse mais competente e mais capacitada, Petrônio argumentou que ele precisava de seus serviços mais que a sociedade de Faguas. Outra razão para a proibição da vida pública da mulher era a vergonha que sentiria em relação aos outros homens, por não ser o único provedor: *Quando eran jóvenes nunca dejó que Olga trabajara. ¿Qué iban a decir sus amigos, la gente, si él no podía mantenerla? ¿Pero mis estudios? Soy ingeniera industrial y el país necesita gente preparada como yo. Más te necesito yo. Eso le respondió* (Belli, 2010: 80). No dicionário Oxford de literatura clássica, há um verbete que mostra Petrônio como um escritor romano, que erroneamente foi ordenado a não seguir Nero, ação que resultou em seu suicídio. Neste verbete Petrônio também é caracterizado como: *indolente em sua vida cotidiana, porém capaz de mostrar energia na vida pública* (Harvey, 1998: 391-392). Tal como o escritor, o Petrônio de Belli também é preguiçoso para realizar tarefas domésticas. No romance da Gioconda Belli esse personagem foi obrigado a abandonar seu emprego, que era um cargo público. Entretanto, ao invés de aprender a domesticidade, se sentia deprimido e desinteressado (Belli, 2010: 79-80).

Dionísio é violento e batia na esposa. Para deixar tal comportamento, passou a frequentar uma igreja, entretanto, ao invés de se tornar um homem afetuoso, adquiriu um comportamento estranho (Belli, 2010: 224). Esse comportamento resultou da sua contratação para realizar o atentado à presidenta. Dionísio representa uma sociedade hipócrita que prega morais cristãs e, ao mesmo tempo, violenta mulheres, sem importar serem desconhecidas, companheiras ou filhas. O “comportamento estranho” que a autora descreve, serve para mostrar como os homens conseguem encontrar justificativas para descriminalizar suas atitudes.

Emiliano é muito religioso e comentou com a esposa que o encontro com Dionísio foi algo escolhido por deus (Belli, 2010: 51). Assim como muitos homens já usaram o sobrenatural como explicação para discriminar as mulheres, Emiliano também utiliza seu posicionamento religioso para defender a violência planejada contra a presidenta. Ele não aceita que mulheres (sobretudo de um partido com um nome que para ele era ridículo, como Esquerda Erótica) consigam vencer as eleições e busca tirá-las do poder, a qualquer custo (Belli, 2010: 53).

### 3.2.3 Elemento Perturbador: O Vulcão Mitre

Com o esforço de várias mulheres que se identificaram com a ideologia do PIE, que desafiaram as expectativas e as ironias dos políticos conservadores, “as eróticas” se colocaram ao centro das atenções durante a corrida eleitoral. Elas ofereceram aos partidos tradicionais tantos motivos para desvalorizá-las, que eles se esqueceram de mostrar as suas propostas políticas (Belli, 2010: 113-115). O reconhecimento internacional alcançado, as várias propostas de reformas e o apoio de muitas mulheres, permitiam às mulheres do PIE uma tranquilidade para falar sobre os objetivos e desejos do partido. Mesmo assim, com uma rara participação, a natureza se tornou aliada das mulheres, quando pouco antes das eleições, houve uma explosão do vulcão Mitre, que transformou o cenário eleitoral de Faguas.

As mulheres do partido se uniram para ajudar as famílias que sofreram com as perdas materiais, levaram suprimentos e água e Viviana convidou diversos artistas para que realizassem uma maratona televisiva que teve como objetivo arrecadar dinheiro para ajudar as pessoas afetadas pelo vulcão. Assim como a autora viveu desastres naturais e percebeu como as pessoas pobres sofreram com o descaso dos políticos, que utilizavam a ajuda internacional em benefício próprio; o acidente em Faguas serve para denunciar como o apoio da cooperação internacional destinado a emergências, acaba por ser usado por funcionários públicos, que aproveitam tais oportunidades para fazerem suas riquezas aumentarem.

Além dos danos materiais que a lava causou, que permitiram às mulheres do PIE demonstrarem sua preocupação em relação as situações das cidadãs e cidadãos de Faguas e seu esforço para transformar uma realidade; o principal evento relacionado as cinzas do Mitre foi a diminuição da quantidade de testosterona nos organismos dos homens, que os deixou mais serenos e apaziguados (Belli, 2010: 34). A explosão do vulcão funciona como *deus ex machina*, porque providencia uma justificativa para tirá-los do governo, uma vez que a redução da testosterona deixa os homens mais frágeis e cansados. Ou seja, se torna mais fácil convencê-los da necessidade deles de “descansar” e deixar as mulheres trabalharem sozinhas.

Essa diminuição dos níveis de testosterona é um recurso cômico do enredo e explica alguns eventos; mas também é um engodo e é contraditório à proposta do romance de mostrar que um governo de mulheres poderia transformar as relações e a natureza do poder. Ao relacionar a agressividade e violência, a hierarquia e opressão a uma característica biológica e não social, a autora essencializa o gênero masculino o que dificulta a transformação das relações e da natureza do poder a partir das trocas dos papéis sociais, porque naturaliza a violência nos homens. E, a partir dessa naturalização, mesmo que as mulheres dominassem os espaços públicos e se empoderassem, elas continuariam sofrendo com o machismo, porque os homens, que se considerariam naturalmente mais fortes e violentos, teriam mais poder para estarem no topo de um sistema hierárquico.

A diminuição do hormônio masculino também é um empecilho na hora de medir as transformações do país. Se, por um lado, é importante para mostrar às mulheres que seus desejos importam e que elas devem se unir para lutar por seus direitos, por outro, não permite avaliar se o julgamento dos homens em relação às mulheres é transformado graças aos projetos políticos do PIE. Essa diminuição da testosterona é uma barreira durante a análise do romance, porque dificulta a afirmação de que a ideologia do partido e suas ações foram suficientes para desconstruir o machismo nos homens ou que as diminuições nos níveis de violência e as melhores condições de trabalho e realização pessoal para as mulheres tenham sido temporárias, existentes exclusivamente enquanto os homens estavam enfraquecidos.

O romance também defende que a diminuição da masculinidade causada pelas cinzas do vulcão teve alguma importância para que o PIE conseguisse vencer as eleições. Esse é um evento que enfraquece o programa feminista por, em algum nível, defender que as mulheres apenas conseguiram as transformações planejadas porque os homens estavam “fragilizados”. Ao mesmo tempo que o romance usa a diminuição da testosterona para alegar que as características masculinas devem ser menos relevantes para se exercer o poder, ao relacionar a masculinidade a uma característica biológica se ignora que masculinidade e feminilidade são construções sociais e podem ser transformadas.

Por outro lado, a explosão do vulcão também pode ser entendida como uma afirmação das transformações realizadas pelo partido e por suas políticas feministas/felicistas. Depois de acabado o efeito das cinzas do vulcão e com o retorno dos hormônios masculinos a níveis normais, a sociedade já havia se transformado e as cidadãs se percebiam em maiores condições de igualdade. A diminuição dos hormônios masculinos foi temporária, mas os efeitos da inclusão de um programa feminista na política foram definitivos, ainda que precisassem ser reforçados e atualizados, provando que as relações entre os sexos são construções sociais e independentes de estruturas biológicas.

## Considerações finais

Entendemos o romance *El país de las mujeres* (2010) como um romance de tese, porque este subgênero pretende demonstrar ficcionalmente uma tese, usando o universo ficcional e as personagens como o contexto argumentativo em que se desenvolve a argumentação, a contra-argumentação e as conclusões. Neste sentido, vai além da mera enunciação de uma utopia, como acontece na narrativa de Belli, em que a ideia de impossibilidade, própria da utopia, é contrariada pelo desenvolvimento detalhado do programa ideológico e das estratégias de implementação encenadas na diegese.

O romance de tese se caracteriza pela repetição de um assunto, até que não reste dúvidas sobre a posição defendida pela autora. A tese apresentada pelo romance que analisamos se manifesta inequívoca: a valorização da feminilidade por toda a sociedade resultaria no fim da opressão das mulheres, uma vez que os “papéis de gênero” não seriam mais pré-estabelecidos e tanto homens quanto mulheres poderiam alcançar plena transcendência. A sociedade se encontraria mais justa e equitativa, a partir das divisões de afazeres domésticos, do cuidado de crianças e da realização profissional entre as cidadãs, independentemente do sexo. A transformação das relações de poder também seria um resultado da valorização da feminilidade, uma vez que homens e masculinidade deixariam de ser percebidos como naturalmente superiores, ou seja, seria destruída a hierarquia entre homens e mulheres.

A literatura feminista passou por um longo caminho para ser reconhecida atualmente como obras escritas por mulheres, que abranjam temas relativos à (des)igualdade de gênero, de maneira a levar a leitora a tomar uma posição. Mulheres eram criticadas por escreverem sobre suas realidades, algo que não acontecia com homens escritores, cujas obras tratava de assuntos “masculinos” e, mesmo assim, eram valorizadas pelo cânone. Pelo contrário, a literatura escrita por mulheres, principalmente sobre assuntos femininos, demorou para ser considerada literatura “de qualidade”. Belli passou por essa desvalorização em seu país, no início de sua carreira, mas atualmente é uma voz ressonante das mulheres, sobretudo, das mulheres da elite da Nicarágua. Acreditamos que o romance que analisamos pode ser classificado como feminista, em primeiro lugar, porque é escrito por uma mulher que se identifica como defensora do feminismo e acredita que o feminismo é uma ideologia que precisa ser renovada e espalhada pela sociedade – é possível afirmar que ela busca, de alguma maneira, espalhar o feminismo através de seus romances, sobretudo deste, cuja intenção podemos perceber desde o título. Outro motivo que nos leva a defender que este seja um romance feminista é que ele induz a leitora a perceber uma maneira diferente de se posicionar no mundo, tal como o faz a ideologia feminista.

O ginocentrismo é a vertente feminista na qual o romance se sustenta, porque se apoia nas diferenças entre os sexos, valoriza essas diferenças e defende que o feminino é tão importante para a

sobrevivência do mundo e da sociedade, quanto a masculinidade. As personagens deixam explícita essa posição quando decidem a importância de instaurar um governo ginocrático e retirar os homens do governo, uma vez que eles estavam acostumados demais com a maneira machista e patriarcal de impor o poder. A “ginocracia” provocada pelo PIE foi um ato simbólico pela maior valorização das características femininas, necessária para a tese do romance.

Durante a descrição das personagens, é possível perceber que a autora define a feminilidade também como a capacidade de sedução, como as formas bonitas e delicadas do corpo e relaciona ao respeito e cuidado com a vida e com as pessoas e aos valores voltados à vida em comunidade. Ao definir essas características como femininas ela exclui “temporariamente” mulheres que não possuem tais características, que não são vaidosas e não se preocupam com o estado do lugar onde vivem nem com o bem-estar das pessoas. Apesar de ser um essencialismo – por isso, redutor e excludente, sobretudo por ser um grupo de mulheres da elite que define a feminilidade –, a partir do momento em que as mulheres do país se identificam com a ideologia do partido (ginocentrismo), é possível afirmar que é um essencialismo estratégico (Spivak), porque tem como objetivo fazer com que as pessoas, principalmente as mulheres, valorizem as características femininas.

A maior parte das personagens femininas são caracterizadas sob o campo da feminilidade e elas se orgulham dessas características. Tanto as mulheres convencidas por Viviana Sansón de que a valorização do que era considerado feminino seria uma forma de se apoderar dos estereótipos, quanto as representadas por Leticia Montero, que defendia que mulheres e homens deviam aceitar sua natureza sem modificá-la, de maneira diversificada, abraçavam a feminilidade.

As mulheres do PIE buscavam uma reforma política a partir da exposição da importância da feminilidade. Houve contradições entre as personagens, porque a valorização da feminilidade vai de encontro ao posicionamento inicial de algumas personagens, que acreditam que o conceito de feminilidade sustentado pelas mulheres do PIE não contraria o *status quo*. Para essas mulheres, não contrariar o sistema machista e falogocêntrico é um posicionamento contrarrevolucionário e antifeminista, que solidifica as instituições patriarcais. Esta é uma questão que deve ser bem interpretada tanto para quem lê o romance quanto para quem lê sobre ginocentrismo: a valorização de “costumes femininos” não deve servir para manter as mulheres como únicas responsáveis pelos cuidados com a família e com o lar, pelo contrário, essa valorização deve acontecer para que homens possuam as mesmas qualidades das mulheres, logo que os trabalhos sejam divididos de maneira equitativa.

Através das ideias de Viviana, Belli define um programa político ficcional que essencializa a feminilidade ao alegar que todas as mulheres poderiam governar a partir da feminilidade. Entretanto, é a partir dessa essencialização que o romance propõe que as capacidades “de mulheres” devem ser estendidas para todas as pessoas, independentemente de sexo: *se trata de socializar la práctica del*

*cuido* (Belli, 2010: 103). A escritora defende a importância da feminilidade para se exercer poder, ao mesmo tempo que afirma que essa essência feminina não deve ser restringida às mulheres.

Há, porém, uma tentativa de superação desse ponto de partida essencialista, no sentido de uma transformação sócio-política que inverta os princípios-motores da organização da sociedade. Se, na sociedade patriarcal, domina o princípio que se veio a designar como “masculino”, na sociedade proposta por Viviana dominará o princípio que anteriormente fora tido como da “natureza feminina” e este perderá a sua associação a um dos sexos, para se demonstrar como próprio do humano. Ou seja, na base da própria ideia de transformação, está, no fundo, a ideia de que as identidades sexuais são construídas. A extensão do feminino a todas as pessoas não deixa de representar um caminho para a superação do binarismo de gênero, através de dinâmicas sócio-políticas desencadeadas pelas lutas das mulheres.

Sustentamos o posicionamento de que um dos objetivos do romance é fazer com que as mulheres se apropriassem dos estereótipos para desconstruí-los, ou seja, quando Viviana sugeriu a valorização das características femininas e que tais características se resumiam na capacidade de sedução, na sentimentalidade e intuição, etc. ela propunha que as mulheres se apoderassem desses estereótipos, se orgulhassem dessas criações e que elas ensinassem a todas as pessoas essa “natureza feminina”. Desta forma, os estereótipos femininos seriam desmontados, por serem considerados características necessárias para todas as pessoas.

Viviana afirma que a restrição ao terreno privado é o maior problema da feminilidade e que as “atitudes femininas” deveriam ser feitas por todas as cidadãs. Essa é a principal informação que nos ajuda a compreender que o romance é feminista, porque afirma que se as mulheres valorizassem as características que lhes eram inferidas e defendessem que eram positivas e necessárias para a transformação da natureza do poder, seria possível desconstruir o sistema machista e patriarcal que ainda hoje negligencia tudo o que é considerado feminino.

Para as protagonistas do romance, valorizar a feminilidade significaria torná-la indispensável tanto para os homens quanto para as mulheres. Quando todos os sexos se percebessem abrangidos por tais características (cuidado, responsabilidade com a outra e com o meio ambiente, erotismo, no sentido de dar e cuidar da vida e também de ter prazer consigo própria, entre outras), elas passariam a ser consideradas neutras e não apenas femininas. É possível perceber que o romance apresenta a possibilidade da universalização de “características sexuais” e superação do binarismo, que propõe hierarquia entre os sexos, resultando na opressão das mulheres. Assim, o romance também expõe a possibilidade da transformação das relações de poder, uma vez que, sem hierarquia de sexo seriam desconstruídos os “papéis de gênero”.

O fim da violência contra as mulheres também resultaria da valorização da feminilidade. Como já afirmamos, a vertente feminista ginocêntrica defende que a opressão das mulheres reside na

desvalorização das características femininas (opressão sustentada pelo sistema falocêntrico, e pelo binarismo, que dispõe uma ideia como negação de outra, tornando-a inferior e dispensável). O romance, tal como o feminismo ginocêntrico, mostra que valorizar a feminilidade e “democratizá-la”, ou seja, ensinar tais características a todas, é um passo importante para desconstruir o sistema binário de gênero e falocêntrico.

Gostaríamos de encerrar essa pesquisa reafirmando a escolha por escrever sobre Gioconda Belli, que possui um contexto de escrita muito forte, tendo participado da revolução contra a ditadura na Nicarágua, país onde a escritora nasceu e que também é um grande exemplo de lutas feministas para a América Latina. Belli lutou pelos direitos das mulheres, foi pioneira ao enfrentar a sociedade e ao lutar por seus desejos em busca da transcendência, reservada aos homens. Além de criar os filhos, ela conseguiu se consagrar como escritora, tanto em seu país, quanto em outras partes do mundo.

Reafirmamos a importância de valorizar a escrita de uma mulher latino-americana e de apresentá-la desde uma perspectiva dos estudos culturais, ou seja, de enquadrar a análise na perspectiva política que o próprio teor e configuração do romance reclamam. Por fim, insistimos em existir e resistir como mulheres, latino-americana, luso-brasileira e feministas.



## Referências Bibliográficas

Addams, Jane (2006), "Women and public housekeeping", in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 187-188.

Arenal, E. (1981), "Two poets of the sandinista struggle", in *Feminist Studies*, 7(1), 19–27. Página consultada a 31.07.2015 em <http://doi.org/10.2307/3177666>.

Arlindo Correia (2003), "Gioconda Belli". Página consultada a 31.07.2015 em <http://arlindo-correia.com/020303.html>.

Asamblea Nacional Nicaragua (2015), "Listado de diputadas y diputados de la asamblea nacional" Página consultada a 31.07.2015 em <http://www.asamblea.gob.ni/listados-diputados/Bancadas-parlamentarias.pdf>.

Beauvoir, Simone de (1970), *O segundo sexo*, São Paulo: Difusão Europeia do Livro. [Vol. 1 e Vol. 2].

Belli, Gioconda (1988), *La mujer habitada*. Consultado a 14.10.2015 em [http://victorianocaballero.udem.edu.ni/wp-content/uploads/2014/11/giocondabelli\\_mujerhabitada.pdf](http://victorianocaballero.udem.edu.ni/wp-content/uploads/2014/11/giocondabelli_mujerhabitada.pdf).

\_\_\_\_\_ (1998), "Poemas y otros escritos". Consultado a 22.07.2015 em <http://laprensadelazonaoeste.com/LIBROS/Letra.B/B/Belli,%20Gioconda%20-%20Poemas%20y%20otros%20escritos.pdf>.

\_\_\_\_\_ (2001), *El país bajo mi piel – Memorias de amor y guerra*, Barcelona: Plaza & Janes.

\_\_\_\_\_ (2010), *El país de las mujeres*, Barcelona: Seix Barral.

Belli, G., Hood, E. W., & Ojeda, C. (1994), "Entrevista con Gioconda Belli", in *Chasqui*, 23(2), 125–132. Página consultada a 22.07.2015 em <http://doi.org/10.2307/29741138>.

Buikema, Rosemary; Smelik, Anneke (orgs.), *Women's studies and culture: a feminist introduction*. London: Zed Books.

Campbell, Duncan (2002), "Daughter of the revolution", *Jornal The Guardian*, de 13 de novembro. Consultado a 08.08.2015 em <http://www.theguardian.com/books/2002/nov/13/biography.duncancampbell>.

Candido, Antonio (1976), "A personagem do romance", in Candido, Antonio; Rosenfeld, Anatol; Prado, Decio de Almeida; Gomes, Paulo Emilio Salles (1976), *A personagem de ficção*, São Paulo: Editora Perspectiva, 51-80, [5ª ed].

Cunningham, Scott (2005), *Enciclopedia de cristais, pedras preciosas e metais*, São Paulo: Gaia, [3ª ed], tradução de Cacilda Rainho Ferrante. Versão eletrônica, consultada a 09.05.2016, em <https://wiccalivros.files.wordpress.com/2015/03/enciclop3a9dia-de-cristais-pedras-preciosas-e-metais-scott-cunningham.pdf>

El nuevo diario (2010), “El país de las mujeres”. Página consultada a 27.02.2016, em <http://www.elnuevodiario.com.ni/especiales/83776-pais-mujeres/>.

El tiempo (2010), “Um país governado por mujeres”. Página consultada a 17.10.2015, em <http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7882075>.

Encyclopedia (2005), “Belli, Gioconda”. Página consultada a 31.07.2015 em <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3435000033.html>.

Evas Urbanas (2013), “Las confesiones de Eva – Gioconda Belli (2da parte)”. Página consultada a 22.07.2015 em <https://www.youtube.com/watch?v=WUEY8bf-eR4>.

Gadea, María Teresa Blandón (2010), “Las mujeres nicaragüenses entre la situación de pobreza y los reclamos de ciudadanía”, *Movimiento Feminista Nicaragua*. Versão eletrônica, consultada a 22.05.2015, em [http://www.movimientofeministanicaragua.org/index.php?option=com\\_rokdownloads&view=file&Itemid=32&id=40:las-mujeres-nicaraguenses-entre-la-situacion-de-pobreza-y-ciudadania](http://www.movimientofeministanicaragua.org/index.php?option=com_rokdownloads&view=file&Itemid=32&id=40:las-mujeres-nicaraguenses-entre-la-situacion-de-pobreza-y-ciudadania).

Gadea, María Teresa Blandón (org.) (2011). *Los Cuerpos Del Feminismo Nicaraguense*. Versão eletrônica, consultada a 24.05.2015, em [http://www.movimientofeministanicaragua.org/index.php?option=com\\_rokdownloads&view=file&Itemid=32&id=45:los-cuerpos-del-feminismo-nicaraguense](http://www.movimientofeministanicaragua.org/index.php?option=com_rokdownloads&view=file&Itemid=32&id=45:los-cuerpos-del-feminismo-nicaraguense).

Gilligan, Carol (2006), “Moral orientation and moral development”, in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 200-210.

González, Victória (1995), “La historia del feminismo en Nicaragua: 1837-1956”, *La Boletina, Puntos de Encuentro*, 22. Versão eletrônica, consultada a 26.05.2015, em <http://puntosdeencuentro.org/index.php/es/la-historia-del-feminismo-en-nicaragua-1837-1956>.

\_\_\_\_\_ (2002), *From feminism to somocism: women’s rights and right wing politics in nicaragua, 1821-1979*. Tese para defesa de doutoramento em filosofia. Versão eletrônica, consultada a 22.06.2015, em [http://memoriacentroamericana.ihnca.edu.ni/uploads/media/From\\_feminism\\_to\\_somocism.pdf](http://memoriacentroamericana.ihnca.edu.ni/uploads/media/From_feminism_to_somocism.pdf).

González-Rivera Victória (2005). “Nicaraguan feminist josefa toledo de aguerri (1866-1962): her life and her legacy”. *Diálogos Revista Electrónica de Historia*, (5, 1-2), 1-22. Versão eletrônica, consultada a 21.05.2015, em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=43926968011>.

\_\_\_\_\_ (2011). *Before the revolution: women’s rights and right wing politics in Nicaragua, 1821-1979*. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press. Versão eletrônica, consultada a 22.06.2015, em [https://books.google.pt/books?id=0k33DgWpXqEC&pg=PA38&hl=pt-PT&source=gbs\\_toc\\_r&cad=3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=0k33DgWpXqEC&pg=PA38&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false).

Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally (2006), *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press.

Hagene, Turid (2005), "Leading women. Reflections on gender struggle at work in nicaragua and norway, late twentieth-century". *Diálogos Revista Electrónica de Historia*, vol. 5, núm. 1-2, pp. 1-34 Versão eletrônica, consultada a 22.05.2015, em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=43926968012>.

Halleck, Kenia (2001), "Literature: Interview Gioconda Belli By Kenia Halleck" *BOMB Magazine*, 74, s/n, Versão eletrônica, consultada a 14.08.2015, em <http://bombmagazine.org/article/2377/>.

Harvey, Paul (1998), "Dicionário Oxford de Literatura Clássica. Grega e Latina", Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro. Tradução de Mário da Gama Kury.

Hansen, Suzy (2002), "Sex, lies and revolution", *Jornal Salon*, de 10 de dezembro. Versão eletrônica, consultada a 12.08.2015 em <http://www.salon.com/2002/12/10/belli/>.

Hooks, bell (2006), "Seduced by violence no more", in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 333-335.

Hoover, Elisabeth (2011), "Interview with Nicaraguan writer Gioconda Belli", *Jornal Sampsonia Way*, de 23 de maio. Versão eletrônica, consultada a 13.08.2015 em <http://www.sampsoniaway.org/blog/2011/05/23/interview-with-nicaraguan-writer-gioconda-belli/>.

Humm, Maggie (1996), "Into the millennium: feminist literary criticism", *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 48, 45-59.

Lagos, Ramona (2003), "Metáforas de lo Indecible: Gioconda Belli, Lucía Guerra, Ángeles Mastretta". Santiago: Editorial cuarto propio. Consultado a 22.07.2015 em <https://books.google.pt/books?id=ld83C837PNMC&printsec=frontcover&hl=pt-PT>.

Laguna, Candida (2008), "Educación popular y movimiento de mujeres en nicaragua: alianzas y retrocesos" in: Verschuur, Christine (dir.) *Vents d'Est, vents d'Ouest: mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux*. Versão eletrônica, consultada a 23.06.2015, em [http://graduateinstitute.ch/home/research/centresandprogrammes/genre/publications/actes\\_colloques/actes-2008.html](http://graduateinstitute.ch/home/research/centresandprogrammes/genre/publications/actes_colloques/actes-2008.html)

Las Mujeres (2011), "Gioconda Belli". Página consultada a 13.08.2015 em <http://www.lasmujeres.com/belligioconda/>.

Latin American Studies (1998), "Testimonio de Zoilamérica Narváez contra su padrastro Daniel Ortega. Página consultada a 29.05.2015, em <http://www.latinamericanstudies.org/nicaragua/zoilamerica-testimonio.htm>.

Literofilia (2013), "Para escribir hay que vivir" Gioconda Belli. 15 de abril. Versão eletrônica, consultada a 15.08.2015, em <http://literofilia.com/?p=11080>

López Miranda, Margarita. (1988). *Una chontalena en la educación nacional. Biografía de Josefa Toledo de Aguerri*. Juigalpa, Chontales, Nicaragua: Asociación de Ganaderos de

Chontales/ASOGACHO. Versão eletrônica, consultada a 24.05.2015, em <http://es.slideshare.net/arithebear1/una-chontalea-en-la-educacin-nacional>.

Lorde, Audre (2006), "Uses of the erotic: the erotic as power", in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 188-192.

\_\_\_\_\_ (2006), "Age, race, class, and sex: Women redefining difference", in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 292-297.

Loreto, Maria D. Saraiva de, Montoya, Álvaro J. & Teixeira, Karla M. D. (2015). "O perfil socioeconômico das donas de casa na Nicarágua". *Revista Estudos Feministas*, 23(1), 53-70. Versão eletrônica, consultada a 21.05.2015, em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2015000100053&lng=en&lng=pt.10.1590/0104-026X2015v23n1p/053](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100053&lng=en&lng=pt.10.1590/0104-026X2015v23n1p/053).

Macedo, Ana Gabriela; Amaral, Ana Luísa (orgs.) (2005), *Dicionário da crítica feminista*, Porto: Edições Afrontamento.

Meijer, Maaïke (1993), "A manual for self defense: feminist literary theory", in Buikema, Rosemary; Smelik, Anneke (orgs.), *Women's studies and culture: a feminist introduction*. London: Zed Books, 27-39.

Mills, Sara; Pearce, Lynne (1996), *Feminist readings/feminists reading*, London: Prentice Hall.

Moisés, Massaud (1999), *Dicionário de termos literários*, São Paulo: Cultrix.

Montenegro, Rosário (2012). "El voto femenino en Nicaragua: una historia oculta". *Revista Encuentro*, 91, 91-115. Versão eletrônica, consultada a 22.06.2015, em <http://encuentro.uca.edu.ni/images/stories/2012/pdf/91e/Elvotofemenino.pdf>.

National Women's Political Caucus (2014), "Statistics, Women in Congress". Página consultada a 31.07.2015 em <http://www.nwpc.org/statistics#governors>.

PIE – Partido de la Izquierda Erótica (2010), "Los orígenes del felicismo". Página consultada a 20.10.2015, em <http://www.partidoizquierdaerotica.com/2010/10/31/los-origenes-del-felicismo/>

Reis, Carlos; Lopes, Ana C. Macário. (2011), *Dicionário de Narratologia*, 7ª ed. Coimbra: Almedina.

Sau, Victoria (1981), *Un diccionario ideológico feminista*. Barcelona: Icaria.

Semana (2010), "'Deseo habitar en el país de las mujeres': Gioconda Belli", Página consultada a 05.01.2016, em <http://www.semana.com/entretenimiento/articulo/deseo-habitar-pais-mujeres-gioconda-belli/120764-3>.

Suleiman, Susan Rubin (1993), *Authoritarian Fictions: the ideological novel as a literary genre*. New Jersey: Princetown University Press. Versão eletrônica, consultada a 27.03.2016, em [https://openlibrary.org/books/OL1726161M/Authoritarian\\_fictions](https://openlibrary.org/books/OL1726161M/Authoritarian_fictions)

Tiempo Argentino, infonews (2010), “El triunfo inesperado de las mujeres y de la izquierda erótica”. Página consultada a 22.10.2015, em <http://tiempo.infonews.com/nota/121968/el-triunfo-inesperado-de-las-mujeres-y-de-la-izquierda-erotica>

UNESCO (2006). “Memory of the world register. National Literacy Crusade”. Página consultada a 25.05.2015, em [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/nomination\\_forms/nicaragua\\_literacy.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/nomination_forms/nicaragua_literacy.pdf).

Whitman, Walt (1965), *Leaves of Grass*. New York: New York University Press.

Young, Iris (2006), “Humanism, gynocentrism and feminist politics” in Hackett, Elizabeth; Haslanger, Sally, *Theorizing Feminisms: A reader*, New York: Oxford University Press, 174-187.

Zola, Emile (1880), *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São paulo: Editora perspectiva. Versão eletrônica, consultada a 27.02.2016, em [http://www.usp.br/cje/anexos/depaula/o\\_romance\\_experimental\\_zola.pdf](http://www.usp.br/cje/anexos/depaula/o_romance_experimental_zola.pdf)